

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIENCIAS HUMANAS

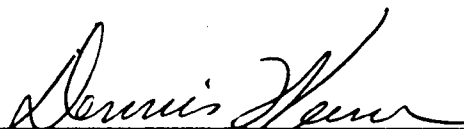
Orientação sexual masculina
numa comunidade pesqueira

Dissertação apresentada ao curso
de Mestrado do Programa de Pós-
Graduação em Antropologia So-
cial.

por FERNANDO LUIZ CARDOSO.

Florianópolis, 01 de setembro de 1994.

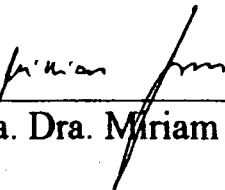
Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Antropologia. Aprovado pela Banca examinadora composta pelos seguintes professores:



Prof. Dr. Dennis Werner



Profa. Dra. Chandal Meirelles Nasser



Profa. Dra. Miriam Pillar Grossi

Orientação sexual masculina
numa comunidade pesqueira

FERNANDO LUIZ CARDOSO

Apresenta a Dissertação

Banca Examinadora:

Dr. Dennis Wayne Werner - orientador

Dra. Chandal Maria Meirelles Nasser

Dra. Miriam Pillar Grossi

Dra. Eliana Ternes Pereira (suplente)

RESUMO

Este estudo analisa o debate entre "essencialistas" (que enfatizam as explicações biológicas) e "construtivistas" (que enfatizam as explicações simbólicas quanto à sexualidade). Foi realizada uma pesquisa com quarenta e um homens em uma comunidade pesqueira com um padrão "mediterrâneo" de sexualidade, onde o critério de diferenciação para a "homossexualidade" se baseia na posição do ato sexual ("passivo" e "ativo") e não no sexo do parceiro com quem se transa. A pesquisa mostrou que os "paneleiros" (homossexuais convictos) demonstraram características típicas dos "homossexuais" em outras culturas (padrões e preferências sexuais, maior feminilidade, preferências esportivas, brincadeiras infantis prediletas). Uma distinção entre os "curtidores de paneleiros" (homens que tem práticas sexuais assíduas ou esporádicas com "homossexuais") e os "heterossexuais convictos" (que não mantem relações sexuais com os paneleiros) ajudaram a esclarecer o conceito de orientação sexual. Os "curtidores de paneleiros" se situam entre os "homossexuais" e os "heterossexuais" convictos quanto à feminilidade, preferência esportiva e brincadeiras infantis prediletas. Estes achados apóiam a idéia de que a cultura molda as identidades e as práticas sexuais das pessoas que se situam no meio desse contínuum "homossexualidade-heterossexualidade". Mas, afeta menos os extremos. A orientação sexual seria assim, menos maleável em relação à cultura.

Palavras chaves: construtivismo, essencialismo, orientação sexual, sexualidade masculina, homossexualidade, bissexualidade, gênero.

ABSTRACT

This study analyzes the debate between "essentialists" (who emphasize biological explanations) and "constructionists" (who emphasize symbolic explanations) with regard to male sexuality. The project studied 41 men in a fishing community with a "mediterranean" pattern of sexuality, where the criterion for defining "homosexuality" is based on sexual acts/positions ("active" versus "passive"), and not on the sex of one's partner during sexual encounters. The research showed that the "paneleiros" (confirmed homosexuals) demonstrate traits typical of homosexuals in other cultures: specific sexual patterns and preferences, greater femininity, specific sports preferences, preferred child play activities. A distinction between those who enjoy "paneleiros" (those who maintain regular or sporadic sexual activities with "homosexuals" and "confirmed heterosexuals" (who do not have sexual relations with the "paneleiros")) helps to clarify specific notions of sexual orientation. With regard to femininity, sports preferences and childhood play preferences, the "enjoyers of paneleiros" rate between the "homosexuals" and the "confirmed heterosexuals". These results support the idea that culture molds the sexual identities and practices of those located in the middle of the homosexual-heterosexual continuum, but has less effect on the extremes of this continuum. Sexual orientation itself is less affected by cultural constraints.

Keywords: constructionism, essentialism, sexual orientation, masculine sexuality, homosexuality, bisexuality, gender.

SUMARIO

INTRODUÇÃO.....	12
I - CAPITULO I: POR UMA ESSENCIA DOS CONSTRUCTOS SOCIAIS	
1.1. Pressupostos essencialistas e construtivistas sobre sexo.....	15
1.1.1. Análise dos papéis sexuais na Antropologia.....	16
1.2. Pressupostos essencialistas e construtivistas sobre sexualidade.....	21
1.2.1. Biologia e sexualidade.....	22
1.2.2. Variação cultural da sexualidade humana..	36
1.3. Fontes de desentendimento entre as duas correntes.....	45
1.3.1. Problemas de conceito.....	46
1.3.2. Orientação sexual.....	48
1.3.3. Evidências à luz desses diferentes critérios.....	52
II - CAPITULO II: METODOLOGIA	
2.1. A lógica da metodologia.....	58
2.2. População e amostra.....	60
2.3. O campo.....	61
2.3.1. A pesquisa em Ganchos.....	61
2.3.2. Coleta de dados.....	63
2.3.3. Entrevista roteirizada.....	64
2.3.4. Avaliação dos pares.....	65
2.3.5. Avaliação dos valores culturais.....	65
2.4. Organização dos dados.....	66
2.5. Construção de variáveis.....	70
2.6. Análise dos dados.....	72
III - CAPITULO III: GANCHOS - UM CASO ETNOGRAFICO	
3.1. Contextualização.....	73
3.1.1. Generalidades do local.....	73
3.1.2. O espírito gancheiro.....	79
3.1.3. Pesca.....	81
3.1.4. Farra do boi.....	84
3.1.5. Papéis sexuais.....	86
3.1.6. Casamento.....	91
3.1.7. Infância.....	98
3.1.8. Brincadeiras sexuais.....	102

3.2.	Sexualidade masculina.....	112
3.2.1.	Generalidades.....	112
3.2.2.	Práticas e orientações sexuais.....	115
3.2.3.	Identidade masculina.....	133
3.2.3.1.	O valor da masculinidade.....	133
3.2.3.2.	Identidade paneleira.....	149
3.2.4.	Espaço e sexualidade.....	158
3.2.4.1.	No barco.....	159
3.2.4.2.	Na farra do boi.....	162
3.3.	Considerações finais.....	164
IV - CAPITULO IV: ANALISE E DISCUSSAO DOS DADOS		
4.1.	Introdução.....	169
4.2.	Categorias sexuais éticas.....	169
4.3.	Categorias sexuais êmicas.....	170
4.3.1.	"Os paneleiros".....	171
4.3.2.	"Os homens".....	175
4.4.	As variáveis sexuais da pesquisa.....	183
4.5.	Características das categorias sexuais "panelei- ros", "curtidores de paneleiros" e "homens con- victos".....	186
4.5.1.	"Paneleiros".....	186
4.5.1.1.	A sexualidade.....	186
4.5.1.2.	A personalidade.....	187
4.5.1.3.	A infância.....	189
4.5.1.4.	As preferências esportivas.....	191
4.5.2.	"Curtidores de paneleiros".....	193
4.5.2.1.	A sexualidade.....	194
4.5.2.2.	A personalidade.....	198
4.5.2.3.	A infância.....	200
4.5.2.4.	As preferências esportivas.....	202
4.5.3.	"Homens convictos".....	205
4.6.	Características das categorias sexuais "curtido- res assíduos" e "curtidores esporádicos".....	205
4.6.1.	A sexualidade.....	206
4.6.2.	A personalidade.....	208
4.6.3.	A infância.....	209
4.6.4.	As preferências esportivas.....	211
4.7.	Considerações finais.....	214
V -	CONCLUSAO.....	218
	BIBLIOGRAFIA.....	223

LISTA DE ANEXOS

ANEXO I	- Tabela dos critérios construtivistas.....	228
ANEXO II	- Tabela dos critérios essencialistas.....	230
ANEXO III	- Roteiro da entrevista.....	232
ANEXO IV	- Pesquisa de opinião pública (amostragem).....	239
ANEXO V	- Pesquisa de opinião pública (valores culturais)	242
ANEXO VI	- Lista de variáveis.....	246

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01	- Taxonomia das categorias sexuais da pesquisa a partir do resultados das pesquisas de opinião pública.....	185
FIGURA 02	- Taxonomia das categorias sexuais da pesquisa a partir da análise qualitativa e observações em campo.....	185

LISTA DE TABELAS

TABELA 1.1 - Possibilidades de prática e identidade para indivíduos com orientação homossexual.....	48
TABELA 1.2. - Variação da ereção sexual entre homossexuais e heterossexuais mediante estímulos visuais pornográficos.....	51
TABELA 1.3. - Conceitos e critérios para a homossexualidade.....	55
TABELA 3.1. - População do município de Governador Celso Ramos de acordo com a variação de idade e sexo.....	77
TABELA 3.2.- População dos setores 1, 2 e 3 do município de Governador Celso Ramos de acordo com o sexo.....	78
TABELA 4.1 - Nível de concordância entre os informantes especiais quanto à pergunta: transam com outros homens. (Variável VIADO) (r de pearson) (n=41).....	171
TABELA 4.2 - Nível de concordância entre os informantes especiais quanto à pergunta: dão para homens? (Variável PANEL) (r de pearson) (n=41).....	171
TABELA 4.3 - Nível de concordância entre os informantes especiais quanto à pergunta: transam com guris novos? (Variável TRANSGUR)(r de pearson) (n=41).....	172
TABELA 4.4 - Nível de concordância entre os informantes especiais quanto à pergunta: se excitam quando dão para homens? (Variável EXCITDAR) (r de pearson) (n=41).....	172
TABELA 4.5 - Nível de concordância entre os informantes especiais quanto à pergunta: são mais femininos? (Variável FEMIN) (r de pearson) (n=41).....	173
TABELA 4.6 - Nível de concordância entre os informantes especiais quanto à pergunta: são "paneleiros"? (Variável ÉPANEL) (r de pearson) (n=41).....	173
TABELA 4.7 - Nível de concordância entre os informantes especiais quanto à pergunta: se assumem "paneleiros"? (Variável ACHPANEL) (r de pearson) (n=41).....	174
TABELA 4.8 - Nível de concordância entre os informantes especiais quanto à pergunta: acham-se mais femininos? (Variável ACHEFEM) (r de pearson) (n=41).....	174
TABELA 4.9 - Nível de concordância entre as médias das respos-	

tas de cada pergunta feita aos entrevistados especiais até o momento. (r de pearson) (n=41).....	175
TABELA 4.10 - Nível de concordância entre os informantes especiais quanto à pergunta: comem homens? (r de pearson) (n=41)	176
TABELA 4.11 - Nível de concordância entre os informantes especiais quanto à pergunta: comem mulheres? (r de pearson) (n=41).....	176
TABELA 4.12 - Nível de concordância entre os informantes especiais quanto à pergunta: se excitam quando comem homens? (r de pearson) (n=41).....	177
TABELA 4.13 - Nível de concordância entre os informantes especiais quanto à pergunta: se excitam quando comem mulheres? (r de pearson) (n=41).....	177
TABELA 4.14 - Nível de concordância entre os informantes especiais quanto à pergunta: são mais masculinos? (r de pearson) (n=41).....	178
TABELA 4.15 - Nível de concordância entre os informantes especiais quanto à pergunta: são homens mesmo? (r de pearson) (n=41).....	178
TABELA 4.16 - Nível de concordância entre os informantes especiais quanto à pergunta: acham-se mais masculinos? (r de pearson) (n=41).....	179
TABELA 4.17 - Correlações entre a variável PANEL e as declarações feitas em entrevista acerca da orientação sexual.....	187
TABELA 4.18 - Ilustra a média de escores obtidos pelas categorias sexuais "paneleiros" e "homens" acerca de algumas variáveis extraídas da pesquisa de opinião pública.....	188
TABELA 4.19 - Média de feminilidade das brincadeiras de infância entre as categorias sexuais "paneleiros" e "homens".....	189
TABELA 4.20 - Média de feminilidade das tarefas do cotidiano entre as categorias sexuais "paneleiros" e "homens".....	190
TABELA 4.21 - Relação entre as categorias sexuais "paneleiros" e "homens" com algumas preferências esportivas.....	192
TABELA 4.22 - Correlações entre a variável CATEG1 e demais variáveis estatísticas da primeira parte da entrevista.....	194
TABELA 4.23 - Correlações entre a variável CATEG1 e as demais variáveis acerca da orientação sexual.....	195
TABELA 4.24 - Correlações entre a variável CATEG1 e demais variáveis da última parte da entrevista.....	196

TABELA 4.25 - Frequência das respostas dos entrevistados das categorias sexuais "paneleiros", "curtidores de paneleiros" e "homens convictos" contida na variável direta BABO01.....	197
TABELA 4.26 - Ilustra a média de escores obtidos pelas categorias sexuais "paneleiros", "curtidores de paneleiros" e "homens convictos" acerca de algumas variáveis extraídas da pesquisa de opinião pública.....	199
TABELA 4.27 - Correlações entre a categoria CATEG1 e demais variáveis da entrevista e da pesquisa de opinião pública...	199
TABELA 4.28 - Grau de feminilidade das brincadeiras de infância entre as categorias sexuais "paneleiros", "curtidores de paneleiros" e "homens convictos".....	200
TABELA 4.29 - Média de feminilidade das tarefas do cotidiano entre as categorias sexuais "paneleiros", "curtidores de paneleiros" e "homens convictos".....	201
TABELA 4.30 - Relações entre as categorias sexuais "paneleiros", "curtidores de paneleiros" e "homens convictos" com algumas preferências esportivas.....	202
TABELA 4.31 - Nível de correlação entre a variável CATEG1 e as atividades esportivas da variável I60.....	203
TABELA 4.32 - Correlações entre a categoria CATEG1 e as variáveis PESCAT e PESCPAS.....	204
TABELA 4.33 - Correlações entre as variáveis PI, P2 e a variável CATEG1.....	204
TABELA 4.34 - Correlações entre as variáveis IMPASSID e IMPESPOR e demais variáveis da primeira parte da entrevista.....	206
TABELA 4.35 - Correlações entre as variáveis IMPASSID e IMPESPOR e as demais variáveis acerca da orientação sexual.....	207
TABELA 4.36 - Correlações entre as categorias IMPASSID e IMPESPOR e as demais variáveis da última parte da entrevista.....	208
TABELA 4.37 - Ilustra a média de escores obtidos pelas categorias sexuais "paneleiros", "curtidores assíduos", "curtidores esporádicos" e "homens convictos" acerca de algumas variáveis extraídas da pesquisa de opinião pública.....	209
TABELA 4.38 - Média de feminilidade das brincadeiras de infância entre as categorias sexuais "paneleiros", "curtidores assíduos", "curtidores esporádicos" e "homens convictos".....	210
TABELA 4.39 - Média de feminilidade das tarefas do cotidiano na infância entre as categorias sexuais "paneleiros", "curtidores assíduos", "curtidores esporádicos" e "homens convictos".....	210

tos".....	211
TABELA 4.40 - Correlações entre as categorias sexuais "pane- leiros", "curtidores assíduos", "curtidores esporádicos" e "homens convictos" com algumas atividades esportivas.....	212
TABELA 4.41 - Ilustra a média de escores obtidos pelas cate- gorias sexuais "paneleiros", "curtidores assíduos", "curtido- res esporádicos" e "homens convictos" acerca das variáveis "Trabalha atualmente na pesca?" (PESCAT) e "Já trabalhou na pesca embarcada?" (PESCPAS).....	213
TABELA 4.42 - Ilustra a média de escores obtidos pelas cate- gorias sexuais "paneleiros", "curtidores assíduos", "curtido- res esporádicos" e "homens convictos" acerca das variáveis "Nasceu fora?" (P1) e "Quanto tempo reside no local?" (P2)	214

I - INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por ambição maior, compatibilizar os conceitos e critérios essencialistas (de cunho biológico e comportamental) com os conceitos e critérios construtivistas (de cunho simbólico e cultural) acerca da sexualidade humana. Grande parte da discussão nesse intento, estará sustentada em estudos sobre a homossexualidade em diferentes culturas no mundo.

Trata-se de uma investigação muito difícil, pois além de se tentar identificar os pressupostos e valores que estão por trás de cada critério ou conceito, tanto para essencialistas como para construtivistas, tem-se que levar em consideração ainda a lógica que cerceia cada corrente de pensamento - a interpretação e a explicação.

O valor dessa pesquisa consiste em mostrar que apesar do processo de globalismo que vive o planeta, a diferença cultural persiste, se reestrutura e se reinventa a cada dia em muitas culturas e em todos os lugares. Esta situação exige muito cuidado na escolha de conceitos e critérios para se referenciar a sexualidade, pois os significados culturais para a mesma, variam de sociedade para sociedade. Mas, ao fazer esta comparação, não é preciso ressaltar apenas o diferente e o exótico, pode-se também tentar olhar o comum, o similar, tentando explicar assim, o por quê de terem significados diferentes.

Ao considerar aspectos biológicos e psicológicos da sexuali-

dade, talvez a Antropologia passe a acompanhar as recentes descobertas que outras áreas, como a Biologia e a Psicologia, têm realizado. A homossexualidade como exemplo de uma construção arbitrária, não se sustenta diante de algumas universalidades já detectadas no comportamento sexual humano. E o que se faz no sexo passa a ter relevância, quando consideramos que independente dos seus significados simbólicos, são práticas sexuais que produzem problemas como a AIDS, por exemplo.

A tentativa de conciliação teórica entre dois enfoques epistemológicos tão distintos, como o comportamento e o simbólico, ainda é algo atípico para a Antropologia Brasileira, apesar das recentes descobertas realizadas em outras áreas do conhecimento, que abordam principalmente o comportamento sexual humano. E a Antropologia com tantas contribuições para essas investigações, principalmente na área da cultura, não se pode situar a margem ou se fechar entre seus pares. Deve tomar conhecimento e contribuir com todo esse processo.

Ao tentar discutir comportamento e cultura no capítulo I, pretendo mostrar que é possível falar de comportamento sem falar do valor atribuído aos mesmos, isto é, o ato de copular é um fato observável, independentemente dos seus significados para as distintas culturas. Portanto, partir do princípio de que toda ação humana só pode ser entendida a partir do conceito nativo (como pressupõem muitos estudiosos) é, no mínimo, uma negação das origens filogenéticas humanas.

Ao elaborar uma etnografia no capítulo III, tento valorizar a

variação cultural da espécie humana, contribuição que a Antropologia vem dando há muito tempo às ciências humanas e sociais. Nesse sentido, apesar de alguns comportamentos sexuais similares, percebi muitos significados distintos entre a cultura em pauta e as outras culturas estudadas pela Antropologia. Significados esses que norteiam a construção da identidade masculina nas comunidades estudadas aqui: Canto dos Ganchos, Calheiros, Ganchos do Meio e Ganchos de Fora.

CAPITULO I

A essência dos constructos

1.1. Pressupostos essencialistas e construtivistas sobre sexo:

De forma simplista pode-se dizer que dois pressupostos teóricos concorrem para uma melhor explicação dos papéis sexuais masculino e feminino na espécie humana, o pressuposto simbólico ou construtivista e o pressuposto biológico ou essencialista.

Para os construtivistas o indivíduo nunca está pronto ou acabado. Até mesmo em termos biológicos, está havendo constantemente "impressões" da própria cultura sobre o organismo, impressões essas que moldam algumas estruturas morfo-funcionais. Assim, o organismo e as suas manifestações passam a ser também produto do ambiente e da cultura.

Os essencialistas de forma geral, concordam com os construtivistas até certo ponto, ou melhor dizendo, a partir de um certo ponto. Isto significa que, para os essencialistas, o homem em parte, também é produto da cultura e do meio, mas as potencialidades biológicas do indivíduo não podem ser desprezadas em qualquer análise que se faça.

Ao considerar o *Homo sapiens sapiens* um animal que chegou à

cultura, isto é , um animal que adquiriu a capacidade de simbolizar, segundo conceito de Geertz (1978), tal fato não impede que se estude o homem também do ponto de vista da biologia do comportamento, pois o homem tem um substrato biológico além das suas representações simbólicas.

1.1.1. Análise dos papéis sexuais na Antropologia:

Quando se fala em papéis sexuais na Antropologia, automaticamente somos remetidos às contribuições de Margaret Mead que, em 1935, percebeu que as tarefas e posturas para ambos os sexos variavam nas distintas culturas primitivas que estudou, e concluiu sobre a relatividade dos papéis sexuais - masculino e feminino - para a humanidade. Assim, Mead defendeu a idéia de que a cultura apóia-se em distinções artificiais, denominadas pela autora de bases naturais hipotéticas (Mead, 1988).

A maior evidência que Mead tinha na época para fundamentar sua hipótese, foi a variabilidade de personalidade e temperamento para indivíduos de ambos os sexos em três comunidades relativamente próximas geograficamente e bem distintas em termos culturais, a saber, Arapesh, Mundugumor e Tchambuli, em Papua - Nova Guiné. Os homens e mulheres Arapesh por exemplo, tinham um caráter social muito dócil e maternal, de uma passividade muito grande. Em contrapartida, os homens e mulheres Mundugumor detinham traços e comportamentos rudes, de uma agressividade extremada. E os Tchambuli inverteram os papéis sexuais típicos do Ocidente: as mulheres eram organizadoras e controladoras da economia, enquanto os homens eram vaidosos e casei-

ros. Nesse contexto, a autora sentiu-se a vontade para desconstruir ou desnaturalizar por completo as diferenças entre os sexos (Mead, 1988).

As contribuições que os diversos estudos de Mead trouxeram para as conquistas sociais em nossa sociedade, através da relativização do comportamento social humano, foram grandes, mas a autora generalizou demais algumas dessas evidências. Por exemplo, não prestou atenção às diferenças entre os sexos dentro de cada sociedade, e ateve-se apenas a uma comparação transcultural. Nesse sentido, não procurou diferenças no suposto grau de masculinidade ou feminilidade de homens versus mulheres sob o mesmo padrão cultural, isto é, os homens Arapesh possivelmente tinham mais sentimentos maternais do que as mulheres Mundugumor, mas eram menos maternais do que as mulheres Arapesh.

Apesar da grande variação cultural do *Homo sapiens sapiens*, muito bem observada por Mead e muitos outros antropólogos, existem alguns atributos universais a ambos os sexos que são inquestionáveis como, por exemplo, a potencialidade biológica da mulher para amamentar, fato que pode ter influenciado todo o processo evolutivo de diferenciação sexual.

Neste sentido, faz-se necessário citar White et alli (apud Werner, 1990), que realizaram uma pesquisa comparativa entre 185 sociedades "primitivas", onde perceberam certos padrões gerais na divisão do trabalho e nas atividades sociais em geral. Na grande maioria das sociedades, cabia aos homens atividades como a guerra,

a caça, a construção de barcos e a fabricação de instrumentos musicais, e às mulheres, o cuidado com os filhos, a coleta de alimentos selvagens, a busca de água e a preparação de comidas vegetais.

As atividades citadas por White et alli poderiam, segundo Kimura (1993), ter levado a uma seleção para certos traços de personalidade ou capacidades cognitivas durante o processo evolutivo. A melhor percepção espacial masculina, observada em seus estudos, provavelmente decorre da atividade de caça, com a necessidade de orientação geográfica nos longos trajetos atrás das presas.

Segundo testes realizados com ambos os sexos por Kimura (1993), as mulheres diferem dos homens nos seguintes itens: têm maior velocidade de percepção quando precisam combinar coisas similares misturadas em um conjunto de coisas, melhor memória quando objetos ou uma série de objetos estão dispostos em relação a um referencial, uma fluência ideacional superior quando devem listar objetos de mesma cor ou palavras que comecem com uma determinada letra, maior precisão nas tarefas que necessitam de coordenação motora fina, além de uma maior capacidade para cálculos matemáticos.

Já os homens se sobressaem em certas tarefas que exigem maior organização espacial: são melhores nos testes que envolvem manipulações de formas nas três dimensões, do tipo "cubo mágico", têm melhor lançamento direcionado, têm melhor percepção visual de fundo e são melhores que as mulheres em raciocínio matemático (Kimura, 1993).

Nesse sentido, conclui a autora que, relacionar as performan-

ces de homens e mulheres nos testes comportamentais com as diferenças morfológicas do cérebro de ambos os sexos, pode ser um bom caminho para entender melhor o processo evolutivo e adaptativo da nossa espécie, assim como o processo de dimorfização entre homens e mulheres.

Percebe-se na pesquisa de White et alli (apud Werner, 1990), que os papéis sexuais e as atividades sociais para homens e mulheres eram fortemente influenciados pela potencialidade feminina de amamentar. Isto é, dependendo do tipo de sociedade, se era coletora, pastoril ou agrícola, tais atividades poderiam variar um pouco, desde que essas se compatibilizassem com o trato e alimentação da prole.

No entanto, apesar do ato de amamentar ser um atributo biológico, Badinter (1985) e Grossi & Miguel (1990), nos chamam a atenção que o "mito do amor materno", modelo de relação da mãe com o seu filho nos termos atuais, naturalizado a partir do século passado é, em parte, uma construção cultural.

Um outro exemplo que pode demonstrar o debate entre argumentos culturais e biológicos nos papéis sexuais, é o caso dos "Guevedoces". O fenômeno "Guevedoce", encontrado na região noroeste da República Dominicana, caracteriza-se pela transição de papéis sexuais na adolescência, e envolve indivíduos com um par de cromossomos XY, característicos do sexo masculino, que têm a mesma aparência morfo-genital de indivíduos com um par de cromossomos XX, situação característica do sexo feminino. Essa situação é explicada pela não

atuação da forma ativa de um hormônio, a di-hidro-testosterona - responsável pela aparência masculina ao nascer - que leva alguns indivíduos machos a serem criados como meninas, independentemente do sexo morfológico que vai se manifestar na puberdade (Konner apud Werner, 1990).

Quando começa a produção da testosterona nos indivíduos "Guevedoces", cromossomicamente XY, ocorre o crescimento do pênis, descida dos testículos, definição de uma musculatura mais robusta, etc. Assim, os "Guevedoces" assumem então os papéis sexuais masculinos naquela sociedade como o casamento e a paternidade, sem crise de identidade aparente (Konner apud Werner, 1990).

Herdt (1990) discorda das conclusões de Konner quanto aos "Guevedoces" e faz referência a um similar fenômeno entre os Sábias de Papua - Nova Guiné. Segundo Herdt, autores como Konner não perceberam que dentre os Guevedoces e os Sábias não existiam apenas dois sexos morfológicos e dois gêneros, mas sim, dois sexos morfológicos e três gêneros. No caso da República Dominicana, um papel masculino, um papel feminino e o papel do "Guevedoce" - que traz em si a potencialidade de se tornar um homem.

Assim sendo, Herdt quer mostrar que o determinismo biológico pregado por autores essencialistas, como nesse caso, também é um determinismo cultural, pois os "Guevedoces" não são tomados de forma enganosa como meninas, mas são identificados como um terceiro gênero - com potencialidade para se tornar um indivíduo do gênero masculino.

Na tentativa de explicar as diferenças culturais, ou diferenças entre homens e mulheres a partir do pressuposto da construção cultural, deixaram-se de lado ou deixaram-se de reconhecer algumas diferenças, pelo menos estatísticas, entre os dois sexos que têm origem filogenética.

Nesse sentido, as mesmas questões quanto à construção cultural e as diferenças biológicas que se observaram na discussão antropológica sobre homens e mulheres, também ocorrerão na discussão sobre sexualidade.

1.2. Pressupostos essencialistas e construtivistas sobre sexualidade:

Na discussão anterior sobre papéis sexuais na Antropologia, percebe-se que os argumentos essencialistas levam uma certa vantagem em relação aos construtivistas, pois são mais evidentes as diferenças concretas ou biológicas entre o organismo do homem e o da mulher e sua morfo-funcionalidade. Assim sendo, os essencialistas consideram o simbolismo que envolve o comportamento humano, mas não desprezam as potencialidades biológicas que possam vir a influenciar o comportamento de homens e mulheres, sem determiná-lo completamente.

Na sexualidade de homens e mulheres as possíveis variações biológicas tornam-se mais difíceis e sutis, pois, a partir de agora, as evidências essencialistas e construtivistas passam a ser mais indiretas e menos óbvias de que aquelas que diziam respeito às diferenças entre os sexos.

1.2.1. Biologia e sexualidade:

A sexualidade perante o enfoque biológico, está relacionada ao processo de diferenciação sexual que atua a níveis de organização cromossômica, gonádica, genital, cerebral, comportamental e psicológica. O ser humano é sexualmente dimórfico. O dimorfismo é representado pela bissexualidade potencial: as células da gônada primordial tanto podem se desenvolver morfologicamente num sentido masculino como num sentido feminino, a partir da sétima semana de vida.

O sexo genético estabelecido na fecundação determinará o sexo gonadal. A ação hormonal da gônada promoverá a diferenciação e o desenvolvimento da genitália (sexo interno e externo), as características sexuais secundárias e a formação do sistema nervoso central nos dois sexos. Se nada interferir neste processo, ter-se-á um indivíduo biologicamente fértil (Opitz,1980).

Mas nem sempre tal fato acontece. Eventualmente pode haver interferência na definição do sexo genético ou no desenvolvimento do sexo gonadal e genital, casos englobados pelo conceito de intersexualidade (Opitz,1980). Este conceito está mais relacionado a imprecisão ou indefinição do sexo biológico e do papel de gênero do que à orientação sexual propriamente dita - heterossexualidade e homossexualidade.

Muitos são os mecanismos propostos para explicar a diferenciação sexual na espécie humana, sendo que estes mecanismos dependem

da constituição cromossômica. A constituição cromossômica de uma mulher é tipicamente XX e a do homem XY. Na reprodução, mais especificamente na fecundação, a mulher vai sempre contribuir com o cromossomo X, enquanto o homem pode transmitir o cromossomo X ou Y.

Em 1959 confirmou-se o papel determinante do cromossomo Y no processo de diferenciação sexual (Polani,1974). A transmissão do cromossoma Y por parte do pai, implica na gênese de uma criança de sexo biológico masculino.

De início, independente de ser cromossomicamente XX ou XY, o embrião é bissexual, isto é, apesar de já ter um sexo cromossômico determinado, contém a potencialidade de diferenciação masculina ou feminina (Money & Ehrhardt apud Werner,1990; Quaglia,1980). Nesse contexto, uma preocupação passa a fazer parte dos objetivos de muitas investigações científicas: quais seriam os mecanismos responsáveis pelo desencadeamento do processo de diferenciação sexual?

A década de 70 foi dominada pela teoria de um antígeno de superfície celular - o antígeno H-Y - como um importante mecanismo de diferenciação sexual (Pereira,1992). Os antígenos são sinais, ou marcadores moleculares, que indicam a identidade e a procedência de uma célula. Assim, por meio de complexo mecanismo de interação química entre antígenos e anticorpos, o sistema imunológico é capaz de estabelecer uma discriminação entre o "eu" e o "não-eu", reagindo consigo mesmo e com substâncias exógenas como bactérias, fungos, etc. Os antígenos desempenham uma função ainda mais importante, a de determinar "uma histocompatibilidade interna" crucial no processo embrionário

rio de organogênese (Leite,1988).

Nesse sentido, a determinação do sexo, assim como a da sexualidade, poderia depender da interação entre os tecidos e órgãos, que têm origens diversas. Um exemplo dessa interação seria o antígeno H-Y que já foi relacionado ao processo de diferenciação sexual, embora não se soubesse exatamente como. Este antígeno é encontrado nas membranas das células de quase todos os órgãos de um indivíduo macho e normalmente não está presente nos órgãos de um indivíduo fêmea. Assim, os órgãos dos machos são H-Y positivos e os da fêmea são H-Y negativos (Leite,1988).

Leite (1988) argumenta que o ser humano não é um todo masculino ou um todo feminino, mas sim, um ser intersexual, no qual, cada órgão ou parte do corpo comportaria um grau maior ou menor de masculinização e feminização. Esta intersexualidade referida não se aplica só aos casos mais óbvios, como no caso dos hermafroditas, mas também a pessoas "normais", como homens masculinos com voz fina, mulheres masculinizadas que gostam de homens, etc.

O homossexualismo masculino, nesse caso, seria um caso particular de intersexualidade, com uma polarização de atributos masculinos a nível corpóreo e uma certa polarização de atributos femininos no psiquismo. Lembra o autor que uma polarização não precisa ser total, como uma regra geral (Leite,1988).

Um homem classificado como heterossexual seria um indivíduo, que, geralmente, apresenta um alto grau de masculinização em quase

todos os componentes de seu organismo, mas que, possivelmente, terá sempre uma outra parte do corpo ou do psiquismo um pouco mais feminilizada (Leite,1988).

A partir do reconhecimento de que o cromossomo Y coincide com o sexo masculino nos mamíferos, passou-se a buscar o evento primário que eliciasse o processo de diferenciação testicular via a identificação de um gene denominado "fator de determinação testicular" - TDF - localizado no braço curto do cromossoma Y. Estudos moleculares mais refinados do cromossomo Y foram realizados na espécie humana e em camundongos, e dois genes foram identificados nessa caminhada: o gene ZFY (zinc finger Y) e o gene SRY (sex-determining region Y)(Pereira,1992).

Em 1987, o ZFY foi descrito e reconhecido como o primeiro gene na região específica do braço curto do cromossomo Y que estaria relacionado ao processo de diferenciação sexual. Entretanto, em 1989, reconheceu-se a presença de um outro gene, o SRY, que melhor satisfizesse os critérios para o gene TDF. São eles: é conservado evolutivamente, está presente na menor porção de Y necessária à diferenciação testicular e é expresso na fase crítica da diferenciação testicular em camundongos (Pereira,1992).

Seria mais prudente então, a partir de agora, referir-se às "influências biológicas" como uma potencialidade a determinar ou diferenciar alguns aspectos da sexualidade, já que, o processo de diferenciação sexual biológica, após a identificação do gene SRY, parece bastante esclarecido. Desta forma, pode-se dizer que a estrutura ge-

nética traz em si a potencialidade de determinar quatro níveis ou esferas do sexo, discriminados por Dorina Quaglia (1980), a saber: sexo genético: (XX (fêmea) ou XY (macho)); sexo gonadal: (testículo e ovário); sexo genital: (estruturas internas e estruturas externas (pênis e vulva)); e características sexuais secundárias: (pilosidade, adiposidade, etc).

A diferenciação sexual que acontece após a segunda semana de gestação, ao mesmo tempo que ajuda a induzir o crescimento dos órgãos genitais externos dos machos (sexo morfológico), age também no hipotálamo - região do cérebro responsável pela libido sexual - via ação do hormônio masculino testosterona no espaço placentário (Le Vay, 1991).

Nesse contexto, Ehrhardt & Meyer-Bahlburg (apud Werner, 1990), partem do princípio de que parte da ocorrência de síndromes orgânicas está relacionada com a ingestão de esteróides pelas mulheres grávidas, como os anti-concepcionais, o que evidencia o papel dos hormônios pré-natais no desenvolvimento sexual do homem na fase intra-uterina.

Yolom et alli (apud Gotestam, 1992) estudaram garotos entre 16 e 20 anos, filhos de mães diabéticas, que receberam estrogênio ou progesterona durante a gravidez. Estes garotos mostraram uma menor heterossexualidade e uma menor masculinidade comportamental do que vinte garotos controle.

Gotestam (1992), em um estudo sobre lateralidade, dislexia e

gemelaridade entre homens que se auto-denominavam homossexuais, conclui que os mesmos fatores etológicos estão por trás tanto da lateralidade como da homossexualidade. Assim, sugere que um aumento da testosterona no útero materno, pode ser um dos causadores da lateralidade sinistra e homossexualidade nas mulheres.

É importante lembrar que pesquisas como estas se preocupam com hormônios sexuais embrionários e não com a presença ou ausência destes a partir da adolescência, quando determinam as características sexuais secundárias.

Werner (1990) concorda com esta limitação da testosterona sobre a orientação sexual humana na fase adulta, quando aponta algumas contradições nos resultados de alguns estudos sobre a testosterona presente no sangue masculino na adolescência e maturidade. Algumas pesquisas acharam menos testosterona nos homossexuais (Starka et alii apud Werner, 1990), enquanto outras, acharam mais testosterona nos homossexuais (Brodie apud Werner, 1990). Esta diferença talvez se deva ao fato da testosterona no sangue diminuir com a depressão psicológica e aumentar com as atividades sexuais. Assim, ao se verificar a quantidade de testosterona com o objetivo de detectar diferenças entre homossexuais e heterossexuais, aconselha-se a controlar as variáveis depressão e frequência de atividade sexual da amostragem, por exemplo.

É no processo de estimulação do hipotálamo por hormônios masculinos nos estágios embrionários, que se situam as maiores suposições de uma determinação da orientação sexual humana. Talvez se

encontre aí, a explicação sobre os caminhos da libido.

De acordo com Sigmund Freud (1973), a sexualidade humana é fonte de todos os prazeres e problemas do homem, sendo este, o homem, o resultado das soluções e caminhos que encontrou para resolver as diversas crises na construção de sua identidade como um todo, no decorrer de seu ciclo vital, a partir das relações parietais - tríade pai/mãe/filho.

Para Freud, desde o nascimento, o ser tem que interagir com a sua pulsão sexual, energia que move o ser humano em suas buscas mais íntimas, buscas que se projetam sobre objetos de desejos, que, a priori, não teriam forma definida. Assim, para o autor, a pulsão sexual típica do ser humano é distinta do instinto animal. Por não se referir à reprodução, pode percorrer tanto objetos masculinos como femininos.

As minhas observações pessoais de indivíduos com excepcionalidade negativa em escolas especiais, do tipo "síndrome de Down", parece concordar com este pressuposto psicanálitico. Esses excepcionais, de ambos os sexos, direcionam a sua libido ora para os seus professores ora para as suas professoras, oscilando freqüentemente a sua pulsão sexual no decorrer da vida (comunicação pessoal com profissionais que atuam na Fundação Catarinense de Educação Especial). Mas, antes de se tirar conclusões mais confiáveis, estas observações precisam ser melhor pesquisadas.

Silva (1987) não concorda com o pressuposto de que a bisse-

xualidade seja inata em todos os seres humanos. Ele cita pesquisas realizadas entre hermafroditas, que têm fornecido uma maior compreensão sobre a orientação sexual. Esses estudos têm mostrado que, quando a opção do sexo biológico é realizada levando-se em consideração apenas os aspectos morfológicos ao nascer, crises de identidade são constatadas com maior frequência a posteriori. Essas crises não acontecem com tanta frequência quando esta opção é retardada até a adolescência, momento em que se pode detectar a real orientação sexual do hermafrodita e efetivar a opção sexual anatômica desejada.

Silva interpreta esses dados de forma um pouco tendenciosa, pois sua experiência profissional tem mostrado que, quando se aguarda um determinado tempo para que a orientação sexual se construa é possível julgar melhor a posterior correção cirúrgica. Os essencialistas diriam que esta espera seria a única forma possível de se identificar uma orientação sexual latente no indivíduo, que até o momento não teria sido operacionalizada.

Neste contexto, vale a pena reconsiderar o estudo de um caso psicanalítico de Stoller (1993). Um pseudo-hermafrodita criado como menina até a adolescência, passa a ser um menino após algumas correções cirúrgicas na puberdade (mudança de sexo). Este jovem, apesar de ser um intersexual, está atualmente casado e sente atração sexual por mulheres (tem uma orientação heterossexual) e vive uma vida tranqüila sem maiores crises de identidade de gênero. O autor utiliza-se deste caso para mostrar a supremacia das influências do meio social na reconstrução da identidade sexual.

Cabe perguntar a Stoller o motivo da correção de sexo e gênero de seu paciente: se foi uma opção pessoal, devido a incompatibilidade da identidade feminina com pêlos nas pernas durante a puberdade, como se queixava o paciente, ou se tratava-se de um desejo de trocar de sexo para se adequar a sua atração sexual por mulheres, emergente, talvez, de uma potencialidade biológica.

Na busca de evidências que possam melhor explicar as potencialidades humanas no tocante à orientação sexual, muitos estudos biológicos têm sido desenvolvidos.

Uma hipótese essencialista refere-se a um direcionamento do hipotálamo para a sexualidade. Segundo essa hipótese, o crescimento do hipotálamo pode ser conseqüente ao nível da produção hormonal da gônada na fase intra-uterina, ou da assimilação dos hormônios por parte do cérebro. Essa ação, segundo essencialistas, deve ter origem genética e pode ser influenciada pelo ambiente uterino em algumas circunstâncias ainda não determinadas.

Muitos pesquisadores, desde 1960, vêm demonstrando que existem distintas diferenças anatômicas entre o cérebro do homem e o da mulher (Daly, 1993). Um bom exemplo disso é a comissura anterior, um feixe de neurônios que liga os dois hemisférios cerebrais, que é mais largo e maior nas mulheres do que nos homens (Grady, 1992).

A partir do final de 1980, pesquisadores começaram a investigar sinais de similaridades dimórficas entre os cérebros de homossexuais e heterossexuais (Daly, 1993). Allen e Gorski (1992), compararam

a morfologia do cérebro de homossexuais e heterossexuais, e constataram que a mesma comissura anterior é mais larga nos homossexuais do que nos heterossexuais.

Le Vay (1991) publicou o resultado de seus estudos baseado nas dissecações de 41 cérebros (36 de homens e 9 de mulheres) feitas por Allen & Gorski (1992). O autor aponta-nos que, o hipotálamo, estrutura do cérebro que comanda as sensações de fome e sede, e que está também ligada às emoções e ao apetite sexual, é menor nos homossexuais masculinos do que nos heterossexuais do mesmo sexo, sendo semelhante em tamanho ao hipotálamo das mulheres. Talvez, tais diferenças morfológicas encontradas nos dois estudos justifiquem a hipótese descrita acima.

O trabalho de Le Vay é uma extensão de duas décadas de estudos sobre diferenças entre o cérebro de machos e fêmeas. Os estudos dos cérebros de mamíferos têm revelado que se pode começar com uma configuração "feminina", e que esta pode ser exposta ao hormônio masculino testosterona apenas antes e após ao nascimento para desenvolver um comportamento sexual masculino. A principal fonte de testosterona está nos testículos do bebê macho. Gorski tem mostrado que quando os ratos machos recém-nascidos são castrados e desprovidos de testosterona, eles crescem e se transformam em machos adultos que nunca tentam copular com as fêmeas e permitem que outros machos montem neles. Segundo Gorski, a partir desta constatação, especulações sobre o ser humano podem ser feitas: "Um problema, por menor que seja na fase crítica intra-uterina, poderia causar mudanças no cérebro e contribuir para a homossexualidade" (Grady, 1992).

Le Vay escolheu o hipotálamo para estudar porque já se sabia, segundo estudos anteriores, que é duas vezes maior no homem do que na mulher, e que macacos que tiveram a comissura anterior do hipotálamo destruído, perderam o interesse pelas fêmeas, mas não deixaram de se masturbar ou de ter ereção. Se esta parte do hipotálamo estiver ligado ao desejo pelas mulheres nos homens e se os homens homossexuais o tem menor, logo poderíamos ter uma boa evidência para um fator importante na etiologia da homossexualidade (Grady,1992). Segundo Grady (1992), Le Vay gostaria de mensurar a mesma região no cérebro de homossexuais femininos, que hipotalamicamente devem ter um tamanho mais parecido com o dos homens heterossexuais.

O que ainda não foi respondido e que Le Vay ainda não pode explicar, é como as diferenças de tamanho se desenvolvem: poderiam ser resultado de uma potencialidade genética ou da ação dos hormônios introduzidos via algum processo externo ao organismo.

De acordo com Saldanha (1993), a diferença na estrutura hipotalâmica seria devido aos níveis de testosterona que agem nas células durante a vida embrionária. O que ainda não foi explicado, é a causa da produção atípica de testosterona nos homossexuais, isto é, se a questão da orientação sexual estiver ligada à produção desse hormônio.

Talvez a orientação sexual seja devida a uma incompatibilidade ou a incongruências de componentes orgânicos na formação do hipotálamo, que têm origens das mais diversas. A formação de qualquer

órgão do corpo humano depende da compatibilização de componentes orgânicos, que vêm das células germinativas do pai e da mãe, dos componentes químicos do embrião (com enorme quantidade e variabilidade de substâncias endógenas e exógenas), dos tecidos da mãe e do filho e, certamente, de origens filogenéticas das mais diversas (Leite, 1988).

Outras hipóteses essencialistas sobre a origem da homossexualidade prendem-se a estudos com gêmeos que, segundo Saldanha (1967), podem ser úteis para melhor se compreender o comportamento humano.

Kallman (apud Saldanha, 1967) investigou a homossexualidade declarada, diagnosticada via escala Kinsey ("prática sexual") e achou alta concordância entre gêmeos monozigóticos em contraste com gêmeos dizigóticos. Esta tendência foi verificada independentemente dos membros gemelares partilharem ou não o mesmo meio social. Como um dos primeiros estudos nessa linha, o trabalho de Kallman foi duramente criticado por falhas metodológicas.

Alguns anos atrás, Pillard anunciou que irmãos de homossexuais tinham cinco vezes mais chances de serem também homossexuais do que os irmãos de heterossexuais. Isto pouco provou, mas despertou o interesse da genética pela discussão acerca da orientação sexual (The Economist, 1992).

Bailey et alli (1991) realizaram uma pesquisa com gêmeos monozigóticos, gêmeos dizigóticos e irmãos adotivos que foram recruta-

dos via publicações homossexuais. As chances de quando um é homossexual o outro também ser, variavam de 52% para os gêmeos monozigóticos, 22% para os gêmeos dizigóticos e 11% entre irmãos adotivos.

Com base nesses números, Bailey calculou que a hereditariedade na homossexualidade poderia oscilar entre 30% e 70%, dependendo de como os muitos gens estão envolvidos e da tendência da amostragem (The economist, 1992).

Esses pesquisadores perceberam também que a não conformidade de papéis de gênero na infância está associado com a hereditariedade, assim, garotos com comportamento masculino desde muito cedo não parecem ser influenciados por particularidades externas, como família, relações parietais, etc (Bailey et alli, 1991).

Bailey et alli (1993) realizaram similar estudo com homossexuais femininos. Foram recrutadas gêmeas monozigóticas, gêmeas dizigóticas e irmãs adotadas, via revistas especializadas. Para cada grupo, as chances de quando uma é homossexual a outra também ser, variavam de 48% para as gêmeas monozigóticas, 16% para as gêmeas dizigóticas e 6% entre irmãs adotivas.

Segundo Bailey, a influência do gen na orientação sexual parece mais forte em lésbicas e pode ser mais consistente do que em homens homossexuais (Keen, 1992).

Nesta mesma linha Horowitz e Fougner investigaram o padrão de comportamento de 70 gêmeos univitelinos, 70 gêmeos bivitelinos e

70 irmãos com idades diferentes. Uma parcela dos entrevistados era formada por homossexuais masculinos e femininos. Os cientistas constataram que, no caso dos gêmeos univitelinos, esta inclinação erótica, "orientação sexual", era seguida pelo irmão em 40% dos casos. Entre os gêmeos não idênticos, 20% dos homossexuais tinham irmãos com a mesma tendência. Quando analisaram os irmãos de diferentes idades, estes índices caíram para 5% (apud Isto é, 1993).

Witham & Diamond procuraram similares questões em trinta e oito pares de gêmeos idênticos e vinte e três pares de gêmeos fraternos com pelo menos um homossexual. Encontraram maior relação do que Bailey, 66% para os gêmeos idênticos e 30% para os gêmeos fraternos, mas a diferença entre os dois grupos foi similar ao estudo de Bailey (The economist, 1992).

Já King, na Inglaterra, encontrou um menor apoio aos argumentos essencialistas. Trabalhou com quarenta e cinco homossexuais que tinham irmãos ou irmãs gêmeas (não necessariamente idênticos). Somente oito declararam terem o irmão gêmeo homossexual. Como King trabalhou com os dois sexos, uma menor concordância já era de se esperar, pois encontrou uma probabilidade de 25% para os monozigóticos e 14% para os dizigóticos (The economist, 1992).

Hamer tem procurado pelo gen que pode ser designado como o gen da orientação sexual. A partir de um grupo de 400 pessoas, o investigador tem compilado, de forma extensiva, a história das muitas gerações dessas famílias. E tem chegado a algumas conclusões: a) homossexuais masculinos são encontrados com maior probabilidade em famílias

com outros irmãos homossexuais; b) também são encontrados homens homossexuais com maior probabilidade em famílias que possuem tios ou sobrinhos, predominantemente da parte materna. Tal situação, por ser recorrente em pelo menos uma facção da população, deve ser transmitida, presumivelmente, por fatores genéticos. Porém, tais fatores ainda permanecem desconhecidos da Ciência (Daly,1993).

Na visão de Pillard, a orientação sexual tem claramente uma base genética, apesar de alguns gêmeos monozigóticos, que foram criados juntos, diferirem em sua orientação sexual. Acredita o autor que outros fatores parecem ter quase a mesma influência sobre a orientação sexual, porém ainda não se sabem quais (Daly,1993).

Faz-se importante ressaltar nessa discussão, a partir do posicionamento de autores essencialistas (biólogos e médicos) e alguns construtivistas (psicanalistas), a necessidade de se rever alguns pressupostos analíticos, como por exemplo, o conceito de doença, saúde, normalidade, etc. Nesse sentido, quero sugerir uma posição mais relativista no tocante ao "normal e ao patológico", o relativismo biológico, pois nem todas as variações biológicas humanas são suscetíveis a julgamentos do tipo saudável/doente, normal/patológico, etc. Variações biológicas podem ser adaptações a situações diferentes ou simplesmente neutras em termos de valor.

1.2.2. A variação cultural da sexualidade humana:

A grande variabilidade sexual encontrada nas culturas até então conhecidas, serviu para mostrar a nossa sociedade ocidental,

através de viajantes e antropólogos, a relatividade do comportamento humano, fato que possibilitou um repensar dos costumes e da moral. Nesse contexto, outras formas de relações sexuais (início da vida sexual, homossexualidade e outros temas mais), apesar de continuarem sendo vistos como exóticos, deixam de ser tomados como anormalidades

Nesse sentido, Viveiros de Castro (1986), em "Araweté: os deuses canibais" refere-se a um tipo de conjugalidade a quatro, entre os índios araweté, a relação "apihi-pihã" entre dois casais que se aproximam por afinidade, ampliando assim as possibilidades de contactos sexuais. Esta mutualidade sexual pode se dar pela troca de esposas por uma noite ou por dias, sendo que o homem que visita a amante ocupa a rede do companheiro dela, e vice-versa. Os homens mantêm entre si uma relação de companheirismo jocosa, mas sem agressividade, com um forte matiz homossexual.

Malinowski (1983), na Nova Guiné, impressionou-se com uma prática muito romântica para os trobriandeses: durante o ato sexual, ao invés de beijar o amante, a mulher para mostrar sua afeição ao parceiro, morde-lhe os lábios até sair sangue.

Quanto à precocidade sexual, Malinowski (1983) observou nas Ilhas Trobriandesas que as crianças de ambos os sexos, desde muito cedo, tinham relações sexuais perante todos, por intermédio de manipulações dos órgãos sexuais umas das outras ou por estimulações orais.

Ford & Beach (apud Werner, 1990), escreveram sobre a crença entre os "Lepcha" na Índia, que uma menina precisa ter relações sexuais desde muito cedo com garotos para amadurecer.

Em relação à homossexualidade, a nossa cultura ocidental "civilizada" tolera a prática homossexual. Mas essa tolerância é relativa.

Mas tal situação pode ser diferente em outras culturas, como por exemplo, a civilização helênica que valorizava a relação homossexual entre homens e rapazes e as muitas sociedades na Melanésia, onde a prática homossexual não só é institucionalizada, como também controlada socialmente.

Ao se visitar a cultura grega, logo se identifica a prática homossexual como motivo de reflexão filosófica. Para os gregos, a prática sexual entre um homem e um rapaz era vista como algo normal, desde que se respeitasse a diferença de idade entre os parceiros, se mantivessem os papéis no ato sexual e se tivesse moderação ou temperança. O papel masculino na relação sexual era a função ativa - definida pela penetração - e o papel feminino a função passiva - a de ser penetrado - papel que a natureza reservou à mulher. Assim, a relação entre um homem e um rapaz era possível, porque o rapaz, ainda em formação, poderia se submeter como objeto de prazer do homem que o disputou dentre outros e o seduziu como amante, aluno e futuro amigo (Foucault, 1990).

Entretanto, a passividade sexual do rapaz não deve ser sinô-

nimo de uma mutualidade prazerosa, pois, ao se doar como objeto de prazer ao amante, o rapaz estará apenas retribuindo toda a atenção e presentes recebidos. Pois, ser objeto de prazer de poucos homens e não se reconhecer como tal, era um bom exemplo de moderação e cuidado com a sua moral (Foucault,1990). Assim, de forma geral, pode-se dizer que os antigos gregos tinham com frequência práticas homossexuais, mas seria perigoso afirmar que tivessem uma orientação homossexual, apesar de relatos que já identificavam uma minoria masculina afeminada ou andrógena, que se mostrava a todos numa posição humilhante de objeto de prazer.

A área de homossexualidade normatizada da Nova Guiné, foi referenciada por Creed (1989) como exemplo de relatividade cultural na sexualidade humana. Segundo o autor, existe um eixo de crenças e ações que caracterizam a institucionalidade desta prática através da Melanésia. Para os nativos da região, a masculinidade não é um atributo da natureza biológica do macho, mas algo a ser construído, controlado e ritualizado. Faz parte destes rituais a ingestão de sêmen dos homens mais velhos (construídos), via prática sexual passiva oral por parte dos jovens rapazes (construintes) que, no futuro, quando adultos, passarão a fornecer esperma à próxima geração.

Knauft (1986) estudou a homossexualidade masculina Gebusi, também na Nova Guiné. Segundo o autor, o homem Gebusi acredita que a ingestão de sêmen dos homens mais velhos por parte dos garotos púberes, é um componente necessário para o crescimento e desenvolvimento do homem. A obtenção do sêmen se dá através da felação por parte dos garotos, prática sexual passiva oral, e todos concordam que

o sêmen é uma força vital que proporciona vigor ao macho em formação. Este rito de passagem inicia-se com muita frequência entre os 17 e 25 anos e prossegue até antes do casamento com uma mulher.

Evans-Pritchard (1970) revisita os Azande para nos relatar um interessante fenômeno, o "papel social" dos garotos-esposas, que são tomados como esposas pelos homens mais velhos, livres e viúvos da comunidade, devido talvez, a falta de mulheres disponíveis. Cabe aos garotos-esposas prestar serviços sexuais aos seus maridos, submetendo-se a uma prática sexual passiva (não anal) entre as pernas. Estes jovens do sexo masculino, tomados como esposas de gênero feminino, por tempo determinado, também têm um papel e identidade social temporária, assumidos na adolescência até por volta dos vinte anos, casando-se a partir daí com uma mulher.

Wikan (1977) descreve e analisa a institucionalização do papel do transsexual na Costa de Oman - Península Arábica, a partir da qual a reciprocidade do papel do gênero masculino e feminino é estabelecido. Estes transsexuais mantêm o nome masculino, mas socialmente são vistos como mulheres em relação às regras de segregação sexual. Eles diferem dos homens pela sua prática sexual passiva, e são utilizados sexualmente pelos homens para mostrar o seu potencial em deflorar uma virgem. Eles diferem das mulheres por serem prostitutas (um papel social), enquanto as mulheres solteiras são mantidas castas de acordo com o critério de pureza da religião dominante - o islamismo.

Nanda (1986) estudou os Hijras da Índia, uma espécie de

institucionalização do terceiro gênero. Os Hijras não são considerados nem machos nem fêmeas quanto ao sexo, mas contêm elementos de ambos, e os seus poderes sagrados advêm de sua assexualidade utópica ou pureza (são castrados). Na verdade, muitos Hijras são prostitutas, apesar desta prática sexual abalar o seu valor social de sagrado. Neste contexto, a autora discute o significado do papel religioso dos Hijras, isto é, o seu papel social, como também, os conflitos entre o papel sagrado que representam e as suas práticas sexuais.

Em um outro sentido, Lancaster (1988) focaliza a questão da homossexualidade a partir do "estigma", com o objetivo de contrastar as distintas percepções da homossexualidade entre uma cultura e outra. Ele pesquisou a homossexualidade na Nicarágua a partir de uma denominação êmica "cochón", denominação que, segundo ele, não poderia ser traduzida literalmente pela denominação norte-americana "gay". O autor ateve-se aos seguintes critérios para diferenciar e explicar ambos conceitos: para o "cochón", o papel sexual é passivo (sexo anal), a hierarquia sexual é inferior, o papel social é feminino, e o gênero é feminino;

para o "gay", o papel sexual pode ser ativo ou passivo, a hierarquia sexual é simétrica, e o gênero é relativo, masculino ou feminino.

Os autores construtivistas, como Stoller (1993), explicariam toda esta diversidade sexual a partir do seguinte suporte teórico: a diversidade sexual humana deve-se a soluções diferentes que cada cultura encontrou para resolver o mesmo problema, a construção e diferenciação do gênero masculino.

Nesse sentido, Stoller (1993) reconhece as potencialidades biológicas do indivíduo, mas propõe três situações sociais que podem interferir na identidade de gênero masculino: 1) a intensidade da relação mãe e filho: quanto maior, mais intensa e mais mutuamente prazerosa a simbiose entre mãe e filho, maior a probabilidade que o mesmo venha a se tornar feminino; 2) a potencialidade proto-feminina do feto; 3) a necessidade de criar barreiras intra-psíquicas que afastem o desejo de fusão da criança com a mãe.

Já os autores essencialistas, tentariam explicar toda essa variabilidade sexual buscando o porquê de algumas similaridades submersas ou camufladas neste relativismo cultural arbitrário proposto pelos construtivistas.

Werner (1990), diante de tanta variabilidade nos padrões de homossexualidade, propôs uma classificação dos sistemas homossexuais de acordo com a sua organização social, com o objetivo de moderar o relativismo extremado dos construtivistas, e aceitando a possibilidade de uma influência genética na orientação sexual, pelo menos para homossexuais e heterossexuais convictos - situados nos extremos das escalas de comportamento sexual. Esta influência poderia prescrever alguns traços universais de personalidade em comum aos indivíduos de orientação homossexual. Whitam (1983), após uma pequena revisão de sociedades com travestis, destaca algumas dessas semelhanças, como o interesse universal por parte dos travestis em relação à decoração da moradia.

Assim, para Werner, teríamos quatro sistemas: 1) sociedades onde existem homossexuais exclusivos (geralmente travestis), que mantem relações com homens que se identificam como heterossexuais (índios da planície norte-americana, os Tanala de Madagascar, os índios Guayaki do Paraguai, etc); 2) sociedades onde as relações homossexuais são entre homens e rapazes mais novos (os antigos gregos, os Etoro, os Azande, os Siwans do Egito, etc); 3) sociedades onde as relações homossexuais se limitam à adolescência (os Nambiquara, os Mongo do Zaire, os Mapuche do Chile, etc); 4) o sistema norte-americano/ norte-europeu, que é geralmente raro na literatura antropológica, onde homossexuais só transam com outros homossexuais (Werner, 1990).

Já Mott (1988), ao caracterizar e discutir a subcultura gay em Portugal, entre os séculos XVI e XVIII, observou já naquela época uma identidade homossexual característica das pessoas que frequentavam certos lugares públicos com o objetivo de praticar atos homossexuais. Nisto Mott discorda de alguns construtivistas como Ariês - que acredita que a identidade homossexual seja uma invenção do século XIX. O autor registra também os critérios êmicos da época: papéis sexuais na prática - fodicu (ativo) e fodindicu (passivo), estigma sodomita (que tem prática anal) e fancho (praticante de molices) e gênero -masculino e feminino. Percebe-se aí, que o segundo critério (estigma), está atrelado a um determinado tipo de comportamento sexual, e uma provável identidade já reconhecida socialmente naquela época.

Whitam (1983) também discorda do relativismo extremado

quanto a uma identidade homossexual e acredita na existência de alguns traços que possam caracterizar uma identidade homossexual mais universal. Para isso, cita algumas de suas conclusões via uma investigação transcultural acerca da homossexualidade: 1) pessoas homossexuais aparecem em todas as sociedades; 2) a porcentagem de homossexuais em todas as sociedades parece ser aproximadamente a mesma, e permanece estável por muito tempo; 3) as normas sociais não impedem ou facilitam a emergência da orientação homossexual extremada; 4) subculturas homossexuais aparecem em todas as sociedades, assegurada uma grande concentração populacional; 5) homossexuais de diferentes sociedades parecem ter semelhantes interesses e escolhas ocupacionais e, 6) todas as sociedades produzem similares estereótipos para homossexuais mais masculinos e homossexuais mais femininos.

As pessoas que praticam atos homossexuais, não possuem necessariamente uma orientação homossexual. O ato homossexual pode ter um outro significado ou aplicação em contextos culturais distintos. Por exemplo - serve para a construção da masculinidade entre os melanésios (Creed,1989 e Knauf,1986), permite a acese ao belo e à transmissão do conhecimento entre os antigos gregos (Foucault,1990), compensa a falta de mulheres disponíveis entre os Azande (Evans-Pritchard,1970), demonstra a capacidade de deflorar virgens na Costa de Oman (Wikan,1977) e, é forma de ganhar dinheiro na costa de Oman e India (Wikan,1977 e Nanda,1986).

Assim sendo, um enfoque apenas no critério "sexo do parceiro", para definir homossexualidade, utilizado por Kinsey (1948), considerado o único "científico" por alguns estudiosos, não daria

conta de explicar as diferenças culturais, pois não leva em conta diferenças entre práticas homossexuais, orientação homossexual e identidade homossexual. É preciso então, esclarecer melhor os critérios que se pretende utilizar ao analisar a homossexualidade em diferentes culturas.

1.3. Fonte de desentendimento entre as duas correntes:

Após o levantamento de alguns parâmetros polêmicos sobre esta temática, pôde-se observar que alguns autores, numa linha mais construtivista, acreditam em potencialidades inatas humanas, mas dão ênfase à cultura, como algo que poderá ser impresso no biológico. Outros nem tomam conhecimento da natureza inata de alguns comportamentos humanos. De um outro lado, os essencialistas defendem uma participação maior da herança genética e ou congênita, na definição do gênero, orientação sexual e identidade sexual, uma vez que, o processo de diferenciação sexual poderia ficar fora dessa discussão, pois já tem bons suportes teóricos que o explicam como um substrato basicamente biológico.

Divergências à parte, parece que existem alguns pontos de consenso. Quanto ao critério sexo morfológico, por exemplo, a Biologia tem boas evidências sobre a diferenciação e formação do ser macho e do ser fêmea, aceitas pelos construtivistas. Quanto aos atributos do gênero, grande parte dos estudos têm demonstrado que são amplamente relativos, variando de cultura para cultura, mas diferenças entre homens e mulheres de uma mesma cultura geralmente são percebidas.

A orientação sexual situa-se num campo muito mais controvertido, apesar das pesquisas essencialistas com gêmeos terem apontado para a possibilidade de influências genéticas, pouco se sabe ainda em que níveis tais influências podem atuar na diferenciação por uma orientação homossexual. Se tais níveis forem identificados e comprovados como agentes diferenciadores da orientação sexual, aí sim, poderemos falar de uma identidade sexual inata, com mais segurança, pelo menos para os extremos.

1.3.1. Problemas de conceito:

Muitos autores tem se baseado na "identidade" homossexual como um critério para suas pesquisas. Por exemplo, Le Vay (1991), que estudou o cérebro de homens e mulheres heterossexuais e homens homossexuais, assim como Lima (1976) em seu livro "Comportamento sexual do brasileiro" e muitos outros, codificam a homossexualidade das suas amostragens a partir da auto-imagem ou auto-definição das pessoas estudadas. Não se preocuparam em saber a partir de quais significados e critérios as pessoas estudadas se auto-definiram.

Já Fry (1982), se preocupou com tais critérios de identidade. Ele retrata a construção da homossexualidade no Brasil, deixando claro o seu objetivo de abordar as representações êmicas sobre a sexualidade e não o comportamento em si. Para isso, utilizou-se de quatro critérios para estudar os significados da homossexualidade para os seus entrevistados, a saber: sexo fisiológico -(macho e fêmea), papel de gênero -(masculino e feminino), comportamento sexual -(passivo (penetrado) ou ativo (penetrante) e orientação sexual -(pree-

rência para o sexo oposto ou para o mesmo sexo).

Neste contexto, o autor propõe três sistemas para melhor se compreender a sexualidade brasileira: o sistema A compreende duas identidades, o homem (macho, ativo e masculino) e a bicha (macho, passiva e geralmente feminina); o sistema B compreende três identidades, o homem (macho, ativo, masculino que prefere mulheres), o entendido (macho, passivo, masculino ou feminino que prefere homens) e a mulher (fêmea, passiva, feminina que prefere homens), e o sistema C, o homossexual ativo (bofes, michês), o homossexual passivo (bicha) e o gilete (ativo e passivo - que pode também transar com mulheres) (Fry, 1982).

Também nessa linha, Aquino (1992) retrata a homossexualidade feminina e seus guetos em Porto Alegre. Coletou em campo alguns critérios êmicos como sexo, práticas sexuais - homossexuais, bissexuais e lésbicas, papel de gênero - atividade, passividade e comportamento sexual - ativa ou passiva que ajudaram o autor a melhor compreender esse universo. Um dos fatos mais interessantes na taxionomia êmica coletada, foi a junção ou equiparação do critério gênero com comportamento sexual, isto é, ser mais masculina ou mais feminina, tem relação com ser mais ativa ou passiva.

Mas não é preciso limitar-se apenas ao uso de critérios êmicos para analisar a homossexualidade, pois apesar da diversidade e do relativismo cultural no tocante à homossexualidade, existem alguns aspectos em comum.

1.3.2. Orientação sexual:

Baseado em resultados de controvertidos estudos realizados sobre a sexualidade humana, parece que a discussão acerca da etiologia biológica da homossexualidade deve girar em torno da orientação sexual, que não é o mesmo que prática e nem que identidade sexual. Neste sentido, propõe-se o sistema elucidativo na tabela 1.1. Devido a diferentes tipos de repressão, uma pessoa com orientação homossexual pode apresentar ou não, práticas homossexuais ou identidades homossexuais.

TABELA 1.1 - Possibilidades de prática e identidade para indivíduos com orientação homossexual:

Comportamento	Prática homossexual	Identidade homossexual
Influência do meio		
A - sem repressão com incentivo	+	+
B - com repressão parcial	+	-
C - com repressão parcial	-	+
D - com repressão total	-	-

Assim, no grupo "D" teríamos indivíduos que, apesar de terem fantasias homossexuais, não se percebem como homossexuais e não praticam atos homossexuais. No grupo "C", estariam aqueles que assumem uma identidade muito próxima da identidade homossexual (norte-européia e norte-americana), mas negam a prática homossexual, como no caso de alguns cléricos. No grupo "B", estariam aqueles que praticam atos homossexuais, mas que não admitem para seus amantes que sejam homossexuais. Por fim, no grupo "A" estariam os indivíduos que pra-

ticam atos homossexuais e se assumem como homossexuais, pelo menos para os seus amantes.

Ater-se somente à prática sexual e à identidade homossexual para identificar a homossexualidade, esquecendo-se da orientação sexual, pode deixar passar despercebida uma orientação homossexual latente em um indivíduo que nunca tenha tido uma prática homossexual ou uma identidade homossexual. Tais conceitos, se não bem esclarecidos, podem dar margem aos construtivistas de concluir, a partir da constatação da diversidade cultural, sobre a arbitrariedade da construção cultural da homossexualidade.

Ao se propor a fantasia sexual como um critério mais eficiente para detectar a orientação sexual, deve-se considerar, segundo Bozman & Beck (1991), que pouca atenção tem-se dado à separabilidade de dois interativos das fantasias sexuais: a natureza dos desejos e a excitação fisiológica. Assim, teoricamente o desejo sexual é visto como determinado por aspectos intra-psíquicos, intra-pessoais, sociais, assumindo a presença de um funcionamento físico normal e avaliável pelos tipos de parceiros sexuais, práticas sexuais, etc. Já a excitação física, em contraste, é caracterizada por respostas físicas, como a tumescência do pênis para os homens e a lubrificação da vagina para as mulheres. A partir desta perspectiva, desejo sexual difere de excitação sexual, apesar de interagentes, pois o desejo sexual é um estado subjetivo e a excitação é uma resposta fisiológica.

Assim, torna-se mais fácil compreender por que algumas pessoas

que se auto-denominam homossexuais, alegam que quando tiveram práticas heterossexuais, imaginaram durante as mesmas que as parceiras eram homens. Wilson (s/d) reforça esta observação, quando alega em suas pesquisas que ninguém tido como homossexual, tinha passado por uma experiência heterossexual sem o uso de uma fantasia distorcida da situação vivida.

Nesse contexto, é possível desenvolver pesquisas como a realizada por Bozman & Becker (1991). Ao tentar descobrir como se dá a relação entre desejo sexual e excitação sexual perante uma situação experimental de controle, estes autores puderam distinguir a atuação diferenciada dos dois aspectos nas fantasias sexuais, sob três condições controladas - a de normalidade, ansiedade e raiva - administradas em três momentos nas três etapas de um videotape com três níveis de erotização. Os autores descobriram que em condições de raiva, reduzia-se o desejo sexual e o nível de excitabilidade da amostragem expectadora, em condições de ansiedade houve uma redução apenas dos desejos e não do nível de tumescência do pênis, enquanto em condições normais havia uma grande correlação entre desejo e excitação.

As fantasias sexuais que eliciam a excitação homossexual, foram comparadas e diferenciadas via as reações da erecção do pênis a filmes eróticos. Matig Mavissakaliam et alli (apud Wilson,(s/d)), compararam as reações de seis homens homossexuais e seis homens heterossexuais a filmes com os seguintes temas: 1. fotos de garotas sozinhas e nuas comportando-se de um modo provocativo, 2. mulheres ocupando-se em várias atividades lésbicas como cunilínguas e sexo simu-

lado, 3. sexo heterossexual em posições variadas, 4. homossexualidade masculina, incluindo sexo oral e sexo anal. Os resultados são mostrados na tabela 1.2:

TABELA 1.2 - Variação da ereção sexual entre homossexuais e heterossexuais codificados a partir da identidade mediante estímulos visuais pornográficos:

porcentagem média da ereção total		
	heterossexuais	homossexuais
garotas	42.83	22.33
lesbianismo	60.17	28.50
sexo heterossexual	51.00	44.67
sexo homossexual	18.17	54.67

Percebe-se neste estudo, que é a preferência pelo sexo dos atores e não a natureza das atividades, o que é usado para diferenciar os dois grupos. Cabe pesquisar ainda, se as fantasias sexuais de forma geral, são estruturadas a partir apenas das diferenças morfológicas sexuais ou a partir de diferentes critérios não examinados aqui, como: idade, submissão e dominação, ambiente físico, etc.

Na busca de alguns comportamentos sociais que predissessem uma orientação homossexual, Hockenberry & Billingham (1987), realizaram uma pesquisa que tentou identificar as semelhanças e diferenças de comportamento social a nível de preferência por atividades, entre meninos mais masculinos e meninos mais afeminados na infância. Concluiu que cinco comportamentos, a saber: brincar com meninos, preferir jogos masculinos, imaginar a si mesmo como uma figura esportiva, ler aventuras e estórias esportivas, ser considerado um "bambi" - diferenciam e predizem a orientação homossexual na juventude. Também perceberam que, a ausência de traços e comportamentos masculinos próprios de nossa cultura, na amostragem, também eram fortes indica-

dores.

Whitam (1991) também realizou uma pesquisa similar, porém, realizou-a transculturalmente, comparando o comportamento infantil de homossexuais femininas em quatro sociedades distintas, Brasil, Peru, Filipinas e Estados Unidos. O autor utilizou-se de nove itens para examinar o comportamento infantil da amostragem, sendo que seis deles revelaram estatisticamente diferenças significantes entre mulheres com orientação homossexual e heterossexual. São eles: brincar com brinquedos de meninos, brincar com brinquedos de meninas, vestir-se com roupa de homem, vestir-se com roupa de mulher, prestar atenção à moda feminina e ser considerada uma paraíba.

Aqui "orientação sexual" tem outro significado daquele dado por Peter Fry. Este termo, "orientação sexual", se refere às preferências sexuais de uma pessoa - o que a excita sexualmente - independentemente das práticas sexuais habituais ou da identidade sexual.

1.3.3. Evidências à luz desses diferentes critérios:

Talvez muitos dos conflitos entre essencialistas e construtivistas se devem a mal entendidos, decorrente de usos de diferentes critérios conceituais para referenciar a sexualidade e, mais especificamente, a homossexualidade.

Uma das maiores evidências que pode demonstrar tal fato é o resultado do trabalho de Knauf (1986), quando nos relata que, apesar do homem Gebusi ter constantemente uma prática homossexual, as

suas fantasias sexuais permanecem heterossexuais - orientação heterossexual. A grande contribuição da Antropologia nesta situação, pode ser a de reconhecer uma prática homossexual por pessoas com uma orientação heterossexual.

Whitam (1983) concorda com o distanciamento e o discernimento entre estes dois critérios - prática sexual e orientação sexual. O autor percebeu tal distinção quando realizou um estudo transcultural abrangendo quatro países, Estados Unidos, Guatemala, Brasil e Filipinas e propôs dois critérios universais para se referir ao comportamento homossexual: "ato homossexual" e "orientação homossexual", apesar da indistintividade desses critérios perante a cultura norte-americana.

Poucas são as pesquisas que se propõem a contribuir neste debate, através da busca de evidências, que possam mostrar que, embora conceitualmente diferentes, os vários conceitos e critérios utilizados para referenciar a homossexualidade, podem ter algo de comum.

O desafio que se começa a esboçar a partir de agora, é o de tentar compatibilizar as diferenças biológicas com as construções culturais, reconhecendo que parte da confusão teórica, entre essencialistas e construtivistas, advém dos diferentes conceitos que são utilizados para definir a homossexualidade por ambas as facções.

Após uma revisão de literatura inicial acerca dos conceitos e critérios éticos que cientistas, tanto essencialistas como construtivistas, utilizaram para referenciar a homossexualidade (vide anexo

I e II), faz-se necessário deixar claro quais serão os conceitos éticos adotados pelo pesquisador que nortearão a discussão neste empreendimento de pesquisa.

Acho esclarecedor distinguir três conceitos básicos quanto à homossexualidade ou heterossexualidade: 1) prática sexual - o que as pessoas fazem no ato sexual; 2) orientação sexual - o que excita as pessoas sexualmente em fantasia ou na prática e, 3) identidade sexual - como as pessoas se auto-definem ou como são definidas pelos outros. Para cada um destes três conceitos, pode-se basear uma definição de homossexualidade de acordo com diferentes critérios como: sexo do parceiro, posição no ato sexual, feminilidade (gênero), papel social, faixa etária do parceiro, etc. A tabela 1.3 organiza estes conceitos e critérios, demonstrando o tipo de pergunta que os ilustram. Os dois primeiros conceitos - prática e orientação são éticos¹, isto é, dependem da definição do pesquisador e não dos pesquisados. O terceiro conceito - identidade - é êmico², na medida em que se baseia em conceitos e percepções nativas.

1 - Abordagem dos eventos culturais que visa à intersubjetividade, sem levar em consideração se foi ou não violado o senso nativo de adequação. Têm a aparência de absoluto dentro da faixa de sensibilidade dos instrumentos de mensuração (HARRIS,1968).

2 - Abordagem dos eventos culturais, subjetiva e orientada pelo ator. Sugere mais relatividade, sendo a mesmidade da atividade determinada com referência a um particular sistema de atividades (HARRIS,1968).

TABELA 1.3 - Conceitos e critérios para a homossexualidade:

Critérios	prática - A	orientação - B	identidade - C
Sexo do parceiro 1	Você no último ano brincou sexualmente com homens ou rapazes?	Você já se excitou ao ver um homem transando? Como foi? Descreva.	O que você acha de um homem que transe com outro homem?
posição no ato sexual 2	Você deu p/ alguém no último mês? (homem ou mulher)	Você já se excitou com a idéia de dar p/ alguém? (homem ou mulher)	Você acha que alguém que dá é bicha? Inclusive um homem que dá para uma mulher?
feminilidade 3	Tem gestos ou linguagem afeminados (via observação)	Você gosta de atividades femininas ou de agir como mulher?	Você acha que um homem afeminado é viado?
papel social 4	Você é casado ou solteiro?	Você gosta de ser casado?	Você acha que um homem casado pode ser viado?
faixa etária do parceiro 5	Você já transou com guris novos? E com gurias novas?	Gosta de transar mais com guris novos ou homens? Mais com gurias ou mulheres?	Você aprendeu a fazer sexo com homens mais velhos? Um homem que transa com guri é viado?

Para os construtivistas, os conceitos e os critérios que referenciam a homossexualidade são arbitrários e absolutamente relativos, sendo que a percepção de prática, orientação e identidade sexual de uma cultura encerram-se em suas próprias fronteiras e são destituídas de qualquer possibilidade de comparação.

Para os essencialistas, os conceitos que referenciam a homossexualidade não são tão arbitrários assim, sendo que a prática, a orientação e a identidade sexual podem estar correlacionadas em todas as culturas. Para os essencialistas, existe uma essência de "homossexualismo" que inclui vários traços - os argumentos biológicos parecem apoiar uma posição essencialista na medida em que vêem a homossexualidade como um fenômeno que junta várias características. Os estudos sobre a intersexualidade talvez sejam os mais essencialistas, à medida que associam a sexualidade com características que diferenciam ambos os sexos. Pressupõe-se que a atração sexual esteja ligada a outras características sexuais - como a feminilidade ou capacidade cognitiva, por exemplo, devido às origens comuns destes vários traços no processo de diferenciação sexual na ontogenia.

Para os construtivistas, não há nenhuma razão para acreditar que haja uma correspondência entre estas diferentes características. Cada cultura ou etnia poderia recorrer de forma arbitrária a quaisquer critérios para definir a homossexualidade. O comportamento das pessoas, para muitos deles, corresponderiam a estas construções.

Para os essencialistas, as construções simbólicas não teriam o poder de quebrar com alguma correspondência na organização biológica de um indivíduo, mas sim, significá-las de forma distinta. O debate entre essencialistas e construtivistas pode assim ser colocado em termos empíricos, pois os dois campos fazem previsões diversas a respeito das correlações entre diferentes critérios de homossexualidade.

Nesse sentido, proponho aqui uma pesquisa de campo em quatro comunidades pesqueiras de origem açoriana, com identidades sexuais masculinas bastante diferentes do modelo norte-americano e norte-europeu, com o intuito de identificar as práticas e as orientações sexuais através de conceitos e critérios éticos. Assim, independentemente dos resultados dessa pesquisa, teremos mais alguns dados para discutir, se a sexualidade é realmente uma construção totalmente arbitrária como defendem os construtivistas ou se a homossexualidade tem alguns critérios universais como supõem os essencialistas. Ou seja, até que ponto os critérios e conceitos para referenciar a sexualidade ou, mais especificamente, a orientação sexual, diferem ou não em relação aos nossos e aos de outras etnias revisadas via literatura, nestas comunidades pesquisadas.

A pesquisa se baseia em dois momentos distintos. Primeiro, uma etnografia da sexualidade masculina nestas comunidades, que terá como finalidade estabelecer os critérios "êmicos" da sexualidade, bastante diferentes dos critérios norte-americanos e norte-europeus. Segundo, uma análise das correlações entre os diferentes critérios para a homossexualidade, que avaliará mais diretamente os argumentos essencialistas e construtivistas.

CAPITULO II

Metodologia

2.1. A lógica da metodologia:

O objetivo desse trabalho de pesquisa é tentar mostrar que, apesar do relativismo cultural, nem tudo em termos de sexualidade é totalmente arbitrário. Nesse sentido, tomei a sexualidade humana, mais especificamente a sexualidade masculina, como objeto de estudo, para tentar melhor discutir a temática essência versus constructo.

Para alcançar esse objetivo, fêz-se necessário apresentar as recentes contribuições e descobertas que a Biologia, a Antropologia e a Sociologia tem trazido para a discussão e problematização da sexualidade humana. Depois optei por um trabalho de campo em uma comunidade pesqueira, onde as pessoas constroem a sua sexualidade a partir de conceitos e valores distintos dos da classe média urbanizada. Assim, elaborei uma etnografia circunstanciada acerca de uma comunidade com grande tolerância em relação às práticas sexuais entre pessoas do mesmo sexo.

A comunidade estudada, Ganchos, não classifica todos os indivíduos que têm práticas sexuais com outros homens como homossexuais, assim como fazem os norte-americanos, por exemplo. Os gancheiros utilizam outros critérios para classificar e diferenciar os "homossexuais" dos "heterossexuais" no convívio social.

Nesse sentido, pude estruturar alguns questionamentos acerca dessa investigação:

1) Em uma cultura onde a construção social da sexualidade masculina se faz baseada em categorias que distinguem o "passivo" e o "ativo" e não distinguem o "entendido" e o "heterossexual", quem são esses homens que não se consideram e não são considerados homossexuais, apesar de manterem relações sexuais com outros homens?

2) Será que esses homens, denominados por mim de "curtidores de paneleiros", apesar de viverem em uma cultura permissiva à prática sexual entre homens, mas também, machista com relação aos papéis que se assume no sexo, são na realidade, psicologicamente, "homossexuais enrustidos"?

3) Será que há outros fatores psicológicos que distinguem os "homens" dos "curtidores de paneleiros"?

4) Será que o que distingue estas duas categorias de homens é simplesmente a falta de oportunidade de sexo com as mulheres?

Ao realizar essa pesquisa sobre sexualidade masculina, resolvi fazer dois tipos de trabalho. Primeiro, tentei descrever o sistema sexual em forma de uma etnografia tradicional, na qual esbocei as regras e os significados da sexualidade êmica. Em segundo lugar, tentei ir além da pesquisa qualitativa. Nesse sentido, realizei também entrevistas de cunho mais objetivo, com o intuito de averiguar e controlar os dados e informações extraídos da observação vivida em campo. Assim, pude checar algumas das minhas próprias interpretações a

respeito do trabalho de campo.

A partir desse controle estatístico, pude fazer algumas considerações ou até mesmo tirar algumas conclusões mais replicáveis acerca da temática da pesquisa, com um pouco mais de objetividade, isto é, o controle estatístico auxiliou-me no sentido de mostrar correlações que melhor sustentassem ou refutassem os meus argumentos, assim como, permitiu a comparação com outros estudos similares em diferentes culturas.

2.2. População e amostra:

A população dessa pesquisa foi composta por homens das comunidades do Canto dos Ganchos, Calheiros, Ganchos do Meio e Ganchos de Fora. Os homens, nessa pesquisa, têm por característica comum uma vida sexualmente ativa, isto é, têm práticas sexuais com outros e ou masturbatórias.

A amostragem dessa pesquisa foi do tipo estruturada ou intencional e abrangeu quarenta e um homens. Fizeram parte da amostragem, homens a partir da adolescência até os 50 anos de idade, em sua grande maioria solteiros, que foram convidados a se submeterem a uma entrevista roteirizada de aproximadamente uma hora, a sós e em lugares afastados do grupo social. Optei por entrevistar três categorias de homens, a primeira os que só transavam com homens, a segunda os que só transavam com mulheres e a terceira os que transavam com homens e mulheres. Assim, antes de selecionar a amostragem final da pesquisa, já fazia inquéritos informais com vários informantes chaves

que me indicavam os homens dessas diferentes categorias. Tomei o cuidado de diversificar a amostragem segundo as suas práticas sexuais, com o objetivo claro de comparação.

A amostra final foi então estruturada para captar a diversidade dos membros da comunidade, e não apenas representá-la. Pois a finalidade da pesquisa era comparar diferentes categorias, numa metodologia de "pares (na realidade tríades) equiparados" em termos de origem sócio-econômica e idade.

Para garantir o sigilo das pessoas que gentilmente colaboraram com esta pesquisa, sob a forma de entrevista formal ou informal, criei sistemas de nomenclatura para os mesmos. Substituí o nome das pessoas entrevistadas formalmente por Fulano 1, Fulano 2, etc. Para as pessoas que contribuíram com a pesquisa de forma informal ou que foram citadas pelos entrevistados ou por outras pessoas da localidade, utilizei um sistema de nomenclatura diferente: Siclano 1, Siclano 2, etc. Assim, o texto etnográfico está pontuado de Fulanos e Siclanos. Os Fulanos seguem uma numeração de 1 a 41 de acordo com a ordem da pesquisa de opinião pública e os Siclanos seguem uma numeração de 1 a 28 de acordo com a ordem de entrada no texto.

2.3. O campo:

2.3.1. A pesquisa em Ganchos:

Os primeiros contatos realizados na comunidade foram com o cabeleireiro do local, que amavelmente apresentou-me a outras pesso-

as. Logo de início, procurei por algum tipo de acomodação, mas nada encontrei, nem hotel, nem pousada, nem sequer uma casa para alugar. A última tentativa foi feita junto a casa paroquial do lugar, que me recebeu e me hospedou gentilmente durante todo o trabalho de campo. O padre, que de início foi um bom informante, acabou se transformando num bom amigo.

Nos primeiros dias de trabalho de campo, despertei muita curiosidade por parte da população nativa. Fui considerado por muitos como mais um seminarista, pelo meu jeito de ser, pela pasta preta carregada sempre debaixo do braço (pasta que continha meus acessórios de pesquisa) e por morar com o padre. Mas, logo ficaram sabendo que o "estrangeiro" recém-chegado, era um pesquisador que investigaria "as coisas dos homens", fato que despertou ciúmes e desconfiança por parte das mulheres. Depois das primeiras semanas, comecei a me tornar mais íntimo das pessoas. Os nativos, então, passaram a me convidar para almoçar, tomar café, dançar, buscar a rede no mar, enfim, a tomar parte de um pouco de suas vidas. Com a convivência, perderam a desconfiança típica do "gancheiro" com todos os "estrangeiros" do local, e passaram realmente a acreditar no meu real interesse, pois "as pergunta que ele fagi prá gente não pode se coisa de siminarista, ele pergunta cada coisa tu precisa vê." As mães, então, puderam ficar mais sossegadas e liberaram as filhas para olhar e paquerar "o moço dos'olho azul", pois ele não era seminarista e passou a ser também um bom partido.

A pesquisa de campo foi realizada durante quatro dias por semana, geralmente abrangendo os finais de semana, de agosto a dezembro

de 1993. Os outros três dias da semana foram dedicados a relatórios, análises qualitativas das entrevistas e a construção do texto etnográfico junto ao computador. Nesse sentido, vivi a experiência de campo simultaneamente com a experiência do texto etnográfico. A cada volta ao campo, todas as dúvidas eram verificadas e sanadas dentro das possibilidades do momento, e o texto sofria novas mudanças na sua estrutura e nas suas concepções no decorrer do processo de observação e de entrevista.

2.3.2. Coleta de dados:

A pesquisa de campo envolveu observação e entrevistas, incluindo uma parte descritiva e uma mais reflexiva.

A observação compreendeu um registro detalhado do que ocorreu no trabalho de campo, como: a descrição dos sujeitos, reconstrução de diálogos, descrição de locais, descrição de eventos especiais, descrição das atividades e comportamento do observador em campo. As observações envolveram o dia-a-dia da comunidade, como o trabalho, o lazer, o namoro, a religião e o convívio familiar.

A parte reflexiva das anotações inclui as observações pessoais do pesquisador, feitas durante a fase de coleta, suas especulações, sentimentos, problemas, idéias, impressões, dúvidas, incertezas e decepções. Estas foram de vários tipos, a saber: reflexões analíticas, metodológicas, dilemas éticos, mudanças de perspectiva, etc.

Como já foi dito, além da observação direta, utilizei entre-

vistas roteirizadas, que procuraram descortinar o universo sexual masculino, desde a infância até a atualidade. Os dados coletados permitiram um mapeamento das práticas, orientações e identidades sexuais de alguns homens da região. Os maiores problemas enfrentados pelo pesquisador na execução das entrevistas foram: a dificuldade de retirar os homens do seu grupo para uma conversa em particular, e a falta de um lugar adequado para realizar as entrevistas num clima mais propício. As entrevistas foram realizadas nos mais distintos locais: na praia, no carro, nas casas das próprias pessoas, nos ranchos de barcos, nos terrenos baldios e em uma dependência da casa paroquial, sempre afastado dos ouvidos e da atenção das outras pessoas.

2.3.3. Entrevista roteirizada:

As entrevistas foram divididas em três partes, a primeira voltada para as práticas sexuais, a segunda para as orientações sexuais e a terceira, e última, para os valores e características que constituem as identidades sexuais masculinas no local. A primeira etapa teve como fio condutor histórias de vida da infância, adolescência e maturidade de cada entrevistado. Nessa etapa, percebeu-se que não existe uma divisão muito clara entre estas três fases vitais para os nativos, de forma que, quando relatavam algumas práticas da infância, se davam conta de as praticarem ainda na adolescência ou na maturidade. As duas últimas etapas tentaram identificar manifestações que caracterizassem as orientações e as identidades sexuais dos mesmos (ANEXO III).

Com o objetivo de detectar as preferências dos entrevistados,

mostrei desenhos em pequenos pedaços de cartolina que ilustravam as tarefas do cotidiano na infância, as brincadeiras de infância e as atividades preferidas em reuniões e festas. Também mostrei fotos-gravuras referentes a diversas práticas sexuais que incluíam homens, mulheres e travestis. Pedi que cada entrevistado colocasse em ordem de preferência, isto é, das mais interessantes para as menos desejadas, as diferentes tarefas, brincadeiras e práticas sexuais. Essas estratégias facilitaram a comunicação com os entrevistados, que em grande parte eram semi-analfabetos, como também ajudaram a quebrar a tensão da própria entrevista.

2.3.4. Avaliações dos pares:

Além das entrevistas em que os informantes falaram de si mesmos, também realizei uma pesquisa de "opinião pública" com cinco entrevistados especiais acerca da amostragem da qual eles também faziam parte. Pedi que classificassem todos os entrevistados de acordo com um ranque de critérios propostos por mim, em relação às práticas, às orientações e às identidades sexuais de cada um. Além disso, averigui junto a estes informantes o nível sócio-econômico e o uso de álcool e drogas dos entrevistados (ANEXO IV).

2.3.5. Avaliação dos valores culturais:

Com o objetivo de identificar os valores êmicos quanto à masculinidade e feminilidade, realizei também uma pesquisa de "opinião pública" onde perguntei o nível de masculinidade e feminilidade das tarefas do cotidiano, brincadeiras de criança, divertimentos na ado-

lescência, papéis sociais em festas e profissões. Variáveis estas que constavam nas entrevistas roteirizadas ou foram colocadas pelos informantes em suas respostas (ANEXO V).

2.4. Organização dos dados:

Os dados obtidos através da observação participante e das respostas abertas das entrevistas, foram utilizados na construção de uma etnografia circunstanciada á sexualidade masculina da comunidade estudada.

As informações de cunho mais objetivo proveniente das entrevistas e da pesquisa de opinião pública, foram organizadas e adequadas para serem utilizadas num programa de análise estatística.

Inicialmente, elaborei uma lista de variáveis que pudessem ligar as minhas hipóteses aos dados que havia colhido em entrevista, que foram denominadas por mim de "variáveis primárias" (ANEXO VI). Logo em seguida, codifiquei as respectivas entrevistas a partir dessa lista de variáveis que construí.

A grande maioria destas variáveis criadas eram diretas, isto é, foi possível a transcodificação no mesmo instante. Por exemplo, as variáveis que tinham respostas do tipo sim ou não automaticamente assumiam a forma do número 1 para o sim e do número 0 para o não. As variáveis que pediam respostas do tipo, "o número de vezes que", eram lançadas também automaticamente: 1 para uma vez, 2 para duas vezes, 3 para três vezes, 4 para quatro vezes ou mais. Outras variáveis eram

mais abertas, por exemplo, as tarefas do cotidiano e as brincadeiras que mais gostava de fazer. Estas eram transcodificadas para o valor de masculinidade das tarefas ou brincadeiras (colhido via pesquisa de opinião pública). Então, pude calcular a média aritmética de masculinidade de todas as atividades pronunciadas pelos entrevistados. Só depois de organizar todas as variáveis a partir da lista criada, dei início a entrada dos dados no programa estatístico.

A averiguação manual do trabalho de digitação fez-se necessário para garantir maior fidedignidade aos resultados. Realizei também, o cálculo da média e do desvio padrão de todas as variáveis como uma segunda estratégia de averiguação.

Nesse processo de organização e adequação dos dados no programa estatístico, procurei avaliar a validade das "variáveis primárias" ou "diretas", através da procura de correlações entre as mesmas. Por exemplo, quanto à prática sexual, primeira parte da entrevista, percebi que:

a) quanto às tarefas caseiras do cotidiano na infância, quem preferia varrer a casa escolhia também lavar louça ($r=0,518$).

b) nas brincadeiras de infância, quem brincava mais com os meninos geralmente preferia brincadeiras do tipo caçar passarinho ($r=0,570$), jogar futebol ($r=0,575$) e não gostava de brincar com boneca ($r=-0,794$), de pular corda ($r=-0,529$), de roda ($r=-0,505$), respectivamente.

c) quanto às brincadeiras sexuais na infância, quem brincava de comer também gostava de brincar com os ditos "viadinhos" ($r=0,739$).

d) quanto as práticas masturbatórias na adolescência, quem gostava de se masturbar preferia masturbar-se só ($r=1.000$).

e) quanto às práticas sexuais, os que mais transaram com mulheres foram também os que tiveram a primeira relação sexual com uma mulher ($r=0,637$). Quem mais transou com mulheres na zona havia transado alguma vez com uma mulher estranha ($r=0,534$), como também, tinha ido mais vezes na zona ($r=0,702$).

f) quanto às práticas sexuais com outros homens, quem já havia tido prática sexual ativa com um outro homem teve também muitas outras experiências desse tipo ($r=0,729$). Quem mais teve práticas sexuais ativas com outros homens geralmente ia só na casa dos mesmos ($r=0,480$). Quem mais vezes foi na casa dos "viados" já transou ativamente com os mesmos ($r=0,490$).

Quanto à orientação sexual, segunda parte da entrevista, percebi correlações entre diferentes aspectos das fotografias eróticas que foram mencionadas quando os entrevistados foram indagados acerca de suas opções:

a) quem falou em mulher, falou também em vagina ($r=0,571$) e preferia mais a foto de uma mulher gorda, nua e disponível ($r=0,510$).

b) quem falou em pênis, falou também preferir posição passiva no sexo anal com homens ($r=1.000$) e escolheu as fotos de práticas sexuais entre homens ($r=0,571$) e a do rapaz loiro nú e disponível ($r=0,862$).

c) quem falou em homem, também preferia ser passivo numa relação sexual com homens ($r=0,518$) e escolhia as fotos de práticas sexuais entre homens: homem com travesti ($r=0,518$), homem ativo transado com homem passivo ($r=0,725$) e dois homens se masturbando simulta-

neamente ($r=0,651$).

d) quem escolheu o loiro nú e disponível, escolhia também as fotos de práticas sexuais entre homens ($r=0,532$) e dos dois homens se masturbando simultaneamente ($r=0,606$).

e) quem escolheu a foto de homem disponível mostrando o ânus, escolheu também a foto dos dois homens se masturbando simultaneamente ($r=0,534$).

f) quem escolheu as duas fotos das práticas sexuais entre mulheres, se excitava em ter sexo na posição ativa ($r=0,407$) e ($r=0,515$) respectivamente. Os que se excitavam em ter sexo ativo se excitavam também com sexo oral ativo em mulheres ($r=0,568$).

g) quem se excitava em ter sexo anal passivo com homens se excitava também com sexo oral passivo com homens ($r=0,562$).

Quanto à identidade sexual, terceira parte da entrevista, percebi que:

a) no tocante ao comportamento na infância, quem se sentia melhor brincando na infância com meninos preferia mais as brincadeiras de infância dos meninos ($r=0,510$). Por outro lado quem preferia as brincadeiras das meninas, geralmente foi considerado "viadinho" pelos amigos de infância ($r=0,603$). E quem foi considerado "viadinho" pelos amigos de infância gostava ou se interessava por moda feminina ($r=0,682$).

b) no tocante ao conceito de homem, quem falou que ser homem é ter coragem geralmente respondia que homem deixa de ser macho quando brocha na cama ($r=0,563$).

c) no tocante ao reconhecimento da masculinidade, quem disse reconhecer os homens via casamento ou status social geralmente res-

pondia que homem deixa de ser macho quando larga mulher ($r=1.000$).

d) ao auto-conceito de masculinidade, quem disse que nunca se sentiu homem, como os "paneleiros" assumidos, disse também que homem deixa de ser macho quando usa roupa de mulher ($r=0,563$).

Depois de terminada a entrevista fiz um "bate-bola" informal sobre sexo e anotei os comentários. Quanto a esses comentários percebi que: quem sentia prazer em bater durante o sexo também sentia prazer em ser batido ($r=0,691$), batia no parceiro quando fazia sexo ($r=0,910$) e se deixava ser batido ($r=0,869$).

Para analisar algumas hipóteses levantadas por mim, fez-se ainda necessário juntar informações de diferentes variáveis para construir uma só variável mais geral, que pudesse expressar o desejo. Denominei essas de "variáveis úteis de análise". Por exemplo, para detectar uma suposta categoria "homens" na amostragem, poder-se-ia construir uma variável mais ampla, que juntasse as variáveis primárias, "número de vezes que transou com mulher", "número de vezes que transou com mulher na zona", "se transou com mulher estranha" e assim por diante. Correlações deste tipo, entre as variáveis primárias que acompanham a "variável útil de análise", garantem a confiabilidade destas.

2.6. Construção de variáveis:

As variáveis primárias foram transcodificadas de forma direta ou indireta... Não contemplavam os dados referentes aos cartões e às fotografuras utilizadas nas entrevistas. Assim, com o objetivo de

viabilizar o uso desses dados, criei outras variáveis úteis de análise, um pouco mais complexas. Queria saber com isto, até que ponto as pessoas escolhiam tarefas, brincadeiras e atividades de lazer mais femininas ou masculinas. Para avaliar esta questão, pedi a alguns informantes, via "pesquisa de opinião pública", que analisassem as diferentes tarefas, brincadeiras e atividades de lazer segundo a "feminilidade" e "masculinidade" das mesmas. Depois, usei essas avaliações para decidir até que ponto as pessoas escolhiam atividades femininas e masculinas. Assim, pude pedir aos entrevistados que indicassem, em ordem de preferência, as opções apresentadas nos cartões, pois teria como analisar o grau de feminilidade das respostas pautado numa referência êmica.

Depois inventei um índice de feminilidade, que consiste na preferência para uma determinada tarefa multiplicada pelo grau de feminilidade daquela mesma tarefa. Lancei esses produtos para um índice final, representado abaixo:

TARFEM = (ordem de preferência da tarefa i X grau de masculinidade da tarefa i)

BRINCFEM = (ordem de preferência da brincadeira i X grau de masculinidade da brincadeira i)

LAZFEM = (ordem de preferência da atividades i X grau de masculinidade da atividade i)

Outras variáveis úteis de análise foram criadas para isolar

categorias de homens entrevistados, com o objetivo inicial de categorizar e de melhor refletir sobre as hipóteses da pesquisa. Assim, criei três variáveis básicas para representar a diversidade da amostra, a partir da matriz categórica "qualitativa" elaborada por mim na análise qualitativa dos entrevistados. Eram estas: os paineleiros, os homens e os curtidores de paineleiros (que podiam ser assíduos ou esporádicos).

Os resultados das pesquisas de opinião pública acerca da amostragem, tiveram que ser também transformados em variáveis úteis de análise. Para tal, simplesmente somei as avaliações dos diferentes informantes especiais para obter uma avaliação final de cada entrevistado.

Após toda esta organização e adequação das variáveis primárias e construídas, passei a procurar correlações entre as mesmas com a finalidade de melhor esclarecer as hipóteses desse estudo, dando-as suporte ou não.

2.7. Análise dos dados:

Após a seleção de algumas dessas variáveis sempre relacionadas às hipóteses pensadas, iniciei o cruzamento das mesmas com o intuito de identificar possíveis correlações entre elas. Isto tornou possível a checagem de algumas formulações prévias realizadas na etnografia. Nem sempre as minhas interpretações etnográficas conseguiram apoio estatístico, o que me levou a ampliar o meu universo causal e explicativo.

CAPITULO III

Ganchos: um caso etnográfico

3.1. Contextualização

3.1.1. Generalidades do local:

O município de Ganchos, no qual se situam as comunidades envolvidas nessa pesquisa: Canto dos Ganchos, Calheiros, Ganchos do Meio, Ganchos de Fora, foi criado pela Lei número 929, de 1963. Em 1968, passou a se denominar Governador Celso Ramos em homenagem ao governador do Estado de Santa Catarina, de igual nome (Silva, 1992). Esta medida institucional não foi assimilada e nem aceita pela maioria de seus habitantes, que ainda aspiram a reversão do acontecimento, ou seja, a permanência do antigo nome: Ganchos, denominação ainda comumente usada pelos seus moradores para referenciar o atual município.

Nesse contexto, "gancheiro" é todo aquele que nasceu em uma dessas quatro comunidades, ou seja, em Canto dos Ganchos, em Calheiros, em Ganchos do Meio ou em Ganchos de Fora. No entanto, nas relações endógenas entre essas comunidades existem também distinções, principalmente entre o gancheiro do Canto, o "canteiro" e o gancheiro dos Ganchos, o "gancheiro". Na comunidade de Calheiros, situada entre canteiros e gancheiros, a maioria de sua população sente-se "gancheira".

O município de Governador Celso Ramos, região pesqueira localizada ao norte do Estado de Santa Catarina e distante cinquenta quilômetros de Florianópolis, ficou isolado, sem comunicação por terra com o restante do Estado por aproximadamente 190 anos (Lacerda,1992). Até então, segundo os moradores mais antigos, todo o sistema de comunicação se dava pelo mar via barcos a pano e a remo ou através de picadas que cortavam a cadeia de pequenas montanhas da região. A primeira estrada começou a ser aberta pelos presos da Penitenciária Estadual em três etapas, a saber, até Biguaçu primeiramente, depois até a Fazenda, lá por volta de 1957, para só mais tarde, em 1967 chegar a Ganchos. Segundo Dona Siclana 1 (48 anos), a estrada chegou junto com a luz, quando uma das suas filhas (hoje com 29 anos de idade) tinha dois anos. A pavimentação asfáltica só chegou em 1976.

A região onde se situam o município foi inicialmente povoada por pequenos produtores provenientes das ilhas de Açores e Madeira, que se lançaram no processo migratório para os espaços do litoral catarinense, num total de quase cinco mil pessoas no período entre 1748 e 1756. Nesse contexto migratório a região dos Ganchos, assim como a Armação e Palmas, comunidades vizinhas, revestiram-se de pequenos produtores mercantis que se interpenetravam ao processo baleeiro nas épocas de safra, articulando-se posteriormente ao nascente mercado, ao longo da orla marítima catarinense (Silva,1992).

Vale a pena lembrar que as ilhas de Açores e Madeira foram colonizadas pelos portugueses no século XV. Os imigrantes portugueses que se instalaram naquele arquipélago, tiveram que se adaptar ao novo meio ambiente de declives cercados de água por todos os lados. So-

freram também uma acomodação no que se refere aos valores culturais trazidos do continente. O relativo isolamento em que ficaram essas populações, seja devido à situação geográfica das terras ocupadas ou as circunstâncias tecnológicas da época, provocou um diferenciamento cultural entre os que foram e os que ficaram. Nesse contexto, enquanto os imigrantes se adaptavam às novas condições com o aparecimento de novos símbolos e valores culturais, os portugueses no continente estavam expostos a um ecleticismo e a um grande dinamismo cultural emergente nessa época. Os imigrantes, isolados desse processo, não puderam acompanhar as mudanças que aconteciam na metrópole. Assim sendo, a população imigrante que veio para o litoral catarinense no século XVIII, não portava a cultura européia vigente daquele século e sim estava presa a símbolos e valores que eram vigentes na Europa do século XV (SANTOS, 1971).

No passado, a família como unidade, além de se envolver com a pesca, envolvia-se também com a confecção de instrumentos, e uma divisão sexual do trabalho já se fazia notória.

Competia aos homens extrair do gravatá uma fibra rígida e flexível para confeccionar corda para diversos usos, como tecido, velame, sacaria e redes de pesca para os trabalhos nas embarcações. As canoas também eram confeccionadas pelos homens, artesões da pequena pesca, a partir da madeira de lei abundante em outras épocas. As mulheres se dedicavam às atividades domésticas, às tarefas de limpar o algodão e fiar nos fusos dos teares rudimentares, tendo o produto uma dupla finalidade: confecção das redes de pescarias e confecção de vestuário, toalhas, lençóis, colchas, etc, geralmente ornados com

crivos (1) (Silva, 1992).

Os habitantes do município ainda vivem praticamente de forma direta ou indireta, da atividade pesqueira. Lembram-se saudosos dos tempos em que a pequena produção mercantil esteve em ascensão, tempo de muita prosperidade para toda a região. Hoje, mesmo em franca decadência, devido a escassez de peixe e a fuga das grandes empresas pesqueiras para Itajaí e Santos, a pesca, seja ela artesanal ou profissional, ainda é a principal forma de sobrevivência dessas pessoas.

Os homens mais jovens trabalham geralmente embarcados na pesca profissional, em barcos de grande porte, do tipo camaroeiro, traineira e parelha. A pesca artesanal geralmente é a ocupação dos homens mais velhos e também dos mais jovens quando estão em terra ou desembarcados a espera de uma vaga num barco melhor. Os homens que ficam em terra, assim como as mulheres, estão diretamente ligados a atividade pesqueira, no transporte, preparo e embalagem da produção que vem do mar. Dependendo da época, estão em grupos, ora "dicascando o cheroso" [descascando camarão], ora limpando sardinha, ora descascando e cozinhando marisco ou ostra.

A maricultura, o cultivo de marisco nas baías da região, após quatro anos de implantação, vem sendo uma ótima alternativa de sobrevivência para as famílias dependentes da instabilidade da pesca. Aproximadamente mil pessoas nessas regiões estão diretamente ligadas a essa recente atividade econômica, que tem o apoio técnico de órgãos públicos.

Governador Celso Ramos tem uma população de 9.846 habitantes segundo estimativa do IBGE para o ano de 1992. De acordo com último senso, realizado em 1991, a população masculina foi estimada em 5.011 habitantes e a população feminina em 4.618 habitantes. Detalhes sobre as faixas etárias da população do município podem ser observadas na tabela 3.1 fornecida pelo IBGE (1991):

TABELA 3.1 - População do município de Governador Celso Ramos de acordo com a variação de idade e sexo:

classe	total	homem	mulher
0	189	102	87
1	189	93	96
2	196	100	96
3	197	104	93
4	199	101	98
5	200	110	90
6	216	118	98
7	191	95	96
8	189	103	86
9	197	109	88
10	234	109	125
11	195	96	99
12	210	112	98
13	180	90	90
14	209	110	99
15	169	87	82
16	214	93	121
17	229	109	120
18	236	121	115
19	210	113	97
20 a 24	1021	558	463
25 a 29	921	514	407
30 a 34	767	394	373
35 a 39	671	359	312
40 a 44	514	293	221
45 a 49	372	196	176
50 a 54	323	163	160
55 a 59	235	118	117
60 a 64	265	124	141
65 a 69	188	79	109
70 a 74	127	63	64
75 a 79	88	42	46
80 a 84	57	22	35
85 a 89	20	8	12
90 a 94	10	2	8
95 e mais	1	1	0
	9629	5011	4618

As comunidades diretamente envolvidas nesse trabalho de pesquisa: Canto dos Ganchos, Calheiros, Ganchos do Meio e Ganchos de Fora, foram zoneadas, segundo os técnicos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, em três setores dentre um total de onze para o município, que são discriminados na tabela 3.2. É importante ressaltar, que o zoneamento feito pelo IBGE não respeita os limites naturais dessas comunidades, que são separadas por três relevantes morros que se fundem em sentido contrário ao oceano, em uma pequena cadeia montanhosa.

TABELA 3.2 - População dos setores 1, 2 e 3 do município de Governador Celso Ramos de acordo com o sexo:

Setores segundo IBGE (onze no município)	População	
	homens	mulheres
Setor 1: Canto dos Ganchos até o Calheiro	891	856
Setor 2: Calheiro até o canal dos Ganchos do Meio	810	761
Setor 3: canal dos Ganchos do Meio até Ganchos de Fora	682	658
TOTAL	2383	2275

A grande parte dessa população está localizada em estreitas áreas em aclive entre o mar e a montanha, de frente para pequenas praias de baías, separadas umas das outras por pequenos morros. Esta peculiaridade do relevo caracteriza um relativo isolamento geográfico entre as comunidades, apesar da atual auto-estrada. Essas comunidades, que vivem basicamente em função da exploração e cultivo do mar, apresentam uma aparente independência entre si. Apesar de unidas po-

liticamente em um só município, são bastante autônomas do ponto de vista da organização social. Têm suas próprias festas, farras de boi, etc.

Para maiores informações acerca da memória histórica de Ganchos, ver Gerber (1993).

3.1.2. O espírito gancheiro:

O gancheiro tem profundo orgulho da sua terra, segundo os mesmos: "não há quem a tenha conhecido e que não a tenha gostado" ou "todos que bebem da sua água não querem mais ir embora ou sempre voltam". Orgulham-se das muitas das suas manifestações culturais típicas. Apesar de estarem desaparecendo (segundo os mais antigos), algumas ainda são cultivadas e ajudam a manter a distintividade cultural tão valorizada. Uma das características mais marcantes desse povo, parece ser o espírito "subversivo" e "aventureiro" percebido em todas as suas manifestações sociais.

Segundo Mere (32 anos), a única assistente social do município, quando lá chegou, recém-formada com muitos projetos sociais na cabeça, foi logo avisada pelo povo do lugar: "menina bota na tua cabeça, aqui é terra de sem lei. A lei aqui quem faz é a gente!".

Em uma recente pesquisa desenvolvida sobre os costumes e os valores do lugar, Mere resgatou uma auto-denominação nativa muito peculiar que parece estar latente na consciência "subversiva" ou "anarquista" do gancheiro. Em entrevista com uma das senhoras do grupo de

idosos no qual trabalha, a pesquisadora foi interrogada por Dona Siclana 2: "você sabe o porquê do nome desse lugar ser Ganchos?". Foi respondida em seguida pela mesma, da seguinte forma: "Porque a gente aqui já nasce torto, nunca vai indireitá. E se forçá quebra".

Na atualidade uma das mais fortes manifestações utilizadas como legítima representante da distintividade cultural do gancheiro, tem sido a farra do boi. Símbolo maior do espírito subversivo desse povo, que se orgulha em mostrar a sua soberania, pois segundo os mesmos, lá é terra de sem lei. Um dos primeiros conselhos que o gancheiro geralmente dá a um "estrangeiro" que passe a freqüentar ou morar na região é: "se queres te dá bem aqui, não se meta com a farra do boi", isto é, não formule opinião ou faça julgamento contrário a essa prática.

Mere trabalha com serviço social junto ao EPAGRI em Governador Celso Ramos há aproximadamente sete anos. Segundo ela, já se acostumou à resistência do povo às coisas pré-estabelecidas e organizadas. Hoje convive sem problemas com o ritmo calmo e muito lento do gancheiro, que parece não ter pressa para nada. Em uma conversa informal Mere desabafa: "sabe Fernando o que eu acho mesmo, é que no fundo eu adoraria ser uma gancheira e poder fugir um pouco dessa consciência capitalista competitiva, e saborear mais os bons momentos da vida."

Em síntese, se é que se pode resumir algo tão complexo como a consciência social de uma comunidade em tão poucas palavras, o espírito dessa gente para qualquer "estrangeiro" não etnocêntrico parece

ser um aforisma à ludicidade humana. Onde até mesmo o sexo, apesar dos tabus, é referenciado como brincadeira.

3.1.3. A pesca:

A maioria dos pescadores do local trabalham basicamente em três tipos de barcos na pesca comercial: o camaroeiro (onde trabalham mais canteiros), a traineira (onde trabalham mais gancheiros, tanto dos Ganchos do Meio quanto dos Ganchos de Fora) e a parelha (onde trabalham poucos homens do local). Uma explicação talvez plausível para esta setorização da mão de obra masculina na pesca (isto é, mais canteiros nos barcos de camarão e mais gancheiros nas traineiras), se deve ao clientelismo que se criou em torno da atividade pesqueira comercial. O mestre é quem escolhe a sua tripulação e nada melhor para se conseguir um lugar num bom barco, que a indicação de um amigo ou familiar.

Nesse sentido, a pesca embarcada é um aprendizado prático, possibilitado ou acessado pelas relações sociais do indivíduo ou de seus familiares junto aos donos de barcos ou mestres do local. O que garante aos mestres dessas comunidades "status", prestígio político e econômico.

Segundo o mestre Siclano 3 (42 anos), vinte e sete de mar, o barco camaroeiro trabalha com duas redes e dois mastros, um em cada lado. É um barco de arrastão, tem uma tripulação de seis a sete homens e geralmente fica mais tempo no mar, de um a três meses. A traineira é barco de um mastro só, pesca usando o "cerco" aos cardu-

mes com a ajuda de um bote que sustenta um dos extremos da grande rede no mar, que é carregado na popa. A traineira tem geralmente uma tripulação de dezesseis a dezessete homens, dependendo do tamanho do barco. A parelha, barco também de um só mastro, pesca em dois barcos grandes, lado á lado, que fazem um grande arrastão, depois se aproximam e os extremos da rede são unidos em um só barco, que passa a ser o responsável pelo recolhimento da mesma. A cada arrastão é alternado o direito de puxar a rede. A parelha trabalha com uma tripulação de mais ou menos oito homens em cada barco. O tempo no mar da traineira e da parelha depende de onde estiver o peixe. Podem trabalhar de três a quatro dias se o peixe estiver perto e de vinte dias a um mês se o peixe estiver muito longe.

O camaroeiro e a parelha trabalham geralmente com muita luz durante a noite, já, a traineira trabalha numa completa escuridão para não assustar os cardumes, o que na opinião de Siclano 3 (42 anos) é uma atividade que exige muito mais trabalho cooperativo da tripulação. Por este motivo, todo período de lua cheia, além das paradas normais, os gancheiros do meio e de fora estão em casa com mais frequência, pelo menos por uns três dias em cada lua. Nesse contexto, os embarcados na frota de Ganchos, já muito reduzida, tem maior contato com a família do que aqueles embarcados na frota de Itajaí. E os embarcados na frota de Itajaí tem maior contato com a família do que os embarcados na frota de Santos. A qualquer problema com o barco ou com as condições do tempo, os que trabalham na frota de Ganchos, estão em casa, os de Itajaí, estão a uma hora de casa pela BR-101 e os de Santos a doze horas.

Noutros tempos, segundo Seu Siclano 4 (50 anos), a parada das traineiras, devido a lua cheia ou ao "claro", como chamam os pescadores, procedia, mas na atualidade com tanta tecnologia, sonda, radar, sonar, etc, a parada no claro perdeu o seu sentido prático, mas é ainda mantido como tradição, momento para acerto de contas ou simplesmente como motivo para estar em terra.

Cada barco tem a sua especificidade, isto é, variam em tamanho de tripulação, tempo no mar, tipo e horas de trabalho e divisão das partes. A divisão do lucro da pesca, segundo Siclano 3 (42 anos), geralmente é feita em três etapas: primeiro tira-se de 10 à 15% do bruto para o patrão (em alguns barcos); depois tiram-se as despesas com óleo, alimentação e gelo, e por fim, do restante, 50% ficam para o patrão e os outros 50% para a tripulação.

Os 50% restantes a serem distribuídos com a tripulação são divididos em partes ou quinhões e as partes de direito variam de acordo com o tipo de barco, a função no barco e de barco para barco.

Segundo Fulano 37 (24 anos) embarcado em uma traineira sardineira, em média, o mestre proeiro (quem cerca o peixe) ganha de 10 a 15 partes, o contra-mestre 4 partes, o cozinheiro 2 partes, o motorista 4 partes, o gelador quase 2 partes, o safador 1,5 partes, o pescador 1 parte e o caiqueiro (que trabalha em dupla num bote) 1,5 partes.

Segundo Seu Siclano 4 que já trabalhou embarcado em todos esses tipos de barcos, a divisão das partes na parelha é a seguinte em

média: o mestre 6 partes, o motorista 4 partes, o contra-mestre 2 partes, o cozinheiro 2 partes, o gelador 2 partes, o pescador 1 parte. Já no barco de camarão existem menos funções e um tipo de trabalho de convés mais genérico, as partes em média são: o mestre 4 partes, o motorista 4 partes, o cozinheiro 2 partes e o pescador 1,5 partes.

Segundo os pescadores, dentro do barco existe uma hierarquia, refletida nas partes que cada função recebe e que deve ser respeitada. Em alguns barcos por exemplo, um pescador não pode se servir à mesa antes do mestre ou do motorista.

O pescador embarcado vive do peixe que mata no mar. Se a pesca for ruim, isto é, se não matar peixe, volta pra casa sem dinheiro com apenas um vale para ser descontado no próximo mês, quando serão novamente fechadas as contas do barco. O pescador tem dois tipos de carteiras, a de pescador e a de trabalho. O pescador embarcado tem as duas e por isso tem direito a décimo terceiro salário, férias, fundo de garantia e, se for casado, abono-família. Mas na parada que começa em dezembro e vai até março/abril nada recebem, vivem das economias do ano ou da possibilidade recente do salário-desemprego.

3.1.4. A farra do boi:

De repente, surge uma multidão a correr no mesmo sentido meio à rua. Nada parece justificar tal movimentação. Todos largam os seus afazeres e passam a engrossar o eufórico cordão humano. São homens, mulheres e crianças. Só se ouve uma frase: "Lá vem o boi". O mais im-

pressionante é que todos correm para o mesmo lugar, todos sabem exatamente onde chegará o boi. Logo ponho-me a pensar sobre a eficiência do sistema de comunicação dessa cultura: como será que funciona isso? Por que tanta euforia? Só então me dei conta de que nunca presenciara algo similar em toda a minha vida!

A farra do boi, ou simplesmente como eles dizem: "brincar de boi", é uma manifestação lúdica de correr do ou atrás do boi bravo. Essa prática, segundo os mais antigos, veio com os primeiros colonizadores madeirenses e açorianos, mantida até hoje como um aspecto fundamental da identidade cultural local. Apesar das recentes medidas repressoras institucionais e da opinião pública nacional contrária à esta manifestação, ela tem se tornado mais forte e comum. Ressonando hoje em dia como um fator fundamental da distintividade cultural dessa gente, como eles mesmos dizem: "A farra do boi é nossa".

A farra do boi também povoa o imaginário infantil da região. Todas as crianças brincam ou já brincaram de simular a farra do boi, fato observado nas manifestações infantis. Uma cabeça de boi, geralmente ganha dos adultos do ano anterior ou até mesmo um pedaço de pau, as vezes com um pano por cima, é suficiente para muitas horas de divertimento.

A organização da farra do boi parece ser uma das poucas manifestações visíveis de mutirão ou cooperação dessas comunidades, fora da parentela. Segundo os moradores, a farra acontece geralmente pela união de algumas pessoas que juntam uma quantidade de dinheiro para comprar um boi bravo e acabam se transformando em sócios no boi. Es-

sas pessoas tem direitos equivalentes a sua participação na compra do boi. É comum também, os mais abonados da região doarem, como estratégia política ou de boa vizinhança, um ou outro boi à população.

A farra pode iniciar em grandes cercados nos fundos das casas, cada vez mais raros pela explosão demográfica, ou no final de um dos muitos becos do lugar, prosseguindo pelas ruas. Não tem hora para iniciar e nem acabar, só termina quando o boi se cansa, morre ou é vendido. Pode-se brincar com um boi por dias desde que se tenha outro para fazer um revezamento, ou trocá-lo por um outro mais bravo e descansado no final do dia. Na época da farra, não é difícil encontrar grandes caminhões gadeiros pelas ruas a espera de um bom negócio.

As mulheres também são muito participativas na farra. Segundo Seu Siclano 5 (104 anos), elas estão sempre presentes, atrás dos muros, na praia ou nas janelas se divertindo com o boi, mas não se arriscam como fazem os homens. "Porque brincá memo com o boi é coisa pra homi". No ano passado, lembra Seu Siclano 5: "teve até um boi de mulher, o boi-buceta".

3.1.5. Os papéis sexuais:

O papel masculino e o papel feminino no convívio social são muito bem definidos. Cabe a mulher o espaço do lar e ao homem a rua, ou seja, o barco, o trabalho e o bar. Esses espaços, além de muito bem definidos, são também respeitados. Por exemplo, uma mulher dificilmente entra num espaço masculino como o bar. As mulheres geralmente são atendidas pelo dono na porta ou através da janela.

Esta definição de papéis é reafirmada após o casamento, fato constantemente observado nas relações sociais. A mulher deixa de participar das noitadas na discoteca ou nas festas de final de semana e passa a se dedicar ao lar e aos filhos. Os homens, em sua grande maioria, não abrem mão do comportamento de solteiro. Apesar de casados e com mais compromissos, continuam a conviver socialmente com os amigos no seu espaço para beber, fumar e namorar. Seu Siclano 6 (61 anos) foi contundente quando falou em uma conversa informal: "Hoje eu já tenho sessenta e um anos, mas até os meus quarenta e cinco anos, eu te digo, eu aproveitei muito a minha vida, mesmo casado, pensasse a minha mulher o que quisesse. Sempre fui o rei momo do lugar e nunca perdi um carnaval por causa dos bicos da minha mulher. Casamento meu filho, é pior coisa do mundo pra um homem. O homem nasceu pra viver na rua, solto e a mulher dentro de casa sem incomodar. Se bem que na velhice é sempre bom ter alguém pra cuidar da gente".

Para grande parte dos pescadores, o convívio social mais interessante ocorre nas atividades vividas no grupo de amigos, como uma extensão das relações sociais de infância. Reúnem-se constantemente para comer, beber, fumar maconha e contar histórias. As mulheres quase nunca participam desse mundo masculino caracterizado pelo companheirismo, porque teriam um caráter repressor ou alienígena em relação ao grupo. Numa roda de pescadores na praia, Fulano 18 (27 anos) declara: "Brincar carnaval com os amigos é a melhor coisa que tem, [dançar abraçados lado a lado pelo salão, bebendo], é muito melhor que dançar com as mulheres de forma geral".

No entanto, quase todos concordam que "a melhor coisa do mundo é uma buceta", "se Deus criou algo melhor guardou com ele lá em cima" diz um deles. "Trepar com as mulheres é muito bom, mas viver todos os dias é muito chato, prefiro ficar embarcado" diz um outro. Quando perguntei para Fulano 37 (24 anos), um outro pescador solteiro e embarcado, qual foi a experiência sexual mais excitante que já teve, ele respondeu-me com muita naturalidade: "Eu não sei, nunca tive ninguém em especial, buceta é tudo igual pra mim".

Parece que, de forma geral a situação ideal para o pescador é ter relações sexuais com as mulheres e conviver socialmente com os homens, os amigos. Siclano 7 (25 anos), também pescador, enfatiza: "Eu sempre digo para todas as mulheres, quando eu casar não vou deixar de andar com os meus amigos e fazer as nossas festas. Se quiserem assim tudo bem, se não quiserem, não caso!".

A opção pela vida no mar talvez expresse um pouco desse estilo de vida masculino. O mar ao mesmo tempo que significa trabalho e trabalho muito duro segundo eles, também significa o convívio e a aventura com o grupo de homens, situação constantemente recriada quando estão em terra, ao realizarem festas em locais retirados somente para os companheiros homens, por exemplo.

Esse descontentamento com a rotina do convívio do casamento, manifesta-se também no estado de espírito das mulheres casadas, que se sentem muito felizes após a partida dos maridos para o mar. Tais manifestações sempre causaram espanto para os "estrangeiros" recém-chegados nessas comunidades. Siclana 8 (40 anos) em conversa, lem-

brou-se do estranhamento inicial que teve com esse fato: "Eu me lembro no passado quando estava a caminho da escola sempre podia observar algumas casas muito alegres com as mulheres cantando, com o rádio ligado e com todas as portas e janelas abertas. Só com o passar do tempo, foi que descobri que tais manifestações aconteciam sempre que os maridos voltavam pro mar. Isso sempre me impressionou muito porque se fosse eu, estaria triste".

Siclana 9 (35 anos), que tem um casamento padrão de classe média com uma proposta claramente igualitária, com uma filha já adolescente, espanta-se quando as suas colegas de trabalho, professoras, funcionárias e serventes, quase todas nativas, preocupam-se com a sua vida conjugal. Elas geralmente justificam a sua preocupação, ao alegar que deve ser muito chato, muito triste para a Siclana 9, ter um casamento naqueles moldes: dormir e comer juntos todos os dias. Segundo elas: "marido em casa atrapalha muito, tira a liberdade da gente. Quando estão no mar tamos livre de cozinhar, passá e servir toda hora".

Segundo alguns estrangeiros que já vivem há muitos anos nessas comunidades, existe também um alto índice de adultério também por parte das mulheres. Fala-se pouco a respeito, porque elas são muito mais discretas e vivem a sua sexualidade no campo do privado, isto é, dentro de casa. Em uma conversa com um grupo de pescadores sobre o assunto, um deles perguntou-me dizendo: "você conhece o Canto, o Canto dos Ganchos. Pois é, cada nova antena parabólica que aparece lá, é mais um corno manso que você pode contar". Segundo os gancheiros, os canteiros são duplamente "galhudos", pelo alto índice de adultério de

suas mulheres e pelo duplo mastro que todo barco camaroeiro tem.

Uma outra estória, também muito conhecida no Canto, é a de um homem casado que trabalha como motorista. Sempre quando volta para casa, tem o hábito de descer o morro buzinando, avisando a mulher da sua chegada, pra não pegar em flagrante o que não quer ver. É conhecido como o "corno mais manso que já existiu".

As "canteiras", segundo os homens dos Ganchos de cá, têm a fama de serem muito perigosas: "põem muito galho nos maridos". Em conversa íntima com a Mere, assistente social do município há sete anos, esse comentário nativo pode ter procedência. Pois segundo ela, a maioria dos homens do Canto trabalham embarcados na pesca do camarão e só voltam quando enchem o barco. Segundo Mere, tem gente que está no mar, nesse tipo de pesca, há uns três meses sem vir em casa.

Nesse contexto, a situação sócio-econômica da pesca e as suas influências sobre a estrutura familiar no município, propiciam distintas manifestações da sexualidade, talvez diferente de outras comunidades. As atitudes ambíguas da população com relação ao casamento, são um bom exemplo.

Os homens constantemente expõem as dificuldades da vida dura de ser embarcado e as mulheres reclamam com frequência da vida dura que leva uma "viúva de marido vivo". Assim, tem-se de um lado o homem que reclama da principal imposição da profissão, o exílio do lar, dos filhos e da esposa. E do outro lado, a mulher que reclama da dupla jornada de trabalho, de ser homem e mulher, de ser pai e mãe, por im-

posição da ausência do marido. Porém, quando ocorrem mudanças na organização desses papéis que estruturam o modelo familiar, tão bem definidos há tanto tempo, gera-se um profundo desconforto em homens e mulheres.

Para melhor entender essa situação ambígua é conveniente citar as reclamações mais frequentes que homens e mulheres fazem a Mere, no fim da "parada". Em síntese, é uma reclamação consensual: "Quando é que vai começar de novo a temporada de pesca". Os homens: "não vejo a hora de voltar pro mar". As mulheres: "não vejo a hora deles irem pro mar".

Essas reclamações também são constantes por parte das mulheres, por ocasião da aposentadoria dos maridos pescadores que passam a viver constantemente em casa, disputando um espaço que sempre foi delas, o lar. Segundo algumas senhoras da região: "homi o tempo todo em casa atrapalha, tira liberdade e dá max trabalho pra gente."

3.1.6. O casamento:

Nas comunidades do Canto dos Ganchos, Calheiros, Ganchos do Meio e Ganchos de Fora, localizadas uma ao lado da outra na costa do município, a rivalidade sempre esteve presente, segundo o depoimento dos moradores mais antigos. Até uns trinta anos atrás um casamento exogâmico, isto é, com alguém de uma comunidade vizinha, era motivo de indignação para muitos. Não se admitia que alguém da comunidade do Canto "daqui diante", por exemplo, "se casa com as gancheiras di lá diante [gancheiras aqui tem um sentido pejorativo]". Este sentimento

de distinção e diferenciamento entre essas comunidades vizinhas, propiciou muitos casamentos endogâmicos, sendo comum casamentos até mesmo dentro da própria parentela, entre primos-irmãos por exemplo.

Na atualidade a troca de mulheres para o casamento entre essas comunidades e outras circunvizinhas parece ser algo muito comum. Um exemplo disto é o depoimento de Siclana 10 (45 anos) do Canto: "Hoje, aqui mesmo em casa, os meus dois filhos se casaram com moças dos Ganchos do Meio".

Apesar da recente troca de mulheres e da maior integração dessas comunidades, percebe-se ainda hoje nos depoimentos nativos, uma resistência maior com relação a Ganchos do Meio, por parte das pessoas de Canto dos Ganchos, localizada a oeste e das pessoas de Ganchos de Fora situada a leste. Ganchos do Meio é tido como a sede do município ou o maior aglomerado urbano.

Tem-se a impressão de que a manutenção da distintividade parece ser mais forte nas áreas de fronteira entre as quatro comunidades. Isto é, as relações entre as comunidades situadas nos extremos como Canto e Ganchos de Fora, que não têm limites em comum, parecem ser melhores do que as relações das mesmas com o pessoal dos Ganchos do Meio.

O bom partido nessas comunidades, segundo a opinião feminina, ainda é o que tem a melhor situação de trabalho ou financeira. Assim, não é difícil encontrar muitos rapazes bonitos, mas pobres ou sem trabalho, sem namoradas. E a reclamação desses rapazes é quase sempre

a mesma e pode ser exemplificada pela colocação do pescador Fulano 26 (17 anos) em um grupo de homens: "Pra gente aqui que é fudido [aponta para uns amigos] a coisa é difícil. Já pra esses dois aí não, já tem até casa e tudo max, só não arrumam mulhé porque não qué".

Nesse sentido, as mulheres dessas comunidades são muito bem informadas sobre o poder de compra e a situação da conta bancária dos homens dessas comunidades. Um dia, escutei um grupo de jovens mulheres solteiras conversando na praia. Quando surgiu o nome de um homem, as jovens comentaram o interesse desse homem em se casar. Uma delas, muito inconformada, perguntou: "casá, como? Mi diz, como? Ele não tem nada. É um pelado".

O bom partido também pode ser um estrangeiro, qualquer rapaz de fora que passe a frequentar a região. Até mesmo os rapazes de Biguaçu, município vizinho, podem significar uma mudança de vida ou ascensão social.

A observação e o convívio com os nativos, tem mostrado também que os homens mais ociosos, os que trabalham menos e que estão geralmente em terra desembarcados, assim como os drogados, têm maiores dificuldades para arrumar mulher e para se casar em relação aos outros, nessas comunidades.

Já as relações sociais da comunidade, como as de amizade, por exemplo, parecem não ser muito influenciadas pela situação sócio-econômica de cada um. Isto é, os gancheiros convivem socialmente sem marginalizar os mais pobres, as lésbicas e os viados. Apesar de não

serem marginalizados, estes são discriminados, fato constantemente observado em encontros sociais como as festas da igreja, farra do boi e as noitadas na discoteque "Fenix", a única opção semanal na sede do município.

De acordo com muitos depoimentos nativos, as mulheres geralmente casam-se muito cedo, a partir dos treze anos. Já os homens a partir dos dezoito. O ritual amoroso geralmente passa por três momentos, o namoro, o noivado e a fuga. Essas comunidades ainda mantêm esse antigo hábito de roubar as mulheres da casa dos pais antes de se casarem. O roubo quase sempre é combinado previamente com a mulher e consiste em tirá-la da casa dos pais por alguns dias ou meses. Logo após o ocorrido, toda a comunidade fica sabendo por intermédio das lamúrias da mãe ressentida. Tudo volta ao normal após o casamento no civil, geralmente acompanhado de grande festa.

Poucos são os casamentos formais na comunidade, isto é, "casamento de noiva", na igreja com direito a véu e grinalda. Em entrevista, Siclana 10 salienta: "O último casamento na igreja do Canto dos Ganchos foi a mais ou menos três anos atrás e desde lá, já se casaram uns vinte casais no civil aqui". Esses descendentes de açorianos parecem ter uma forte resistência ao poder institucional, principalmente o da igreja, pois a fuga, quando relatada e comentada, ressoa como uma manifestação de resistência a esse sacramento. Essa resistência a institucionalidade pode ser melhor compreendida quando tomamos como exemplo um provérbio popular muito comum na região: "cavalo, negro e polícia, (as vezes padre) em Ganchos não se cria".

Talvez uma outra explicação para tanta resistência para com o casamento na igreja, esteja relacionada à timidez do homem do lugar, opinião dada por Siclana 10 também em entrevista: "quando perguntei ao meu filho por que não queria casar-se na igreja, respondeu-me de forma exaltada: Tenho vergonha, Deus me livre de ficar lá na frente (exposto) no altar da igreja pra todo mundo ficá olhando".

Assim sendo, segundo o depoimento nativo, o experimento sexual e conjugal antes do casamento parece ser favorecido por essa forma toda própria de matrimônio. Se der certo a convivência, casam-se ou permanecem juntos, se não der, voltam para a casa dos pais.

Percebe-se nos relatos que o casamento, para grande parte dos jovens, é um ato irresponsável e impulsivo. De uma hora para outra resolvem fugir. Não se preocupam em ter um lugar para morar ou um trabalho seguro. No início, acabam morando com os pais até conseguirem construir uma casa própria, geralmente nos fundos do quintal dos pais. A conformação familiar parece possibilitar esses arroubos de juventude, pois os pais estão sempre dispostos a aceitarem os filhos de volta diante de qualquer problema que esses enfrentem. São muitos os casos de famílias terem um ou dois filhos ou filhas casados em casa, completamente dependentes dos pais, enquanto os homens não conseguem um lugar para trabalhar num barco, por exemplo.

Mas depois do casamento, até mesmo depois de apenas alguns meses, alguns sentem-se profundamente arrependidos do que fizeram, e alegam que agora que já tem filhos não dá mais prá voltar atrás. Siclano 11 (20 anos) por exemplo, casado a quatro meses, alega: "foi a

maior merda que ja' fiz na minha vida, eu tinha uma vida boa pra caramba, trabalhava aqui há quase dois anos. Era tratado como filho. Aí me deu na cabeça de querer casá, casá, casá..... e não tinha ninguém que tirasse da minha cabeça. Agora já tenho uma filha de quatro meses". Mas é importante ressaltar, que para os gancheiros, "filho não segura marido".

Segundo a grande maioria dos homens, apesar de se valorizar a virgindade de uma mulher, os homens não se prendem a essa questão na eleição da futura esposa. Escolhem de forma impulsiva, isto é, só casam com aquela que realmente acham que gostam. Numa conversa à noite na praia com alguns pescadores alguém diz: "São muitos os casos aqui dentro de Ganchos, como o de um homem ser muito apaixonado por uma mulher e ela não querer casar com ele, aí ela arruma outro, tem um filho, se separa e volta pra casa dos pais. E o cara continua amarrado na gata. Ele tenta de novo e, às vezes eles acabam casando numa boa".

Para os homens do lugar, casar com uma mulher separada ou viúva não é motivo de vergonha. O pior segundo eles, seria casar com uma mulher "muito passada" ou um "piço", que já tenha sido de muitos outros, pois isto implicaria em ter que dar satisfações à família, aos amigos, etc. Mas de forma geral quase todas as mulheres, segundo os homens, acabam casando ou arrumando um "trouxa pra fazer uma casa, comprar fogão, geladeira e móveis aí, quando se separam elas ficam com tudo pra elas".

O casamento, para a maioria dos homens da localidade, como já

foi salientado aqui, parece não trazer muitas mudanças nas relações de amizade e convívio social, mas traz profundas mudanças na organização econômica de cada um. A grande maioria dos homens solteiros coloca constantemente em conversas informais, que tudo, ou o pouco que ganham, acabam gastando descontroladamente.

Os homens do lugar, de forma geral, só começam a administrar os seus ganhos e a adquirir bens materiais, do tipo casa, móveis e condução, a partir do casamento. Só então, são obrigados a administrar e poupar os ganhos do mês. Com o passar do tempo, se o marido for embarcado, as mulheres acabam assumindo a administração do dinheiro do casal. Muitos homens casados relatam que todo o salário que recebem, geralmente é deixado com a esposa como forma de controle e segurança. Quando estes precisam de dinheiro no decorrer do mês pedem às esposas. Essa estratégia, segundo muitos pescadores como o Mestre Siclano 3 (42 anos), funciona como uma garantia de que: "eu não vá bebê ele todo....se tem uma coisa que eu não posso fazer, é entrar num bar com dinheiro no bolso, por isso eu sempre venho aqui [num bar específico], bebo fiado e pago sempre no dia seguinte, assim eu me controlo mais".

Apesar de assumirem um papel de submissão em relação aos homens, as mulheres da região após o casamento, adquirem muito poder. São as responsáveis, não pela produção da subsistência, mas pelo controle e redistribuição da mesma. O que comprar e o quanto gastar acaba sendo responsabilidade delas. Como os homens ficam pouco em casa, o lar é domínio feminino. Segundo muitos pescadores, tudo o que tem ou o pouco que conseguiram adquirir no decorrer da vida, depois de

muito trabalho, é da mulher. Pois tudo o que eles supostamente teriam de bens materiais de direito, comprados com o dinheiro deles, de fato pertence às mulheres.

Nesse sentido, não são poucas as estórias que se contam sobre separação, onde os homens saem como eles mesmo dizem "com uma mão na frente e outra atrás". E só então, acabam percebendo o preço que pagaram pela subordinação feminina.

3.1.7. A infância:

Como era de se esperar, o mar é um agente simbólico que cercia todas as estórias que mais interessam as crianças do lugar: os portos conhecidos mas nunca vistos, a liberdade do mar nunca sentida. Assim, aprendem a gostar do mar. A melhor forma de se tentar traduzir um pouco dessa relação tão íntima da população local com o mar, só poderia ter sido feita por uma nativa ilustre, a Professora Antonieta Mercês da Silva (45 anos), que foi classificada e premiada em primeiro lugar no I Concurso Catarinense de Literatura Pesqueira com um poema que subscrevo abaixo:

Arte de pescador

Não adianta professor ensinar pra pescador a arte de estudar,
Porque ele quer pescar.
Na pesca é professor e ensina pra pescador
A arte de bem pescar.
Ele sabe o lugar certo e se o bravio vento está perto,
Ele se manda de lá.

Não adianta seu pintor ensinar pra pescador arte de bem pintar,
Porque ele quer pescar.
Na pesca ele é pintor e ensina pra pescador
A arte de bem pintar.
Deixa a embarcação todinha, linda e bem pintadinha
Pra poder cair no mar.

Não adianta escultor ensinar pra pescador a arte de esculturar.

Porque ele quer pescar.

Na pesca é escultor e ensina pra pescador

A arte de esculturar.

Faz rede e faz tarrafa, sabe bem qual é a braça

Certa, pra bem pescar.

Só adianta o bom Deus proteger o filho seu

Porque ele quer pescar

Na arte da pesca é doutor e eu peço a Nosso Senhor:

Deixa este homem pescar!

Da pesca traz o sustento, não importa chuva ou vento

Sua vida é o mar!

(In: A prosa e o verso do pescador, 1985)

O mar é motivo de inspiração para as crianças nas suas manifestações pedagógicas como desenhos, esculturas, redações, etc, junto a escola. A professora Antonieta, hoje já aposentada, narrou suas experiências como professora e nativa da região: "O que mais ouvia nos meus tempos de escola eram reclamações dos meus colegas que vinham de fora, a respeito dos interesses das nossas crianças - "eles só pensam no mar, no peixe". E sempre relutaram em abordar o que realmente interessava a criançada, o mar. Eu nunca tive problemas com isso. Como gancheira, sei o que significa o mar para o nosso povo, e sempre estive disposta a saciar a sede e a curiosidade dessas crianças sobre as coisas do mar e as utilizava como fator motivador para que conhecessem outras coisas. Comigo todas aprenderam português, matemática, geografia e história, pois sempre que possível eu introduzia um novo conteúdo relacionado ao dia-a-dia da criançada junto ao mar".

Grande parte dos alunos regularmente matriculados na rede pública de ensino, segundo profissionais da área, mal acabam o primeiro grau e passam a se dedicar a pesca. Com apenas quatorze anos se pode tirar uma habilitação especial para dirigir embarcações com um salá-

rio razoável, aproximadamente quatro partes da produção que cabe a tripulação.

Segundo a professora Bárbara (35 anos), estrangeira e atual diretora do único colégio de I e II Grau do município, as crianças trazem de casa uma forma muito simples de falar das coisas da vida, "São desbocados e usam frequentemente palavrões para se expressarem", fato que foi motivo de profundo estranhamento nos primeiros meses de sua estada. Também são muito maliciosos. Isto é, sempre relacionam qualquer situação ou até mesmo determinadas palavras a sexo.

Nas questões de sexo, apesar dos muitos tabus, quando abordados adequadamente, as pessoas dessas comunidades falam sem maiores problemas de algumas das suas práticas sexuais. A impressão que se tem é a de que falam com mais facilidade de sua sexualidade do que a maioria dos integrantes da classe média de Florianópolis por exemplo.

A segregação entre meninos e meninas é um traço marcante do processo de enculturação nessa região. Meninos e meninas geralmente brincam separados, mas precisam conviver juntos na escola. Segundo a professora Bárbara, essa segregação na infância entre ambos os sexos, estimula as frequentes brincadeiras sexuais entre os meninos: "as brincadeiras sexuais são comuns na escola, principalmente até a quarta série. Depois, da quinta série em diante passam a se controlar mais, isto é, passam a compreender melhor as implicações sociais dessas práticas perante os outros. A partir daí, não querem mais tocar ou encostar publicamente nos outros meninos com medo de serem identificados como viadinhos, mas também evitam o contato com as meninas,

pois a aproximação com uma menina seria entendida como assédio ou namoro. Esse é um dos grandes problemas, por exemplo, das aulas de Educação Física na escola."

Bárbara lembra de um caso recente: "o de um garoto (de uns 10 anos) que sempre estava no banheiro da escola transando com os colegas. Sempre foi apontado por todos como o viadinho da escola. Agora já na sétima série está mais calmo".

De forma geral, segundo Antonieta, "as pessoas sabem que todas crianças e adolescentes aqui na região brincam sexualmente escondidos por aí, mas, geralmente são fortemente reprimidos pelos pais quando pegos em flagrante".

Diferenças eram percebidas por Antonieta na escola, com relação ao comportamento diante das situações que se associem ao sexo: "As crianças que vêm do morro (as mais pobres) são aquelas que mostram maior curiosidade quanto ao sexo e geralmente são aquelas que mais gostam de brincar de sexo ou de fazer "marcriação" como dizem as mesmas."

A libido sexual infantil é vivida não somente em situações liminares, escondidas no mato, na praia, enfim, longe do controle dos adultos, mas também nas brincadeiras públicas no pátio da escola durante o recreio, na areia da praia ou no campo de futebol, onde o prazer do contato corporal fica camuflado na vivência de atividades lúdicas e recreativas. É muito comum encontrar nessas localidades meninos em contato corporal, seja simulando lutas ou comemorando algo.

Uma tarde, sentado na praia, eu observava dois garotos de uns onze anos que brincavam de luta. O que estava por cima segurava o escroto do outro por uns cinco minutos e ameaçava de apertá-lo se o mesmo não pedisse água, ou seja, desistisse de enfrentá-lo na brincadeira. O garoto rendido demorou muito tempo para admitir a derrota e demonstrava muita satisfação durante toda a brincadeira, com risos frouxos e relaxados, com um ar muito prazeroso por ser tocado.

3.1.8. Brincadeiras sexuais:

Relembrar as brincadeiras de sexo na infância é uma coisa relativamente fácil para esses nativos, como se pôde observar logo ao primeiro contato. O próprio ambiente em que são criados, com tanto mato, praias e cachoeiras, possibilita uma infância muito livre e propícia para essas práticas. As crianças, especialmente os meninos, ficam fora do controle dos adultos, que geralmente estão cuidando dos seus afazeres. Alguns depoimentos dados através de entrevistas sigilosas, podem ilustrar essa situação vivida pela grande maioria dos homens:

"Os rapazes sempre pediam prá eu dá. E sempre diziam: "vai dá aí pra gente?". Eu dizia: "vai doer". Mas aí, passava um pouquinho de dor e transáva com os amigos da mesma idade. O mais assanhado nessa coisa sempre fui eu mesmo. Eu organizáva competição pra vê quem tinha o pau maior. Muitas vezes, os que tinha o pau muito grande sobravam, acabavam não ganhando nada (não dava para eles). Eu é quem dizia quem podia e quem não podia. A gente brincava de beijá na boca, de chupá os peitinhos uns dos outro. Fazia penca de quatro ou cinco, todos nú

no mato, eu sempre táva na frente. Quando brincáva dessas coisa, quando era criança, o que eu mais gostáva era de dá, mas não era completo, eu dexáva botar só um pouquinho. Quando fazia punheta em dois ou mais, eu gostava de me masturbar com alguém atrás de mim" - Fulano 2 (29 anos).

"Quando a gente brincáva de jujú [brincar de esconder], a gente se combinava de encontrar em um lugar a sós no mato pra mexer um no pau do outro e pra deitar um por cima do outro. O que eu mais gostava era de ficar por baixo, de bunda pra cima nú, com um deles em cima de mim de pau duro" - fulano 20 (35 anos).

"A gente tirava as calça um do outro e brincava de casamento, eu sempre era a mulhé, e fazia que transáva. Eu deitava de costas e os rapazes ficavam em cima de mim, era muito excitante, mas o meu pau não ficava duro. Tu sabias que o meu pau nunca ficou duro, por que será? Hemm..? Os meninos faziam competição pra vê quem tinha o pau maior e eu ajudava a medi com um palitinho de fósfo. Eu adorava i caçá, nunca matei nada na minha vida, só ia pra transá com um rapaz que eu gostava tanto, lá no mato eu dava pra ele. Quando a gente brincáva dessas coisas o que eu mas gostava era de brincá de dá pros rapazes. Eu era muito assanhado" - Fulano 14 (50 anos).

"Eu fazia todas as brincadeiras desse tipo. Os mais velhos se agradavam da gente e convidavam a gente pra passar a mão neles e aquilo tudo mais. As vezes davam bala ou pagavam algo pra gente na venda. Eu não lembro de ficar excitada com essas coisas, eu acho que era mais tolice, eu era muito ingênuo. Eu não tinha malícia fui saber

que um homem tinha aquilo que eu gostava só bem grandinha. Aí já andava pelos matos. Uma vez eu vi dois homens casados, comendo um o cú do outro lá na cachoeira" - Fulano 41 (41 anos).

"Mesmo morando em cidade eu lembro que a gente brincava de mostrar a biloca pra meninas e elas mostravam a buceta pra gente. Aos domingo quando a mãe saía de casa a gente, eu e meu irmão, a gente trazia um vizinho, que gostava de dar pro outros, pra dentro de casa e fazia malcriação. O que eu mais gostava era de fazer os outros chupar [o pau]" - Fulano 38 (38 anos).

"A gente brincava de rolar por cima das redes que ficavam estendidas penduradas na praia, aí rolava um por cima do outro com muita malícia. Fazia fileira todos de frente pra vê quem tinha mais penelho e aí sempre ficavam de pau duro" - Fulano 39 (33 anos).

"A gente brincava de passar a mão na bunda um do outro. Ia pro mato tirava as calças e mexiam no pau um do outro. Fazíamos competição pra vê quem tinha o pau maior, fazíamos tudo na brincadeira e medíamos o nosso pau com um galho de mato. Ficava também passando a mão um no outro dentro da água, quando brincava de passar pelo meio das pernas um do outro. Brincava de malcriação na antiga salga. De fazer malcriação dois a dois quando brincava de jujú. Nós tínhamos um amigo que gostava mais do que todo mundo dessas brincadeiras, ele era bem delicado e só brincava com as brincadeiras das meninas. A gente ia tomá banho na caixa d'água, lá na cachoeira só de cuécas. Aí, sempre tinha um que começava a bater punheta e todos faziam também, um no lado do outro. As vezes tinha troca-troca. Mas agora já não dá mais

pra fazê essas coisas. Que pena" - Fulano 31 (21 anos).

"Quando a gente brincáva de jujú, eu combinava com os amigos que eu queria antes. Lá a gente tiráva roupa, ficava todo pelado e de pau duro e o fulano dexava meter, bem divagarzinho. Hoje ele já é casado lá no Canto. O fulano era o max assanhado, ele gostava de chupá o pau dos outro. A gente brincava de medi o pau e depois ficava vendo [decidindo] como ia ser: primeiro eu depois tu, quem ia cumê quem. Quando a gente fazia punheta junto, sempre tinha um que fazia pra mim" - Fulano 36 (28 anos).

"Nós gostáva de brincar de cabrito, ficava um por cima do outro e depois trocava. Ia pro mato pra ver quem tinha o pau maior, tirava a roupa, deixava o pau duro e media um com o outro. Também batía punheta juntos, sempre vinham chamar a gente em casa pra ir pra cachoeira, aí já se sabia pra que era. Lá botáva o pau pra fora e batia punheta olhando um pro outro. O que eu mais gostava era de comer. Tinha alguns que davam pra gente. Eu lembro que nas primeira (vezes), o pau saia pra fora (da bunda). Com quem eu gostáva muito de transá era com o meu primo que já é casado, ele era baixo e forte com as pernas bem grossa" - Fulano 33 (32 anos).

"Quando a gente brincáva de jujú, sempre acontecia essas malcriação, tirávamos as calças e mexíamos um no outro. Falava do tamanho do pau pros amigos, mostrando o tamanho pela mão" - Fulano 35 (22 anos).

"Di passa a mão no cú um do outro. Fazia tumbém minha ou tro-

ca-troca em dois, quando brincáva de jujú. O que eu mais gostava era de brincá com um menino, a gente tirava a roupa e ele dava. Ele fazia que dava pra gente no mato. Tinha um outro que era muito doidão esse também dava pra gente" Fulano 27 (19 anos).

"Brincáva de fazê uma penca um atrás do outro, tudo encaxado na bunda um do otro. O que eu mais gostava era de brincar de Jujú porque alguns sempre davam, baixava as calças e fazia a sacanagem. Di vez in quando, alguém dava a idéia e nós ia todos pro mato, ficava em círculo falava de mulhé e putaria batendo punheta" - Fulano 12 (16 anos).

"Baixava a calça um do outro e passava a mão na bunda. Uma vez na safra da tainha, quando a gente era pequeno uns dez anos, o fulano que vinha com a gente, com o meu irmão e um outro, começou a chupar o nosso pau e dizia o sabor do pau de cada um: esse é de morango, esse é de chocolate. O fulano era o mais assanhado, ele dava o rabinho pra gente. No mato, também a gente media o tamanho do pau pra vê quantos dedos tinha cada um. Fazia "meinha" também, um dizia eu dô pra ti se tu dé pra mim. Se fazia também uma penca bem grande no mato, aí tinha que troca de posição de vez em quando, a gente ficava peladinho às vezes só de camisa. O que eu mais gostáva era de brincá de cumê. Os rapazes mais velho, meus amigos hoje, me contam que faziam a gente, que era menor, com uns cinco, seis anos, mexê e chupá o pau deles em troca de brincá um pouco com a pipa [pandórga] deles ou outra coisa qualquer que a gente queria muito. Quando já era mais velho, agente ia olhá as mulhé na praia e acabava caindo no mato pra bater punheta em grupo, um em cada canto" - Fulano 28 (17 anos).

"Eu e o meu primo tirava as calças de uma menina e do irmão dela, que era viadinho. Depois a gente fazia que cumia os dois. Subia em cima deles. A gente gostava de mostrá o pau um pro outro no mato. O que eu mais gostava de brincá era de bate punheta. E quem mais gostava de brincá de dá pra gente era um viadinho, um menino bem delicadinho que só andava com as meninas" - Fulano 13 (19 anos).

"A gente tirava as calças um do outro e mexia no pau e na bunda um do outro. Fazia concurso pra vê quem tinha o pau maior no mato. Eu gostava também de mexer nas meninas e num menino que só andava com elas" - Fulano 17 (20 anos).

"A gente amarrava um no barco e dava dedada no cú, as meninas gostavam de brincar com a gente pra levar dedada também. Os meninos ficavam um atrás do outro numa penca, roçando na bunda um do outro, uma vez eu lembro que tinha uns quinze, depois de ficar bem excitados batíamos punheta. A gente fazia concurso de punheta também, ia em quatro pra trás daquelas pedras, um do lado do outro e pau na cara. Tinha um colega com um pau bem pequeno e um outro com um pau imenso, era bem engraçado. O que eu mais gostava era de fazer minha dois a dois. Os viadinho gostavam mais das malcriação, o Fulano, o primo do Siclano, ele era bem delicadinho e gostava de dá pra gente" - Fulano 26 (17 anos).

"Alguém sempre convidava a gente prá vê revistinhas e batê punheta junto, ficava todo mundo num círculo e era ferro na boneca" - Fulano 11 (18 anos).

"A gente gostava de passar a mão na bunda um do outro e de vez em quando ia pras pedras faze malcriação. Eu e o meu irmão éramos os mais assanhados. Planejava também brincadeiras com as meninas mais assanhadas pra se encontrar no mato, e ficavamos se alisando e tirávamos as calcinhas delas. Fazíamos competição pra ver quem tinha o pau maior com revistinhas num grupo de cinco ou oito colegas. Aí todos se masturbavam olhando um pro outro, falando de putaria. O que eu mais gostava era de mexer nas meninas" - Fulano 16 (19 anos).

"A gente gostáva muito de passá a mão na bunda dos outros. quando táva tudo junto pelado na bera daquele rio tomando banho, era só punheta. Um convidava o outro prá i na caxa d'agua, tiráva o short e até a camiseta e já tava de pau duro. Fazia punheta cada um na sua, mas as vez tinha um que batia pra gente, aí era um por vez, primeiro um depois o outro. Aí a gente esperava todo mundo acabá" - Fulano 19 (20 anos).

"A gente brincava de papai e mamãe, de dottor, pra pode deitá um em cima do outro. A gente ficava bastante excitado, mas só botava nas cocha. As vezes ia em dois no banheiro e endurecia o pau pra vê quem tinha o pau maior, levava revestinha. Brincava de carrinho de mão, pegava um por trás, trancava as pernas dele na cintura e fazia ele andar um pouco com as mão, mas com as calças aberta pra encostá o pau na bunda dele. Fazia punheta de dois ou três, falava de uma mulhé gostosa, às vezes fazia troca-troca, mas sempre tinha um que gostava de fazer pra gente. Eles se esfregavam no pau da gente como se nada fosse nada e a gente já sabia o que eles queriam. Via revista de pu-

taria junto e sempre tinha punheta" - Fulano 29 (22 anos).

"Iamos pro mato pra passar a mão nas meninas, brincáva de casinha no mato só pra se aproveitar delas. A gente saía também com os amigos pro mato pra bater punheta juntos, ficava numa roda, e batia bem rápido pra vê quem gozava mais rápido. Os amigos sempre participavam, menos os irmãos se não eles iam contar em casa" - Fulano 18 (27 anos).

"De passá a mão no cú um do outro era sempre. Ia pra praia batê punheta tudo junto, de quatro a dez amigos, lá a gente faláva de mulhé pra se excitá. O fulano sempre me convidava "vamos lá em casa". Aí eu dizia, "mas tem que se cada um na sua. Porque ele gostava mais de fazer junto" - Fulano 22 (28 anos).

"Di passa a mão no cú um do outro. Fazê punheta em grupo era de lei. Ia todo dia pra cachoeira, às vezes até duas vezes por dia. Tinha o bom da boca que sempre queria cumê os outro, quando acaba era viado. O que eu mas gostava era de brincá de cumê, sempre tinha um paneleiro no meio" - Fulano 23 (23 anos).

"Brincava de faze cabana, cuzinhadinho com as meninas. E sempre dava pra se esfregá nelas, tirá a roupa um do outro. Tinha competição do pau maior também e a gente media com a mão mesmo. Quando brincava de malcriação o que eu mais gostava de brincá era de passar a mão nelas" - Fulano 15 (24 anos).

"A gente ficava um em cima do outro se esfregando sem calça.

Nós batia punheta juntos, íamos lá pra cima, na caxa d'água. Batia punheta junto em círculo, em cima de uma pedra grande, alguns ficavam mais retirados ou de costas. Nós leváva também revistinhas de sacanagem e ficava falando putaria o tempo todo. O que eu mais gostava de fazer era brincar de esconde-esconde, de ir pro mato com um colega e fazer troca-troca e minha, primeiro um depois o outro" - Fulano 7 (17 anos).

"Com os meninos e meninas a gente brincava de mamãe e papai nas toca das bananeiras e debaixo das casas. Com os meninos a gente fazia troca-troca dois a dois, mostrava o pau um pro outro e dizia: o teu é maior que o meu ,mas o meu é maior do que o dele. Ia pra toca bater punheta junto com revestinha, olhando um pro outro. Tinha um que dáva o cú pra gente. Um dia fumos pra caxa d'água nuns sete ou oito em fila pra cumê ele. A gente brincava também numa barraquinha, se a gente desse bolinho pra ele, ele dáva pra gente (a bunda). Uma outra vez pegaram ele, botaram de bunda pra cima e encheram a bunda dele de comida, de cebola, tomate e tempero só de farra. O que eu mais gostava, era de ir pra barraquinha com ele, pra ele chupá o meu pau e cumê ele. A gente transava com tudo mundo olhando" - Fulano 8 (18 anos).

"Brincáva de mamãe e papai debaixo da casa e nos mato, nós insistia e conseguia mexer na buceta das meninas. Quando brincavamos de jujú, enquanto um contava, os outros se escondiam, eu sempre me escondia debaixo de uma lona com uma menina. E lá em baixo era pau nelas. O que eu mais gostava era de mexer na buceta delas" - Fulano 37 (24 anos).

"Numa turma de sete ou oito rapazes a gente tirava as calças e fazia cabrito. O cara que tinha um jeito de galã, de metido era o mais assanhado. E nessas brincadeiras todo mundo ficava de pau duro. Fazia competição pra vê quem tinha o pau maior, botava o pau pra fora e media com um galhinho de mato. Fazia também uma carreirinha de menino, um atrás do outro, todos sem roupa, como uma penca. O que eu mais gostava era de tirá a roupa e ficar agarrado um no outro. Uma vez nós táva em três na praia, aí vimos umas mulhé bem boa deitada na praia, aí fumos lá pra toca bate punheta e espiá elas, mas já era cada um na sua" - Fulano 24 (20 anos).

"Passá a mão na bunda um do otro quando andava no mato era sempre. Lá tirava as calça pra vê quem tinha mais pentelho e media o tamanho do pau um do outro, era muito bom. Depois rolava punheta, um em cada canto, mas o Siclano gostava de dá pra gente. O que eu mais gostava era de batê punheta juntos" - Fulano 30 (22 anos).

"Na roça de cana, brincava de casinha, marido e mulher, tinha que deitar junto pra fazer que dormia. Aí, sempre tinha uma mão ali, outra mão aqui. Eu gostava muito de passar a mão nas meninas" - Fulano 1 (21 anos).

"A gente ia pro mato tirava as calças um do outro e ficava se mexendo e todo mundo participava. Eu gostava de passá a mão na bunda dos otro e brincá de papai e mamãe com os amigos. Esses dias mesmo, eu vi dois rapazi pequeno nas pedras" - Fulano 25 (30 anos).

"Papai-mamãe no mato, na cama, debaixo da casa. Com os amigos fazia concurso pra vê quem tinha o pau maior, no mato, ficava um de lado pro outro. Ah..tinha concurso de punheta com os amigos" - Fulano 4 (18 anos).

3.2. A Sexualidade masculina

3.2.1. Generalidades:

A denominação êmica local que mais se aproxima do nosso conceito de sexualidade, seria uma expressão muito usada por todos os homens, tanto em entrevista como em conversas informais: "os sentimentos". Os "sentimentos" são as coisas mais íntimas do indivíduo e revelam os desejos sexuais e afetivos mais profundos. Esses desejos podem ter um caráter tanto lícito como proibido. Segundo muitos homens do lugar: "pensar no fruto proibido é muito bom e cumê é melhor ainda", apesar de ser tão difícil para os mesmos verbalizá-los. Nesse sentido, quando de posse das gravuras, como algo mais concreto, os homens entrevistados manifestaram com mais fluência as suas práticas e orientações sexuais.

Talvez devido a forte segregação entre meninos e meninas desde muito cedo, a sexualidade entre ambos os sexos parece ser pouco conversada e discutida. O desconhecimento do mundo do sexo oposto, ao mesmo tempo que gera muita curiosidade para alguns, gera também muita insegurança para os mais tímidos. Com frequência, quando já sabiam que estudo "aquelas coisas de sexo", os homens mais jovens do lugar perguntavam-me como se faz para "chegar numa mulher" ou qual é a me-

lhor estratégia para se ganhar uma mulher e não receber o tão temido "não". Então perguntei-lhes o que faziam para conseguí-las e obtinha respostas deste tipo:

"a gente fica dançando num grupo de amigos na pista de dança e quando passa alguma mulher a gente empurra um colega em cima delas".

"Eu fico encostado na parede da discoteque onde tem mais gente e naquele aperto todo, naquele empurra-empurra, quando passa uma mulher boa eu passo a mão nela".

"A gente, nós aqui, a gente bebe bastante antes de ir pra discoteque e lá dentro a gente tenta tirá umas pra dançar."

Por fim quando perguntei, o que eles faziam quando elas diziam não? Muitos de forma geral, responderam: "Eu mando elas tomá no cú ou chamo elas de galinhas".

Pode-se dizer que, apesar de haver muitas mulheres loucas para se casar na comunidade, são muitos os rapazes que reclamam da falta de mulheres disponíveis. Parece uma contradição. Desta relação conflituosa entre os homens disponíveis e o poder decisório e seletivo das mulheres, acaba-se formando um ambiente muito propício para as relações sexuais entre os homens. Os "viados" ou "paneleiros" que estão a procura de uma transa, acabam encontrando uma boa receptividade por parte de alguns rapazes, geralmente homens relativamente bonitos que têm difícil acesso às mulheres e sempre sobram no final das festas e da discoteque.

Esta situação peculiar, faz com que os homens admitam com relativa naturalidade que: "quando a falta é muita (de sexo), um paneleiro sempre vai bem". Um bom exemplo dessa situação é a experiência relatada em entrevista por Fulano 5 (28 anos): "Uma vez tève aqui um viado bem novinho, lá no "Piratas bar" perto da Fenix, o nome dele era Fulano e ele começou a me cantar. Eu estranhei, quase não acreditei, e pensei, o que é que um viado daqueles bonito e com dinheiro podia querê comigo [gesticula e aponta para si como se estivesse se auto-depreciando]? Fiquei desconfiado e pensei: "será que ele quer botar alguma doença em mim? Esse cara tá com AIDI". Mas depois ele ficou me conversando e me convidou intê pra fugi com ele pra Biguaçú. Max a minha mãe não ia dexe e eu disse não. Aí ele me convidou pra transá e eu disse sim. Quando fui pro banheiro dá uma mijada, ele foi atrás de mim e me agarrô no banheiro e me deu um beijo na boca. Aí eu fiquei um toro e quase amassei ele na parede. E disse bufando: você me convidou pra transá e eu aceitei, mas era só pra transá. Aí o fulano quase si cagô todo, pediu desculpa e eu saí porta fora e nunca max vi."

Esta pouca interação entre os sexos é sentida também na cama pelas mulheres, que desabafam constantemente com a assistente social do lugar. Segundo Mere, as mulheres reclamam muito da falta de carinho dos homens, no ato sexual. As relações sexuais dos casais são descritas por um bom número de mulheres como sendo atos mecânicos, onde os homens: "só querem subir em cima da gente e gozar". Outras tem dificuldades para se adaptar as idas e vindas do marido, dizem que "na primeira noite não tem prazer, depois vai melhorando e quando

começa a ficar bom (para elas), os maridos voltam para o mar".

Como diz Seu Siclano 12 (60 anos), "pescador é tudo igual, quando desembarcam são pior que cachorro que fugiram da colera e traçam tudo que vier pela frente". Esse espírito aventureiro é constantemente manifestado e constatado nas muitas estórias sobre zona, mulher e "paneleiro", com os pescadores do lugar.

Mas na atualidade, o pescador começa a tomar consciência da AIDS, e algumas mudanças na sexualidade masculina embarcada começam a surgir. Segundo vários informantes, começa e se tornar comum, mandar buscar a mulher aqui em Ganchos para encontros sexuais em hotéis ou motéis nos portos distantes como: Santos, Rio Grande e outros, como forma de evitar contatos sexuais com estranhos. Já existe até mesmo um "postinho da Penha (empresa de transporte rodoviário) em Canto do Ganchos", o que facilita a ida das mulheres ao encontro de seus maridos quando chamadas.

3.2.2. Práticas e orientações sexuais:

Para os nativos de Ganchos, falar das suas práticas sexuais, mesmo as práticas com outros homens, não compromete a sua identidade de homem. Os homens relatam sem muito constrangimento, o que fazem e o que já fizeram no sexo, quando bem abordados. Alguns depoimentos colhidos em entrevistas sigilosas podem ilustrar melhor o comportamento sexual masculino nessas comunidades.

Classifiquei os homens dessas comunidades em categorias "qua-

litativas" baseadas no seu comportamento e preferências sexuais.

A categoria menos ambígua é a dos homens que têm práticas e preferências sexuais eminentemente por outros homens, de forma passiva através da felação ou do coito anal, que foram denominados por mim de "paneleiros". Alguns depoimentos podem melhor ilustrar e diferenciar essas práticas e preferências:

"A primeira transa bem completa foi só com dezessete anos em um hotel em Itajaí, antes era pouca coisa, eu deixava botá só um pouco. Uma vez conheci um cara com um pau imenso, ele me convidou prá ir pro hotel, lá ele tirou a roupa e me disse que da fruta que eu mais gostava, ele comia até o caroço. Aí, perdi o tesão, não quis mais e fui embora. Eu também já fui na zona, dancei muito e fiz amizade com as mulheres, às vezes pintava um bofe do trampo (trabalho) e saía com ele. Quando era mais novo fazia uma boa concorrência com elas (prostitutas). As experiências mais excitantes que eu já tive foram aquelas em que eles ficam em cima da gente querendo gozar dentro da gente. Se bem, que quando transei com três rapazes juntos foi muito bom também. Um ficava na frente e o outro atrás. Eu sempre penso em homens lindos e fortes com um pau bem grande e duro. Em homens me comendo" - Fulano 2 (28 anos).

"Eu já transei muito com estranhos também, uma vez foi com um dos rapazes que viajavam no ônibus em excursão pra Aparecida do Norte. No hotel, já tarde da noite, ele bateu na porta do meu quarto, entrou e então nós transamos. Era tão gostozinho, ele era de Biguaçu. Já a experiência mais excitante que eu tive foi ter transado com dois

homens juntos, primeiro marquei com cada um separado o mesmo horário e depois convenci eles a transarem comigo. Enquanto eu chupava um, o outro me comia. O que mais me excita é ser comido e chupar um pau bem grande" - Fulano 20 (35 anos).

"Com uns quatorze, quinze anos, eu e o fulano iam pro salão dançar vestidos de mulhé. Os homens me cantavam muito, mas saía pouco com eles, eu era muito novinha. Tinha um pouco de medo. Já o fulano era mais velho, saía muito mais com os homens. Fazia punheta pro outros. Eles me convidavam e eu às vezes ia com eles. Eu sempre fui muito chata pra homem sabe. Quando eu via um homem muito atrevido ou se não gostasse do pau dele, eu dizia que não queria nada com eles e vinha embora. Eu sempre escolhi os meus homens. Não gosto de homem oferecido. A primeira vez que eu transei pra valer, foi com o meu primeiro marido lá em Rio Grande. Ele tinha uns sessenta e seis anos. Ele era médico. Doeou muito e saiu muito sangue. Aí ele cuidou de mim, me medicou até eu melhorar. Ficamos casados quatro anos até a morte dele. Eu prefiro os homens fortes, peludos, com os olhos verdes e com um membro bem grande e duro, um pouco torto pro lado. Gosto muito de dá pro meu atual marido - Fulano 41 (41 anos).

"A primeira vez que eu transei mesmo, bem completo, foi com o meu cunhado, a gente foi sozinho lá em na casa da minha vó leva umas coisa, aí a minha vó fez duas cama pra gente no chão, mas de tanto que eu atentei ele, ele me cumeu. Depois ainda transamos mas umas três vez, mas depois ele não quis mais. Outra vez bem diferente foi em Ilhabela, eu encontrei um marinheiro, e ele me convidou pra i na cachoeira. Lá, botou o pau pra fora, eu peguei e transamos. As me-

lhores trepadas que eu já tive, era com um polícia, lá debaixo, foi um dos melhores, era muito carinhoso, me beijava e tudo, tinha um corpo maravilhoso e peludo. Sabes....homem pelado pra mim, não tem graça! Gosto de pensar num homem mostrando o pau duro com muito pêlo. Num homem que me abraçe por trás" - Fulano 14 (50 anos).

"A primeira vez que eu transei foi com vinte e quatro anos, com uma empregada da minha irmã, ela dava em cima de mim. Um dia ficamos sozinhos e me senti na obrigação de transar com ela. Não me senti nada bem, foi horrível. Cheguei a gozar, mas não foi nada bom. Foi uma transa tradicional do tipo papai-mamãe. Mas na adolescência eu transei com o meu cunhado quase um ano. Ninguém comia ninguém. Sempre que eu ficava sozinho em casa, ele aparecia. Queria que eu masturbasse ele, pedia pra encostar na minha bunda. Tentou me comer várias vezes, mas não deixei. Eu tinha na época uns quinze ou dezesseis anos. A transa mais excitante que já tive foi com um primo em casa, batíamos punheta e rolávamos um por cima do outro. O que mais me excita são os homens, as suas bundas, pernas peludas. De chupar um cú. Gosto muito de peito e pernas peludas, de uma bunda gostosa. Uma das posições que mais me excita é um homem de bunda pra mim" - Fulano 39 (33 anos).

O único "paneleiro" socialmente reconhecido que se negou assumir as suas práticas e preferências sexuais em entrevista foi Fulano 38 (38 anos). Mas segundo Fulano 33 (32 anos), o Fulano 38 tem uma transa com o, um negro casado lá dos Ganchos de Fora: "o cara vive cumendo o Fulano 38 e não gosta que a gente se meta com ele. Eu to sempre passando a mão nele (no Fulano 38) e ele em mim no trabalho

[obra]. Uma vez eu disse pro cara dele: o Fulano 38 é viado sim e é da tua marca tumbém. Ele tem ciúmes do Fulano 38, tão sempre junto o tempo todo. Eles se abraçam e se beijam na frente de todo mundo e todos brincam com os dois. Tem vez que o Fulano 38 começa a alisar o cabo da enchada e começa a rebulir ao som da música do rádio. A rapaziada cai em cima dele, vaiam, assobiam e ficam dizendo: vem aqui fazê no meu vem...Todo mundo sabe do que ele gosta".

Segundo o próprio Fulano 20 (35 anos), que já transou com muitos homens da comunidade, o ritual é sempre o mesmo: "eles chegam aqui dizendo que estão com vontade de transar ou prontos pra serem cantados por mim e aí, quando estou afim, digo pra eles voltarem mais tarde, à noite, depois que acabo o trabalho e fico aqui dentro vendo televisão". Pedi ao Fulano 20 que relatasse como eram as transas: "aí aparecem aqui, deitam no sofá, as vezes esperam que eu tire a roupa deles, que faça massagem, chupe o pau deles e tudo mais....o que mais gostam em mim são os meus peitinhos [levanta a camisa e os mostra para mim] e a minha bunda." Perguntei o que faziam a nível de sexo com ele: "são sempre ativos e não deixam nem eu passar a mão na bunda deles. São bem macho."

Uma segunda categoria pode ser dimensionada a partir de algumas práticas sexuais masculinas relatadas em entrevistas. Os integrantes desse grupo, tem práticas sexuais principalmente com homens, de forma igualitária ou ativa, através de masturbação a dois ou na função ativa na felação ou no coito anal. Mas, eventualmente, esses homens denominados por mim de "curtidores de paineleiros assíduos", também tem relações sexuais com mulheres. Seguem abaixo alguns depoi-

mentos desses homens:

"Eu sempre ia lá na casa dele, ele é um cara muito bacana. Depois que ele fechava, eu passava lá e nós transávamos, fui lá quase dois anos. O que eu mais gosto nele é que ele gosta muito de senti a gente (de sentir o pênis dentro dele). O que me dá mais tesão é vê uma mulhé chupando um pau ou toda arreganhada. Uma mulhé de pernas abertas mostrando o cú ou na bunda de um homem" - Fulano 35 (22 anos). "O informante tem uma namorada há dois anos e, segundo o mesmo, só transou com ela umas duas ou três vezes. Em compensação já teve muitas transas com paneleiros e já teve um caso amoroso com um outro homem.

"Eu transei muito com os meus primos, um trabalhava comigo, o Fulano, um dia no chuveiro no banheiro da salga, ele ficou todo excitado e virou a bunda pra mim, aí eu comi ele. Ele acabou pegando gosto pela coisa e ficamos transando quase um ano. O outro primo, com quem eu transava também, o Siclano era mais velho que eu, eu tinha só uns quatorze anos, mas era muito bom, era uma transa de igualdade [alternância de papéis]. Intendes? Hoje ele já é casado, mas ainda tem um tesão entre a gente. Quando eu estudava em Biguaçú, um dia precisei dormi na casa de um colega meu, o Fulano. Quando perguntei onde ia dormi, ele disse: comigo. E a partir daí transamos um tempo. Agora faz tempo que não vejo, mas parece que ele virou travesti. Uma das coisas que mais me excita é uma punheta até gozá, com um outro homem" - Fulano 34 (24 anos). Mas este informante tenta deixar claro também o seu interesse por mulheres: "Eu tinha um amigo que sempre mi convidava pra ir na casa de uma mulhé casada jogar baralho, eu não

gostava muito de ir lá não. Aí um dia, quando nós ficamos sozinhos ela começou a me excitar, pegou no meu saco, no meu pau e nós transamos, cheguei até a chupar a buceta dela" - Fulano 34 (24 anos).

"A primeira vez foi com uma mulhé, eu tinha uns dezessete anos, foi num corredor escuro no lado do consultório do dentista. Eu já tive uma namorada fixa por um ano e meio, transávamos sempre. Uma das melhores transas foi com uma ex-namorada, ela chupou o meu pau e me deu o cú de quatro. Uma coisa que me excita muito é vê uma mulhé transando com dois homens, chupando um pau e dando o rabo. Uma suruba com mais homens do que mulheres, um comendo o outro, também é muito bom. Gosto de ser seduzido por paneleiros ou mulheres. Eu nunca transei com o Fulano 20 [um panelheiro conhecido]. Já com o Seu Siclano 6 transei umas três vezes. Na primeira vez, táva eu e um amigo conversando com ele, aí ele disse na nossa frente que preferia eu. Aí marcou pra mais tarde na antiga garagem dele. Fiquei lá esperando na garagem, tinha um colchão só pra isso. Depois ele chegou e transamos de luz acesa e com a porta só encostada. Ele fez de tudo, chupou e deu o rabo. Depois me deu uma grana. Uma outra vez fui com um amigo, enquanto um cumia o cú dele o outro batia punheta na boca dele" - Fulano 31 (21 anos).

"Uma vez veio um cara transá comigo, aqui em casa. Os meus pais tinham saído. Eu tava na janela e ele pediu pra entrá. Ele sentou no bacio e começo a chupar o meu pau, depois ficou di costa e quis me dá o cú, na terceira metidinha, apareceu uma tia no quintal prá apanha ameixa, aí fudeu com tudo. Eu já trabalhei no negócio do Seu Fulano 6 também. Ele vivia me cantando. Já transei com ele muitas ve-

zes. Quando eu trabalhava no bar da o meu tio vivia me rodeando prá transá com ele e aconteceu algumas coisas. Outra vez saí de carro com um amigo meu, fomos pro morro da televisão. Lá nós começamos a bater punheta e ele caiu de boca no meu pau e tive que cumê o cú dele. Mas eu namoro uma menina lá de, ela faz Nós cumbinamos bem em tudo, em corpo, inteligência e cabeça. Quando eu conheci ela era virgem e agora me sinto na obrigação de roubá ela. Se eu tivesse mais estrutura, casa e um trabalho, já tinha me casado" - Fulano 32 (23 anos).. Poucas pessoas sabem dessa namorada e segundo o mesmo só a visita na casa dos pais aos domingos quando é possível.

"A primeira vez que transei foi com um viado, ele me deu um toque. Me alisou e nós transamos, ele chupou o meu pau e me deu o cú. Outra vez foi na casa de um deles, a gente comeu alguma coisa, depois tomei um banho e mi joguei na cama, o cara me chupou todo (menos na bunda) e depois sentou em cima. Eu já transei também, uma vez, com um patrão, eu tava fazendo um serviço pra ele, aí ele apareceu um dia lá, de noite, na obra e me cantou. O cara é casado, mas fez de tudo, chupou e me deu. O que me dá mais tesão é cumê um cú. Uma bunda de homi" - Fulano 36 (28 anos).

"Uma vez eu tava lá perto da rodoviária dando um tempo porque eu tinha perdido o ônibus pra casa, aí parou um cara de carro, bem novinho assim que nem você e me convidou pra ir pra casa dele. Fui com o cara e ele me chupou o pau e me deu o rabo. Sabe eu tenho nojo de buceta e um cú me dá mais sensação [tesão]. Uma coisa que me dá muito tesão é um cú. Num homem de quatro me mostrando a bunda" - Fulano 33 (32 anos).

"Eu sempre saio com o Fulano 20, quando eu encontro no salão danço com ele e às vezes quando to bem bêbado do até uns malho nele no salão. Eu só transei umas cinco vezes com mulher mas com paneleiro já perdi as conta. O que mais me excita é cumê um rabo" - Fulano 30 (22 anos).

"Eu transei pela primeira vez com uns dezessete anos. Foi aqui mesmo com uma mulhé, se chupamos todo, ficamos pelado. Caí de boca na buceta dela e ela no meu pau e transamos dentro d'água. Eu transo muito com os paneleiro tumbém. O que me dá mais tesão é vê uma bunda e uma buceta. A transa mais legal que eu já tive foi com uma gata, junto com um amigo meu, num festival em Palmas, ela dava e chupava" - Fulano 27 (19 anos). Apesar desse informante ter-me falado que já transou um equivalente número de vezes com mulheres e paneleiros, como também umas poucas vezes com outros homens, negou as assíduas visitas sexuais que faz ao Seu Siclano 6, que é de conhecimento público.

Apesar destes informantes relatarem em entrevista as suas práticas sexuais, procuraram selecionar relatos que englobassem práticas sexuais com homens e mulheres, isto é, após o relato de uma transa com um homem sempre na posição ativa ou igualitária, falavam de uma experiência com mulheres, como forma de fugir da categorização êmica "paneleira".

A terceira categoria quanto as práticas e preferências sexuais, caracteriza-se por homens que têm práticas sexuais preferencialmente com mulheres e eventualmente com homens, sempre na situação

ativa de felação ou coito anal. Esses homens foram denominados por mim de "curtidores de paineleiros esporádicos". Alguns depoimentos desses homens seguem abaixo:

"A experiência mais excitante que eu já tive, foi ainda a primeira, eu convidei ela prá ir namorar na antiga salga, lá no Meio (Ganchos). Ai comecei chupando as tetas dela e comi a buceta dela, mas já cumi um cú também. Eu só transei uma vez com viado. Quando tô com tesão gosto de pensar numa mulhé deitada de frente com as pernas bem abertas" - Fulano 12 (16 anos) ."

"A vez mais excitante foi com uma gata que táva bebada. Ai fomos pra minha casa e tomamos banho, enquanto ela tomava banho eu esperava na cama. Fiquei cuidando dela a noite toda. Ai, quase de manhã dei uma cochiladinha e depois nós transamos, cheguei até a chupar a buceta dela. E no mesmo dia tive que trabalhar e fiquei acabado, mas valeu. Eu já saí com os viados, mas agora eu sou mais uma mulhé. Gosto de imaginar um homem chupando uma buceta. Uma mulhé com as pernas bem aberta ou chupar uma buceta com a mulher de frente" - Fulano 28 (17 anos)."

"A experiência mais excitante que eu já tive foi a primeira vez. Eu estava vendo filme na sala da casa do meu pai, ele tinha saído, aí apareceu a empregada e pediu pra ve televisão comigo e me chamou de patrãozinho. Ela deitou no meu lado e aí comecei a alisar ela, beijei, passei a mão no cú, nos peitos, tirei a roupa dela e cumi. Me dá muito tesão pensar numa mulhé se masturbando com a buceta bem arreganhada, Numa mulhé nua com a buceta aberta" - Fulano 26 (17 anos).

Mas este informante também mantém relações sexuais com os viados: "Olha eu nunca fui na casa de viado, mas já transei com eles na praia. No final da discoteque pela rua os paneleiros cantam a gente e aí é pau neles. Algumas vezes fui com o meu primo transá com o siclano 17, enquanto um comia o outro dava o pau pra ele chupar. Eu lembro até que, quando o meu primo que tem pau desse tamanho [simulação com as mãos] meteu no cú do Siclano 17, ele chegou a gemê. Também já fui pra praia com o Fulano 38, ele me convida pra tomá um guaraná, e eu já sei o que ele quer, aí eu mando ele na frente e vou depois. Lá, eu ponho o pau pra fora e ele chupa até eu gozar ou me dá o cú."

"A primeira vez que eu transei foi numa berada de calçada no lado de uma casa, foi com uma guria daqui mesmo. Mas já transei com vagabunda também, em Itajaí, ela que me convidou, foi bem baratinho, aí nós fomos pro quarto num hotel, e a vagabunda fez de tudo, chupou o meu pau, deu buceta e o cú também. Eu nunca transei com viado, sempre fiquei longe dessas coisa. Gosto de pensar em dois homens trepando com uma só mulhé. Numa mulhé e de gozar dentro dela" - Fulano 11 (18 anos). O entrevistado omitiu que já transou a três, com o Fulano 5, comendo o Siclano 17 num rancho de barco. Segundo o seu parceiro de transa, Fulano 11 não gostou muito da experiência.

"A experiência mais excitante que eu já tive foi com uma menina aqui mesmo na praia, lá nas pedras, depois de temos saído pra dançar, voltamos pra cá, tiramos a roupa, eu chupei a buceta dela e ela chupou o meu pau, depois transamos na areia. As situações que me dão mais tesão são uma mulhé sentada no meu colo com as pernas abertas e com os peitos na minha cara. Numa gata toda aberta me chamando para a

cama" - Fulano 16 (19 anos). Este informante, apesar de preferir as mulheres, também tem relações sexuais com os viados: "Eu já fui na casa de viado umas três vezes. Já fui na casa do fulano, um cara que voltou pra Santos, ele arrumava e uma vez ele me cantou e eu transei com ele. Já fui também na casa do Fulano 38 (38 anos) quando a irmã dele táva fora. Ele gosta mais é de chupar."

"Já transei com bastante mulhé. A primeira vez foi com quinze anos, no lado da casa da menina à noite, foi tudo com o maior cuidado e silêncio. Fizemos o tradicional. Me dá tesão pensá numa mulhé deitada de frente, uma morena sem pelo na buceta... Oh eu já transei umas três vezes com viados, uma vez com o Fulano 38 e duas vezes com o Siclano 17. Os viados daqui gostam de dá e chupá, mas o que eles mais gostam mesmo é de chupar" - Fulano 18 (27 anos).

"A foda mais gostosa que eu já dei foi com uma mulhé casada daqui mesmo, ela me convidou pra ir lá na casa dela e transamos. Ela é muito boa de cama, ela chupa e mexe como ninguém. Hoje à noite, eu tenho um outro esquema com ela ainda. O que me dá mais tesão no sexo são os peitos e uma buceta bem aberta. Em uma mulhé com a buceta bem aberta de quatro pra mim. Eu já transei uma cinco vezes com um viado do Kobrassol. Uma vez tava eu, o Fulano e o Fulano no Kobrassol à noite. Aí o Fulano disse pra mim: "aquele viadão tá te olhando, tá dando lance pra ti." Aí, eu fui lá na báia dele, ele chupou o meu pau e pediu pra eu gozar na boca dele. Era um cara cheio da grana, usava um monte de jóia, depois ele me deu um dinheirinho, mas mesmo assim, eu robei um colar de pérola dele e comprei tudo em fumo. Depois voltei ainda, mais umas quatro vezes. Ele perguntou se tinha sido eu e

eu desmenti" - Fulano 22 (28 anos).

"A primeira foda foi com 16 anos com uma vagabunda em Itajaí. chamei ela e fomos pro hotel. Ela fez de tudo chupou o meu pau com a boca cheia de baton e me deu o cú e a buceta. A melhor coisa pra mim é uma mulhé pelada de frente ou em cima de mim. Mas já fui na casa de uns viados também, lá no Rio Grande, tem uma casa que mora oito, os pescadores sempre vão lá pra bebê e se diverti. Quando os viado querem, a gente põe o pau pra fora na frente de todo mundo mesmo e eles caim de boca. A foda mais gostosa foi com uma outra vagabunda, ela me chupou todo e deu tudo que tinha que dá" - Fulano 23 (23 anos).

"A primeira vez foi numa barraca de acampamento, a gente bebeu conversou e depois bem tarde a gente se cumeu. Mas transei com umas de rua também, uma vez eu tava na rodoviária, aí chegou uma pirua toda cheia de denco pra cima de mim, dizendo que tavá com medo de ir pra casa. Aí levei ela pro meu quarto, lá no posto de gasolina e ela deu que nem uma loca. Uma coisa que me dá muito tesão é uma buceta raspada bem arreganhada, com um vibrador. Uma mulhé transando com um cavalo. Chupá uma buceta com a mulhé deitada de frente. Quando eu vô na casa dos viado é muito bom também, é diferente, a gente anda pelado, se deita na rede, toma banho de banheira de dromassage. Depois eles começam a chupar o teu pau e te dão o rabo. A foda mais excitante foi com um viado, ele me deitou na cama e me chupou todo da cabeça aos pés, cheguei ao delírio, depois chupou o meu pau como ninguém e me deu o cú. Ele era do Uruguai não sei max, não lembro" - Fulano 29 (22 anos).

"Quando eu fudi de verdade foi com uma guria daqui mesmo lá atrás do colégio à noite quando não tinha luz ainda. A melhó foda foi com uma guria numa pedra num mato, mas tivemo que transá quase in pé, ela tava com medo. A coisa que me dá muito tesão é pensá num homem cumendo uma mulhé de frente. Em gozá dentro de uma mulhé. Eu nunca vô na casa dos viado, mas transei umas duas vezes na praia, eles pediram pra chupar o meu pau e quiseram me dá o rabo." - Fulano 15 (24 anos).

"Eu nunca transei com mulhé. A única vez que eu transei, foi com esse cara, lá de baixo (Florianópolis), tinha um grupo de gente tomando banho na cachoeira com gente, aí ele ficou insistindo pra transá e nós garramos o mato e eu comi ele. Ele fazia de tudo chupava, dava. Nós já transamos umas cinco vezes, mas não gostei muito não, no fim o pau fica todo sujo de merda. O que mais me dá tesão é pensar em comer uma mulhé galega de frente com os peitos bem pequeninhos. De chupar uma buceta de mulhé" - Fulano 21 (20 anos).

"Eu ainda não consegui cumê uma mulhé ainda, mas já tô namorando com uma, tô quase chegando lá. Mas até agora a melhó transa foi com o Fulano 2, na casa dele, no banheiro, porque tinha gente em casa. Eu tirei o pau pra fora e ele chupou até eu gozar. A coisa que me dá mais tesão é uma mulhé de quatro mostrando o cú. Numa mulhé, deitada de frente com as pernas arreganhada" - Fulano 19 (20 anos)."

"Eu já fui umas duas vezes na casa dos viado vê filme de sexo. Depois eles convidaram pra transá. Eu nunca transei com eles. Só deixei eles chupá o meu pau. O que eu mais gosto de imaginá é numa mulhé com as pernas bem aberta mostrando a buceta pra mim. Quando eu bate

punheta penso numa mulhé tirando a roupa e depois chupando ela toda. A melhor transa pra mim foi ter comido o rabo de uma mulhé" - Fulano 17 (20 anos).

"Quando eu tinha uns vinte anos, o Siclano 17, primo do Fulano 38, que já é meio velho, tem até os pentelhos meio branco, me cantou. Ficou passando a mão no meu pau e me convidou pra come ele num rancho de barco. Então nós fomos em dois, eu e o meu amigo, primeiro comeu o meu amigo depois fui eu. O meu amigo comeu ele três vezes e eu comi seis vez só naquela noite. Depois ele (o Siclano 17) perguntou se nós queria mais, e nós dissemos não, então, durmimo os três no rancho até de manhã cedo quando fomos acordados num cagaço. O meu amigo não gostou muito não, mas eu gostei muito, foi a primeira vez que eu transei. Dispox eu fui mais umas veies na casa dele, lá perto do Uma vez ele táva mi esperando na janela todo pelado, aí quando eu entrei, ele começou a mexer no pau e deitou de bunda pra cima, eu tirei a roupa subi em cima dele e cumi ele. Demorei quase duas horas pra goza, fiquei todo molhado de suor. Depois que eu gozei nele fui tomar banho" - Fulano 5 (28 anos). Este informante relata que até agora não conseguiu transar com mulheres: "Uma vez eu quase consegui cumê uma mulhé daqui mesmo. Eu fiquei insistindo pra transar com ela, mas ela só deixou eu passar a mão nos peitos dela. O que atrapalhou tudo é que tinha gente em casa, o meu irmão e o meu sobrinho, tanto que encheram o saco da gente com piadinhas: cuidado fulana, ele qué te cumê. Que ela não quis dá pra mim. Eu queria muito cumê ela. Mas eu nunca beijei ela não, porque ela tinha os dente podre e a boca toda preta. Eu tinha nojo de beijá ela". Apesar de ter interesse por mulheres: "O que me dá mais tesão, me Deus, é uma buceta bem cabeluda.

Numa mulhé com as pernas bem aberta, deitada de frente me convidando para trepar".

"Quando tinha punheta junto com amigos, eu saía, tinha vergonha. A primeira vez que eu transei foi com uma mulhé mais velha no fim do baile no salão, eu tinha uns dezesseis anos. Eu já fui casa dos viado com os amigos, eu deixei ele chupa o meu pau. Gosto de imaginá uma buceta bem aberta de frente pra mim e de chupá e cume uma buceta bem novinha. A melhor transa que eu já tive foi com a tava pelado na cama, aí comecei a beijá ela, a chupá ela. E fui pra cima dela e cumi, enquanto ela chupava o meu pescoço" - Fulano 13 (19 anos).

"A minha primeira foda foi com uns dezenove anos num rancho de barco com uma prima. Já transei bastante com paneleiro, mas tive mais vezes com mulher. Gosto de imaginar uma bunda bem aberta de quatro e di costas pra mim. Quando eu bato punheta gosto de imaginar alguém de costas, uma mulhé de costas. A foda mais legal foi com uma mulhé que me chupou o pau, me deu o cú e depois a buceta" - Fulano 25 (30 anos).

A última categoria delineada quanto as práticas sexuais, é composta por homens que só tiveram práticas sexuais com mulheres e foram denominados por mim de "homens".

"A primeira vez que eu transei tinha quinze anos, foi com uma puta na zona de Santos. Acabei pegando uma sarna de puta daquelas, fiquei com a virilha toda em carne viva, passei um trabalho pra da

jeito. Já fui muitas vezes na zona, eu já perdi as conta. Eu nunca saí com viado não, não por falta de convite viu, porque eles tão sempre pegando no pé da gente lá no banheiro da discoteque, não sou afim". Quando perguntei qual foi a experiência sexual mais excitante que teve, respondeu-me: "Eu não sei foi tudo igual. Na cama o que me dá mais tesão é uma buceta. Numa mulhé bem gostosa, gosto muito de pensar nos peitos delas. Comer uma mulher e chupando os peitos dela" - Fulano 37 (24 anos)."

"A primeira foi dentro de uma batera num rancho de barco, eu tinha uns dezessete anos, tava morrendo de medo mas foi bastante bom. A melhó trepada foi em Itajaí, eu táva deitado e ela sento em cima de mim e mexeu até eu gozá. Gosto de imaginá uma mulhé bem arreganhada. Uma mulhé mostrando o cú e a buceta" - Fulano 24 (20 anos).

"A primeira foda foi com dezesseis anos, com uma mulhé casada, ela é vagabunda pra caramba, é mulhé do e mora aqui atrás da Mas já transei com puta também em boate. Oh, eu nunca transei com viado, mas na minha época, muitos iam no Fulano 14, eu não sei se tu sabe, ele é panela. O pai dele tinha um bar e o pessoal se aproveitava da bebida, quando iam lá transá. O que mais me dá tesão é cumê o rabo de uma mulhé morena bem pentelhuda. De come a buceta e depois o cú. E chupá ela toda" - Fulano 40 (29 anos)."

"A primeira foda foi com treze anos com uma gatinha que era a minha namorada lá em Santos, nós transamos na minha casa quando não tinha ninguém. Com os viado eu nunca transei não, mas já saí com eles em turma. Uma vez dormi na casa de um, mas não fiz nada não, fiquei

na minha num quarto, enquanto os outros aprontavam. O que me deixa mais loco, com mais tesão é imaginar uma mulhé de quatro" - Fulano 6 (17 anos).

"A primeira vez que eu transei foi muito simples, muito tradicional, não fizemos nada de mais, foi num corredor escuro. A transa mais excitante foi com a menina mais novinha que eu já transei, ela foi a mais mulhé, mexia muito e tinha muito prazer em me dá. O mais excitante pra mim numa mulhé são os seios pequenos e durinhos. Cumê uma mulhé de frente" - Fulano 4 (18 anos).

"A primeira transa foi em com treze anos. Nós távamos num grupo conversando, aí o pessoal começou a ir embora e nós ficamos só. Ela pediu pra mim levar ela em casa. Começou a se oferecer e eu era muito bobo na época não entendi o que ela queria. Mas depois, garramos a plantação de cana-de-açúcar. Ela fez uma cama no chão com umas canas que ela quebrou. Deitou nua com as pernas abertas e cumi. Depois que nós já tínhamos acabado apareceu o pai dela, mas deu pra eu sair correndo e ele não me reconheceu. O que mais me excita é uma mulhé com as pernas abertas. Cumê uma buceta de todo jeito, de frente, de trás, de lado. Eu nunca transei com viados, eles me cantam sempre, mas nunca tive vontade. Mas sei de muita estória de viado aqui" - Fulano 1 (21 anos).

"Até hoje eu nunca transei. Uma vez quase consegui com uma prima minha na praia, ela pediu pra mim passar bronzeador e ficamos excitados, mas apareceu gente e fudeu tudo. Uma coisa que me excita e pensar em tá metendo numa mulhé. Numa mulhé te abraçando de frente

com as pernas cruzadas nas tuas costas" - Fulano 8 (18 anos).

"Nunca transei, mas já fiz muita coisa. De passar a mão, chupá os peitinhos dela, dá um malho. O que mais gosto de pensar quando faço punheta é numa mulhé de quatro mostrando a buceta. Numa buceta com ela em cima de mim" - Fulano 7 (17 anos).

"Eu só transei umas duas vezes. Foi com uma amiga lá do Canto. Nós transamos na praia. Me excita pensá numa mulher conhecida bem bonita" - Fulano 10 (20 anos) suspeito.

"A primeira trepada foi com uma vagabunda numa zona de Santos. Gosto de imagina uma mulhé me chupando o pau e eu cumendo ela. A melhor de todas foi com uma mulhé que chupou o meu pau até eu gozá, depois que eu cumi ela" - Fulano 3 (27 anos).

3.2.3. Identidade masculina:

3.2.3.1. O valor da masculinidade:

Para os gancheiros, ser homem pode ter muitos significados, mas de forma geral, os homens relacionam a identidade masculina ao cumprimento e ao rompimento de normas sociais, isto é, segundo os depoimentos colhidos, ser homem, de forma geral, é cumprir certos deveres, como também, ter o direito à liberdade e a liminaridade.

Com relação as concepções êmicas sobre a identidade sexual masculina, pode-se delinear apenas dois grupos distintos, os homens

que admitem serem diferentes, fora dos padrões de masculinidade do local, que se sentem mais delicados, mais femininos e menos homens, e são rotulados de "paneleiros" ou "viados". E um segundo grupo, que abrange a grande maioria, os homens que se sentem homens ou mais homens do que o primeiro grupo, independentemente das suas práticas sexuais. No segundo grupo, encontram-se homens que se consideram ainda mais ou menos homens, pela sua pouca idade ou porque ainda não casaram, mas nunca por transarem com os "paneleiros".

Ao perguntar aos entrevistados o que é ser homem, responderam o seguinte:

"Paneleiros"

"É ter um corpo masculino com músculos, ter aquele charme e ter partes sensíveis [órgãos genitais] maravilhosas" - Fulano 2 (28 anos).

"Eu não sei nunca fui [no sentido sexual]" - Fulano 20 (35 anos).

"Eu acho que é ter respeito e moral. Porque eu me sinto mulher" - Fulano 41 (41 anos).

"Homem é aquele que comi" - Fulano 14 (50 anos).

"Assumir a sua condição masculina [gênero]" - Fulano 39 (33 anos).

"Respeitar um ao outro" - Fulano 38 (28 anos).

"Homens"

"Ter responsabilidade, trabalho e uma família" - Fulano 35 (22 anos).

"É ter muita coragem e enfrentar todo tipo de situação" - Fulano 34 (24 anos).

"Ter coragem de admitir a beleza do mesmo sexo" - Fulano 31 (21 anos).

"Ter o teu trabalho, encontrá uma mulhé que combine e casá" - Fulano 32 (23 anos).

"Realista e gastar aquilo que tem" - Fulano 36 (28 anos).

"É transar muito" - Fulano 33 (32 anos).

"Transá" - Fulano 30 (22 anos).

"Ser honesto" - Fulano 27 (19 anos).

"Arrumá bastante mulhé" - Fulano 12 (16 anos).

"É ter palavra e ser sincero" - Fulano 28 (17 anos).

"É gostar de mulher" - Fulano 26 (17 anos).

"Que enfrenta tudo" - Fulano 11 (18 anos).

"É gozar a vida" - Fulano 16 (19 anos).

"Ser macho é comer mulher" - Fulano 18 (27 anos).

"Um cara de responsabilidade" - Fulano 22 (28 anos).

"Ter muita mulhé" - Fulano 23 (23 anos).

"Ser homem é andar com mulhé, beber e não ser nada caseiro" - Fulano 29 (22 anos).

"Ser macho e cumê" - Fulano 15 (24 anos).

"Ser honesto e trabalhador" - Fulano 21 (20 anos)

"Trabalhador" - Fulano 19 (20 anos)

"Ter mais de 20 anos, ter um trabalho, uma casa, mulhé e filhos" - Fulano 5 (28 anos)

"Trabalhar e ser masculino" - Fulano 13 (19 anos).

"Trabalhar, sustentar a família. Homem não faz sacanagem com outro homem [sexo] - Fulano 17 (20 anos).

"É ser o melhor da boca - Fulano 25 (30 anos).

"É ser homem ter um trabalho o seu dinheiro" - Fulano 37 (24 anos)

"Uma coisa boa que vem de dentro da gente, da natureza. Sair pra transá com as gatas. Ser honesto e trabalhador" - Fulano 24 (20 anos).

"Um cara trabalhador e casado" - Fulano 40 (29 anos).

"Que tem palavra" - Fulano 6 (17 anos).

"Digno da sua espécie" - Fulano 4 (18 anos).

"Ter cabeça, ter a cabeça no lugar" - Fulano 1 (21 anos).

"É ter personalidade e sempre pensar antes de agir" - Fulano 8 (18 anos).

"Ser livre" - Fulano 7 (17 anos).

"É ter liberdade pra ir e fazer o que quiser, sair com os amigos e tudo mais. É a melhor coisa do mundo" - Fulano 10 (20 anos).

"Trabalhá e pega mulhé" - Fulano 3 (27 anos).

Algumas atividades do dia-a-dia parecem reforçar a identidade masculina segundo os entrevistados, alguns dizem sentir-se mais homem quando estão trabalhando ou jogando, já outros se sentem mais homem diante de atitudes relacionadas à sexualidade, como mostram os depoimentos abaixo.

Os entrevistados ao serem perguntados qual atividade do dia-a-dia que realizavam que os fazia se sentirem mais homens ou mais machos, declararam o seguinte:

"Paneleiros"

"Nenhuma" - Fulano 2 (29 anos).

"Quando jogo bola com as crianças na rua, aqui na frente" -
Fulano 20 (35 anos).

"Nada" - Fulano 41 (41 anos).

"Nada" - Fulano 14 (50 anos).

"Qualquer trabalho braçal" - Fulano 39 (33 anos).

"Trabalho na obra" - Fulano 38 (38 anos).

"Homens"

"Trabalhando carregando pedra" - Fulano 35 (22 anos).

"Ter uma cantada aceita. Vencer no baralho" - Fulano 34 (24
anos).

"Trabalhando" - Fulano 31 (21 anos).

"Fazê força" - Fulano 32 (23 anos).

"Comendo alguém" - Fulano 36 (28 anos).

"Quando to comendo alguém" - Fulano 33 (32 anos).

"Fazer força" - Fulano 30 (22 anos).

"Quando faço musculação" - Fulano 27 (19 anos).

"Pescar" - Fulano 12 (16 anos).

"Transando ou trabalhando" - Fulano 28 (18 anos).

"O serviço da pesca" - Fulano 26 (17 anos).

"Pescando" - Fulano 11 (18 anos).

"Conversar com alguém mais importante, mais velho" - Fulano
16 (19 anos).

"Mergulhar" - Fulano 18 (27 anos).

"Estar com os amigos" - Fulano 22 (28 anos).

"Quando bato uma punheta" - Fulano 23 (23 anos).

- "Transando" - Fulano 29 (22 anos).
- "Pescar" - Fulano 15 (24 anos).
- "Quando faço força" - Fulano 21 (20 anos).
- "Trabalhando" - Fulano 19 (20 anos).
- "Trabalhando (varrer a casa quando tenho vontade)" - Fulano 5 (28 anos).
- "Estar com uma mulher" - Fulano 13 (19 anos).
- "Pescar e ganhar dinheiro" - Fulano 17 (20 anos).
- "Comer alguém" - Fulano 25 (30 anos).
- "Quando como uma buceta e o pau tem que ficar duro" - Fulano 37 (24 anos).
- "Trabalhando (pesca) e transando" - Fulano 24 (20 anos).
- "Não sei" - Fulano 40 (29 anos).
- "Pegar no pesado" - Fulano 6 (17 anos).
- "Trabalhando" - Fulano 4 (18 anos).
- "Pescando" - Fulano 1 (21 anos).
- "Fazer uma boa pesca" - Fulano 8 (18 anos).
- "Quando pego no pesado" - Fulano 7 (17 anos).
- "Sair de barco, pescar" - Fulano 10 (20 anos).
- "Pescando" - Fulano 3 (27 anos).

Segundo os gancheiros, um homem deixa de ser macho, isto é, perde o status de homem, quando deixa de cumprir com os seus deveres sociais de pai, marido e trabalhador ou quando assume posturas ou práticas não adequadas ao seu papel sexual.

Para os entrevistados, um homem deixa de ser macho quando:

"Paneleiros"

"Quando começa a usar roupa de mulhé. Se dé conta de uma tran-
sa [ser ativo] ainda é homem" - Fulano 2 (29 anos).

"Começa a dar o rabo" - Fulano 20 (35 anos).

"Quando começa a dar um de metido, de gostoso, de mostrar o
que não é" - Fulano 41 (41 anos).

"Com a idade" - Fulano 14 (50 anos).

"Quando passa a fazer decoração" - Fulano 39 (33 anos).

"Começa a beber" - Fulano 38 (38 anos).

"homens"

"Não sei" - Fulano 35 (22 anos).

"Brocha na cama" - Fulano 34 (24 anos).

"Assume que é viado" - Fulano 31 (21 anos).

"Quando pega jeito de viado" - Fulano 32 (23 anos).

"Depois dos setenta anos, quando brocha na cama" - Fulano 36
(28 anos).

"É gay" - Fulano 33 (32 anos).

"Deixa de gostá de mulhé" - Fulano 30 (22 anos).

"Dá a bunda" - Fulano 27 (19 anos).

"Dá o rabo" - Fulano 12 (16 anos).

"Dá o cú" - Fulano 28 (17 anos).

"Passa a ser viado, dá o cú" - Fulano 26 (17 anos).

"Vira bicha" - Fulano 11 (18 anos).

"Passa a ser gay" - Fulano 16 (19 anos).

"Bebe muito" - Fulano 18 (27 anos).

"Quando perde a masculinidade e dá o rabo" - Fulano 22 (28
anos).

- "Corta o pinto" - Fulano 23 (23 anos).
- "Começa a dá o cú" - Fulano 29 (22 anos).
- "Quando chega aos oitenta anos" - Fulano 15 (24 anos).
- "Passa a ser viado" - Fulano 21 (20 anos).
- "Não arruma mulhé" - Fulano 19 (20 anos).
- "Se separa, deixa a mulher o trabalho e começa a beber" - Fulano 5 (28 anos).
- "Dá o rabo" - Fulano 13 (19 anos).
- "Fica velho" - Fulano 17 (20 anos).
- "Vira viado" - Fulano 25 (30 anos).
- "Vira viado" - Fulano 37 (24 anos).
- "Quando passa a dá o rabo" - Fulano 24 (20 anos).
- "Dá uma falhinha, se requebra e muda de voz" - Fulano 40 (28 anos).
- "Dá o cú" - Fulano 6 (17 anos).
- "Cede pra uma mulher" - Fulano 4 (18 anos).
- "Vira a mão" - Fulano 1 (21 anos).
- "Quando mente ou deixa de ser responsável" - Fulano 8 (18 anos).
- "Não sei" - Fulano 7 (17 anos).
- "Começa a agarrar o outro, beijar o outro" - Fulano 10 (20 anos).
- "Quando fica velho" - Fulano 3 (27 anos).

Os "homens", de forma geral, identificam os não homens, basicamente, pelo que as outras pessoas falam, pelo gênero e pelo comportamento sexual, segundo as declarações abaixo. Os "paneleiros" declararam identificar os não homens pelos seguintes aspectos:

"Paneleiros"

"Pelo jeito de olhar e pegar nas coisas" - Fulano 2 (29 anos).

"Jeito delicado de andar e modo de falar" - Fulano 20 (35 anos).

"Pelos gestos, pelo jeito chic de ser. Usam roupas alinhadas" - Fulano 41 (41 anos).

"Pelo jeito, são mais delicados, eles gostam de fazê decoração arranjos e tudo mais" - Fulano 14 (50 anos).

"Pelo olhar" - Fulano 39 (33 anos).

"Quando dá" - Fulano 38 (38 anos).

"Homens"

"Pela forma como conversa até te cantar" - Fulano 35 (22 anos).

"Pelo olhar, quando olha obsecado para as partes" - Fulano 34 (24 anos).

"Pelo papo. Vêm sempre com a mesma estória" - Fulano 31 (21 anos).

"Quando mi cantam" - Fulano 32 (23 anos).

"Quando me contam" - Fulano 36 (28 anos).

"Pelo jeito diferente" - Fulano 33 (32 anos).

"Me contam" - Fulano 30 (22 anos).

"Pelo caráter, pela cara de safado" - Fulano 27 (19 anos).

"Pela boca dos outros. Eles dão e chupam" - Fulano 12 (16 anos).

"Pelo jeito ou aparência" - Fulano 28 (17 anos).

"Pelo jeito, vem pra cima da gente com manha" - Fulano 26 (17 anos).

anos).

"Quando te alisa e se esfrega em você" - Fulano 11 (18 anos).

"Quando ele te dá uma cantada, passa a mão nas tuas pernas, te arreta e pergunta o que vai fazer depois, se tem tempo" - Fulano 16 (19 anos).

"Sempre tem um que conta" - Fulano 18 (27 anos).

"Dos lance diferentes, botam brinco e beijam os homens" - Fulano 22 (28 anos).

"Pelo jeito de ser e pelo que faz" - Fulano 23 (23 anos).

"Com muita frescura no meio da voz, passam a mão, te olham de forma diferente e apertam a tua mão de um jeito diferente" - Fulano 29 (22 anos).

"Pelo que os outros falam" - Fulano 15 (24 anos).

"Quando alguém me fala" - Fulano 21 (20 anos).

"Jeito das mãos" - Fulano 19 (20 anos).

"Pelo jeito dele e quando passa a mão no pau dos outros" - Fulano 5 (28 anos).

"Pela barba bem feita, pelo jeito elegante" - Fulano 13 (19 anos).

"Pelos comentários" - Fulano 17 (20 anos).

"Pela boca dos'otro" - Fulano 25 (30 anos).

"Pelo que as pessoas falam. Piscam pra você, vão atrás de você no banheiro" - Fulano 37 (24 anos).

"Quando encaram a gente, piscam pra gente, pelo jeito feminino" - Fulano 24 (20 anos).

"Pelo requebrado, não procura mulhé, as vez a gente se engana" - Fulano 40 (28 anos).

"Pelo jeito que anda, qui nem mulhé, rebolando e requebrando"

- Fulano 6 (17 anos).

"Quando me cantam" - Fulano 4 (18 anos).

"Eles se mostram quando cantam a gente" - Fulano 1 (21 anos).

"Quando vêm falar comigo e direcionam o papo para uma cantada"

- Fulano 8 (18 anos).

"Pelo jeito de andar e quando dá o cú" - Fulano 7 (17 anos).

"Pelo andar, jeito de falar, sentar, delicadeza e frescura" -

Fulano 10 (20 anos).

"Pelo olhar, pelas cantadas" - Fulano 3 (27 anos).

Uma frase simples e comumente usada: "homem que é homem é aquele que nunca dá o rabo, mas já que eles dão, a gente comi" pode exemplificar o complexo código de ética do homem nessas comunidades, onde o papel na prática sexual, aliado a um comportamento social orientado pelos papéis sexuais, permitem uma categorização êmica dos homens e dos não-homens. Diga-se de passagem que esses parâmetros categóricos para a sexualidade masculina, são bastante similares aos parâmetros de outras culturas latinas e islâmicas.

De acordo com a definição êmica, um homem para ser homem mesmo, deve ter uma prática sexual sempre na posição ativa, isto é, sempre no papel de macho, comendo mulheres ou "paneleiros", ou ainda deixando que estes façam sexo oral nos seus genitais. O comportamento social deve ser caracterizado pela permanência e aceitação constante por parte do grupo de homens, o que exige de cada indivíduo um completo domínio dos muitos códigos que compõem as conversas masculinas como: ferra-do-boi, futebol, briga, cachaça, sexo, pescaria, rotas marítimas, etc. Como também, mostrar-se interessado pelas mulheres

nos locais públicos como festas ou bailes. Na falta de mulheres disponíveis, ficar com um "paneleiro" pode também ajudar na construção dessa identidade de macho trepador.

Apesar de boa parte dos homens da comunidade transarem ou já terem transado com viados, segundo alguns "paneleiros", existe um grupo que nunca se aproximou de nenhum e que nunca teve interesse em procurá-los, apesar de já terem sido cantados pelos mesmos.

Mas, nem todos os homens que transam ou preferem transar com homens, se adaptam a esses atributos do código de moral masculino, como ter uma identidade de gênero masculina, preferir as mulheres e ter práticas sexuais predominantemente com as mulheres. Em uma conversa informal, Fulano 34 (24 anos) desabafou. Disse ele que, "em Ganchos quase todo mundo (homens) transa (com homens), principalmente depois de uma cachacinha, uma maconhinha. Mas todos morrem de medo de ser pegos em flagrante, pois se isso acontece, eles (que viram) te obrigam a transar com eles, ou então ameaçam contar para todo mundo". E continua: "Aqui tem muito homem enrustido, só pra você vê, eu tenho um primo, o Siclano 13 (25 anos), que trabalhou comigo naquela empresa ali em baixo. Todos os dias depois do trabalho a gente tomava banho num banheiro coletivo lá mesmo na empresa, e um dia quando estávamos só nós dois tomando banho, ele começou a pegar no meu pau e virou a bunda pra mim, e eu comi ele. Ele pegou gosto pela coisa e passou a andar sempre comigo, mesmo no trabalho, aí um primo dele desconfiou, e fez sacanagem com ele. Se ele (o Siclano 13) não desse pra ele também, todos iam ficar sabendo. E o coitado se sujeitou. Depois ele pegou namorada, mas ela deixou ele, eu acho que ela percebeu al-

guma coisa". Eu perguntei ao meu interlocutor, como a namorada teria descoberto as preferências sexuais do Siclano 13, e ele respondeu-me: "ela deve ter percebido que ele não se excitava direito nos malhos ou alguma coisa assim. Só sei que hoje em dia ele jura pra todo mundo que é apaixonado por ela e continua escrevendo cartas de amor pra ela. Como forma de tentar manter a sua masculinidade".

Sábado à noite, num bate-papo com o Seu Siclano 12 (60 anos), mestre aposentado e pai do Fulano 20, no estabelecimento comercial do Seu Siclano 6 (60 anos), sobre a rotina do casamento para o homem, deu pra entender um pouco melhor a moral masculina do lugar.

Seu Siclano 6 instigando Seu Siclano 12 a falar um pouco sobre suas intimidades, com o objetivo de criar um clima de cumplicidade, começa a falar: "comê sempre a mesma carne, bater sempre na mesma carne cansa, né...a gente tem que procurar sempre umas coisinhas nova, diferente, né Seu...uns rapaizinhos novinhos, umas coisinhas que chegam aí cheio de vontade e eu estou sempre pronto". E continua, apontando pro Seu Fulano 12: "Esse aí também é um garanhão, ele também gosta dessas coisas, às vezes pedia pra mim arrumar uns esquemas pra ele". O Seu Fulano 12 muito envergonhado e um pouco vermelho responde: "Eu já ando muito devagar, sabe não é mais como na juventude, que a gente metia a cara em tudo. Não queria nem saber do que iam falar os outros. Mas agora, mais velho a gente prefere deixar de fazer as coisas, pela família, vai se acomodando. Olha meu filho, não tem nada melhor que a juventude, e a minha foi no mar. Já passei muito trabalho, vida dura. A única coisa boa na vida do pescador são os poucos dias em terra, e quando chegam, são pior que cachorro que se

solta da colera, quando a gente tira eles dela, saem pelo mundo traçando tudo que vier pela frente".

Nessa mesma conversa, quando Seu Siclano 12 começa a falar do seu filho Fulano 20, fica emocionado e correm lágrimas dos olhos, tira um lenço do bolso, enxuga o rosto, e começa a falar se desculpando e se lamentando pelo filho: "É muito triste ter um filho assim, que vive vestido de mulher pela rua. Pensa que é fácil vê ele todo final de semana em casa se vestindo, se arrumando, se maquiando como uma mulher pra ir dançar". E enfatiza: "Se ele só gostasse dessas coisas, como muita gente aqui dentro de Ganchos gosta de fazer, sem precisar se mostrar pra todo mundo como faz ele, estaria tudo bem, seria mais fácil, porque aqui tem muito oh...que gosta...mas ninguém se mostra como ele".

Esse discurso mostra uma tolerância com relação as práticas sexuais entre os homens, mesmo entre os mais velhos, mas mostra também o cuidado que se deve ter em não confundir práticas sexuais com homens com a incorporação da identidade de um "paneleiro", que se aproxima muito da identidade feminina êmica. Isto é, as práticas sexuais com os homens são algo de maior tolerância do que a adoção do gênero feminino pelo "paneleiro". Identidade também aceita, não marginalizada, mas discriminada, pois tem menor valor perante a identidade masculina.

No dia seguinte, voltei para conversar com Seu Siclano 6 em seu estabelecimento comercial, para saber mais alguns detalhes das suas transas e perguntei como aconteciam: "Eu sempre estou por aqui,

volta e meia aparece um desses rapazes, aí converso um pouco e vou direto ao assunto, você percebe quando eles estão afim, quando chegam cheio de intenção e aí marco para eles aparecerem mais tarde, depois que fecho o negócio. Por segurança também fecho a porta da cozinha da minha casa que fica lá nos fundos, mas não tem problema, a essa hora a minha senhora já foi deitar". Pergunto a ele com quantos garotos transa atualmente e ele respondeu-me: "com uns oito rapazes mas já transei com outros que não vêm mais aqui, o irmão do Siclano 11 por exemplo, daquele que você conheceu aqui semana passada, lembra. Pois é, esse já é casado também, mas se eu quiser eu o tenho". Perguntei se já havia transado com um paneleiro assumido, ele rapidamente respondeu: "não nunca, o Fulano 20 e aquele primo dele, o Fulano 14, são para os homens solteiros que não tem compromisso com nada. Eu escolho bem as pessoas, eu sou casado. Só transo com aqueles que só vem aqui". Pergunto, por que esses garotos vêm aqui Seu Siclano 6? "Acho que gostam de mim, não sei se é a idade ou a experiência que tenho (nesse momento abre uma pequena gaveta debaixo do balcão e tira um tubo de vasilina e com a cara mais devassa): A gente nunca sabe o que vai pintar, pode aparecer uns que é a primeira vez, aí eu uso isso e ponho com muito cuidado até acostumar. Confiam muito em mim, sabem que sou casado e não vou contar nunca pra ninguém. Hoje mesmo, quando eu subi o morro pra tirar leite da minha vaquinha que fica lá em cima, foi um comigo e só me deixou em paz quando eu fiz ele". Perguntei também se não lhe pediam dinheiro: "às vezes a gente escorrega um dinheirinho, pra eles não ficarem na falta né...mas não é sempre, quando eles querem ir na discoteque sábado e não tem dinheiro, passam aqui antes fazem o serviço e vão pra noite."

O Seu Siclano 6 e as suas práticas sexuais são conhecidas por todos da comunidade. Ele fala com muita facilidade de suas façanhas sexuais como um grande garanhão, que come todos os homens que vão lá, fato que, na opinião do mesmo, não prejudica em nada a sua identidade de homem macho, casado e respeitável. Mas ao consultar os assíduos frequentadores do Seu Siclano 6, percebe-se que as coisas não são bem assim como ele relatou-me. Isto é, segundo os rapazes que lá frequentam, o Seu Siclano 6, geralmente, é o passivo na suas práticas sexuais, e é muito liberado sexualmente. Segundo alguns deles, chega a ser "nojento".

Em relação à mulher, ainda existe em Ganchos, segundo alguns "estrangeiros", o que se poderia chamar de "responsabilidade masculina sobre a virgindade feminina". Consciência esta que geralmente obriga um homem que tenha desvirginado uma mulher, a roubá-la, e por vezes se casar, mesmo que depois de alguns meses, os homens venham a "disgostar" das mulheres e as devolvam para casa dos pais.

Em conversa com Siclana 9, ela relatou-me um desses casos que são tão comuns: "Eu tive uma aluna que se formou aqui no segundo grau, era uma aluna comum, bom potencial, esperava que ela continuasse a estudar. Na escola ela tinha um namorado que acabou terminando logo que se formou. Aí conheceu um outro rapaz do Canto e começou a namorar, após alguns poucos meses, fugiu e casou, fiquei impressionada. Ele vivia embarcado e ela parecia profundamente infeliz, via-se na cara dela. Depois de alguns meses de casada, num dia em que o marido voltou pra terra, passaram a noite juntos e tudo mais. No dia seguinte sem a menor explicação, ele a abandonou, alegando simples-

mente que tinha desgostado dela."

3.2.3.2. Identidade paneleira:

Nesse contexto social, com papéis sexuais tão fortemente demarcados, os homens que preferem e transam com homens, tem duas formas básicas de comportamento social, aqueles que declaram as suas práticas sexuais passivas com os homens e aqueles que tentam ocultá-las.

Os paneleiros declarados são aqueles que assumem uma prática sexual com homens, geralmente de forma passiva, oral ou anal e uma identidade de gênero feminino ou delicada. A identidade desses homens pode ainda manifestar-se de duas formas: a travestilizada e a não-travestilizada.

O único panela travesti que vive na comunidade, Fulano 20 (35 anos), o cabeleireiro, assumiu as suas preferências sexuais e a identidade feminina publicamente a partir dos onze anos. Vive com os pais, Seu Siclano 12 (60 anos) e Dona Siclana 14 (60 anos) e tem um salão de beleza geminado com a casa dos mesmos. Atende praticamente a quase toda população jovem masculina e feminina. Preferindo a população masculina mais madura, o barbeiro da localidade que fica na rua principal da sede do município. Como travesti é muito cortejado e tem acesso a muitos homens da comunidade: adolescentes, casados e solteiros com ou sem namoradas.

Também muito conhecido na localidade é Fulano 41, apesar de

não mais morar na comunidade. Fulano 41, com dezesseis para dezessete anos, fugiu de Ganchos com um toureiro de circo que passava pela cidade. Depois de seis meses com o toureiro, abandonou-o e foi para a cidade de Rio Grande trabalhar em restaurante. "Trabalhei uns dez anos em restaurante. Logo no início conheci o meu primeiro marido, um médico de sessenta e seis anos que, infelizmente, morreu depois de quatro anos. Mas ele me deixou carro, casa e terreno. Conheci o meu segundo marido numa boate, quando participava de um concurso de dança ou desfile, não lembro mais. No início, quando cheguei na cidade, cheguei a trabalhar na pesca artesanal. Eu era o biscui deles, todos os homens me adoravam. Quando casei com o meu segundo marido, que também era mais velho, ele já tinha três filhas, uma de dois, outra seis e a mais velha de oito anos. Acabei criando as três e vivemos juntos durante dezessete anos. Já no final do nosso casamento, de tanto que o meu motorista me atentou, acabei ficando com ele. Ele largou a mulhé e os filhos. Ficamos juntos durante três anos. Ele era lindo, mas quando descobri que ele também saía com um outro homem e que chupava e dava o cú, mandei ele embora. Decidi ficar sozinha por um tempo. Mas no mesmo dia, encontrei esse que está aí, o meu quarto marido. É bonito né? Ele é louco por mim! No início, há três anos atrás quando decidi ficar com ele, peguei esse menino pra criar. Tenho ele como meu filho. Esse meu atual marido, antes de ficar comigo tinha uma noiva de dezesseis anos e uma amante lá em Palhoça. Largou tudo pra ficar comigo. Sabes, Deus me deu muitos homens gostosos, maravilhosos. Dei pra muitos homens lindos, mais bonitos do que aquele loiro das tuas fotos. Eu fui e sou muito realizada" - Fulano 41 (41 anos).

Dona Siclana 15 (60 anos), a mãe, o trata de "minha filha" e para todos os sobrinhos, é a tia, o parente mais bem sucedido na vida "tem até dois carros". Atualmente, mora na grande Florianópolis e visita os parentes no final de semana. Quando conheci Dona Siclana 15 na casa da Dona Siclana 1 (40 anos), uma das suas filhas, perguntei pelo Fulano 41, e ela logo foi me explicando: "sabe meu filho, essa minha filha casada, ela é bicha, os outros falam, mas é minha filha, Deus mandô assim e eu gosto muito dela. Ela me ajuda muito viu meu filho. Max tubém ela é muito feliz!"

Nas quatro comunidades, segundo os meus melhores informantes, existem ainda mais uns cinco homossexuais assumidos: Fulano 14 (50 anos), Siclano 16 (25 anos - empregado em manufatura), Fulano 2 (29 anos - cozinheiro embarcado), Fulano 38 (38 anos - embarcou 6 anos, agora trabalha em terra) e o Siclano 17 (42 anos - ajudante em um restaurante), que não se sentem bem travestidos, preferem vestir-se como homens, mas são identificados por todos como "paneleiros" ou "viados", isto é, como indivíduos que, apesar de se vestirem como homens, têm uma prática sexual bastante definida, "gostam de chupar e de sentar numa bilóca (pênis)".

Segundo a grande maioria dos homens entrevistados, quando perguntados sobre o que um viado mais gosta de fazer e o que um homem nunca faria, a resposta é quase sempre a mesma: "chupar e dar o cú."

Os "paneleiros" que tentam ocultar as suas preferências sexuais e não se identificam com a identidade de gênero feminina, comportam-se de duas formas básicas.

Aqueles mais delicados e femininos, que reprimem qualquer prática sexual, seja com mulheres ou homens, como forma de se proteger de mais comentários quanto a sua preferência sexual, além dos que já existem do tipo: "esse rapaz é tão bonzinho, tão educado mas nunca arrumou namorada".

E aqueles menos delicados e mais masculinos, que arrumam uma namorada de vez em quando ou podem ser até casados, mas têm práticas sexuais com homens frequentemente, mas, de forma mais sigilosa. Esses homens saem com mais frequência com os outros paneleiros que têm o reconhecimento social, situação mais segura para a sua identidade de homem, que deve ser resguardada. Apesar dessas práticas serem criticadas por alguns, ninguém terá dúvidas quanto aos papéis que serão assumidos nesse enlace sexual e nem duvidarão da hombridade de quem assume o papel ativo.

Os homens que ocultam por completo suas práticas sexuais, são mais difíceis de serem detectados por um estrangeiro ou de serem apontados pelos próprios nativos. Pois alguns, apesar de ter uma identidade de gênero nitidamente "paneleira", ainda não têm práticas sexuais, enquanto os outros que têm um maior distanciamento com a identidade de gênero "paneleira" e enquadram-se mais dentro da identidade de gênero masculina vigente, podem ter práticas e preferências sexuais para homens, mas as mantêm em sigilo. Mas, quase todos esses podem ser identificados por algumas pessoas da comunidade que acompanharam a infância e a juventude dos mesmos, isto é, o seu histórico de vida. Um outro fator importante e distintivo no comportamento so-

cial desses homens, segundo observação, é a pouca convivência e permanência nos espaços masculinos como os bares.

Esses homens, quando começam a se tornar falados, geralmente tem duas opções: casam-se ou deixam a localidade para viver em uma cidade maior. Seguem abaixo alguns comentários feitos pelos nativos acerca das práticas sexuais desses homens, tidos como diferentes, como forma de retratar a compreensão e o entendimento êmico acerca dos mesmos:

"Aqui em baixo tem um menino, o Siclano 18 (25 anos) da família, que é só beber um pouquinho junto com os homens que se passa. Agora resolveu casar, mas acho que é um casamento de mentira, porque a vizinha aqui de baixo que trabalha na cooperativa já pegou a mulher dele se beijando com uma outra mulher bem macho daqui mesmo, que também arrumou um namorado, que parece ser de mentira. Eu não sei o que acontece ali se elas tão arrumando um namorado para ele ou se vão viver juntos os quatro".

"Também tem o Siclano 19 (30 anos) que mora aqui em cima, que também resolveu se casar. Ele se casou com uma menina surda. Eles sempre escolhem as meninas assim com algum tipo de problema. Já tem dois filhos...."

"Outra de quem eu sempre desconfiava era a Siclana 20 (45 anos), que foi uma mulher muito fácil na juventude, todos os rapazes aqui foram iniciados sexualmente com ela, apesar de meio masculina ela era bonita. Casou-se com um representante de São Paulo teve fi-

lhos e se separou, depois juntou-se com uma mulher. Viveram aqui por um tempo e foi a maior falação. Depois que os filhos já estavam grandes, abandonou-os na casa dos pais e foi embora morar em Itajaí com a parceira".

"É bastante conhecida também a estória do Siclano 21 (20 anos), um rapaz muito bonito, alto e bem grandão que morava no..... A família era (culto religioso) e um tempo atrás as primas de fora vieram visitá-lo, e começaram a desconfiar do comportamento do primo, após ouvirem alguns comentários, passaram a investigar a vida do rapaz. Aí encontraram uma vez uma cueca suja de sangue atrás do guarda-roupa e tanto que fuçaram a vida dele que descobriram que ele estava transando com um rapaz aqui de cima. A família de vergonha mudou-se para Itajaí, isso faz um ano agora".

"Um dos meus melhores amigos, o Fulano 31 (24 anos) passa um cortado com o seu pai. Ele vive controlado. O pai nunca gosta do jeito que ele se veste, se porta. Vive ameaçando o filho pra não "cair no erro". Não permite que nenhum amigo durma no quarto dele. O pai dele vive procurando mulher para casar com ele (o filho). O Fulano 31 apesar de não ter muito interesse por mulheres está quase decidindo casar, até o final do ano."

"O tio do Fulano 31, o dono daquela venda que também vende sorvete ali naquela rua, o Siclano 22 (45 anos), casado com filhos, também gosta de transar com homens, já cantou até o próprio sobrinho".

"O Siclano 23 (35 anos) que já teve um negócio com o primo dele e, o Siclano 24 (35 anos), também transam com homens, já me cantaram e a outros amigos meus. Uma vez pegaram o Siclano 23 transando com um outro cara na praia, quando saíram correndo o Siclano 23 deixou cair a carteira e foi identificado, as pessoas desconfiam que tenha sido com o Beltrano, hoje, tão tudo casado, mas, tão aí pronto pra tudo"

"Siclano 6 (61 anos), é um velho casado com quatro filhos já também casados e dono de um pequeno negócio aqui no centro, esse velho é o cara mais safado que eu já conheci, a venda dele está sempre cheia de rapazes, e ele acaba transando com todos eles, fica esperando os caras depois da discoteque ou marca antes um encontro para mais tarde na própria venda. A filha já pegou ele várias vezes com rapazes, sempre dá a maior confusão. A última vez ela foi embora para Biguaçu, mas já está de volta". Perguntei ao meu informante se ele, seu Siclano 6, conversaria comigo sobre as suas transas e ele respondeu-me: "claro que sim, mas vai dizer pra ti que come todos eles". E prosegue: "uma vez, à noite, quando eu voltava da discoteque eu vi ele chupando o pau de um desses caras, que geralmente estão sem trabalho, o cara gozou na boca dele e tudo".

"Aqui também tem, tem o Fulano 2 que mora naquela casa amarela ali em cima no morro, é um cara muito legal, trabalha embarcado como cozinheiro. No ano passado chegou a comprar um boi pra nós e tudo, é muito boa gente."

"Tem o Siclano 17 (42 anos) lá em cima logo abaixo do restau-

rante, ele trabalha lá também e mora sozinho. Ele veio de Santos e já mora aqui há uns dois anos, mas tem parente aqui também. A mãe dele é daqui".

"Também tem um outro cara que transa com cara, mas ele não se acha bicha, mora um pouco mais abaixo do Fulano 2, todo mundo chama ele de Ele mora com a irmã, o cunhado e quatro sobrinhos. Trabalha há muito tempo também embarcado, mas agora tá desembarcado fazendo um bico como ajudante de pedreiro lá no Calheiros, naquele restaurante que tão construindo, você já viu".

Apesar de se sentir muito a vontade com a sua sexualidade no meio dos homens da comunidade, o Fulano 38 não foi nada honesto nas conversas e entrevistas comigo, tentando esconder o jogo o tempo todo. Em momento algum assumiu suas práticas sexuais, já tão conhecidas de todos.

Em uma cultura com papéis sexuais tão definidos como essa, percebe-se que são muitos os homens casados com mulheres que mantêm práticas sexuais com outros homens, além de Seu Siclano 6. Fulano 37 (24 anos) em entrevista falou-me do Siclano 25: "cozinheiro embarcado, casado com cinco filhos, que depois que toma umas e outras gosta da dar o cú [ênfatiza com um gesto típico da região, punho serrado e mão fechada simulando um ânus] ". Perguntei como sabia disso, e ele respondeu-me: "na vida do mar se sabe de tudo, mas não se conta pra ninguém, senão dá a maior confusão, esses papos ficam só entre nós, os homens".

O convívio social nas noitadas da Fenix foi motivo de estranhamento para mim, que estou acostumado aos distintos guetos da vida urbana. Na única discoteque do município, interação sem maiores problemas homens, mulheres de todas as orientações sexuais, todos se conhecem e conhecem os seus papéis. Nesse sentido, Fulano 20, apesar de ser denominado por todos como "panela", é bem aceito. Não é marginalizado e torna-se uma das "figuras femininas" mais disputadas da noite e acaba sempre ficando com homens muito bonitos. Fulano 20 é paquerado, galanteado, beijado, abraçado por alguns homens publicamente, sem o menor constrangimento. Desta forma, seu papel é permitido e aceito. O seu comportamento social desperta sempre o ciúme e a rivalidade das mulheres, fato facilmente percebido pela cobrança que as mesmas fazem aos homens que estão constantemente próximos dele.

Fulano 20 também tem um namorado fixo há dois anos, Fulano 35 (22 anos), um homem muito bonito da localidade. Se encontram sempre depois do expediente no salão. O detalhe interessante é que Fulano 35 também tem uma namorada, Siclana 26 (25 anos) quase vizinha do Fulano 20. No momento, estão brigados porque ela já sabe há algum tempo da relação extra-conjugal do mesmo.

Os "panelas" que tentam ocultar as suas preferências e práticas sexuais, nessa estrutura de papéis sexuais tão determinados, assumindo uma identidade de gênero masculina, parecem ter maiores dificuldades de acesso aos homens da comunidade, pois são esses uma situação dúbia e que, por vezes pode causar mal-entendidos, situação que foi exemplificada por Fulano 20: "Uma vez um amigo, um viado bofinho, veio me visitar aqui em Ganchos, à noite, na discoteque, ele

resolveu cantar um homem e foi uma grande confusão acabando com briga, pois o rapaz cantado não admitia ser confundido com um viado. Se fosse eu ou um outro viado assumido não teria problema nenhum, pois os papéis já estariam bem definidos. Um homem que não é homem e se parece com um homem, [que não deixa claro o seu papel sexual], isto dificulta e muito o acesso aos homens".

Uma outra situação vivida, que expressou esta relação de papéis sexuais muito bem estabelecida por esse grupo social, aconteceu num sábado à noite no salão do Fulano 20. Eu, o Siclano 27 e o fulano 20, estávamos fazendo hora, antes de sairmos para a discoteque, quando chegou o Siclano 28 (35 anos), um pescador muito bem humorado e falante. Ao me ver sentado ao lado do mudo, apresentou-se e começou a falar dos dotes profissionais e sexuais do Siclano 27 e dos tempos que esse trabalhou embarcado como cozinheiro. Deu a entender que a situação para a noite já estava definida, ele queria ficar com o fulano 20 e eu ficaria com o siclano 27, que me foi muito bem recomendado por ele.

As mulheres, em se tratando de práticas sexuais entre elas, não fogem muito a esta situação. Elas também são em um bom número, segundo Siclana 8, "estrangeira" e ex-moradora do Canto: "só no Canto eu conheci cinco casos de mulheres casadas que traíam o marido com outras mulheres". Segundo Fulano 20, no final da mesma rua onde mora, também tem uma casa com "quatro sapatões".

3.2.4. Espaço e sexualidade:

3.2.4.1. No barco:

Nas conversas com os pescadores, constantemente eu perguntava sobre os paneleiros e as transas que pudessem vir a acontecer no barco. Alguns afirmavam que nada acontecia, que o barco era um lugar de respeito, onde se ganhava a vida com muita dignidade, mas outros pescadores não tiveram vergonha em relatar alguns fatos. Segundo eles, o barco é um espaço coletivo, quase sem privacidade. A única porta, geralmente, é a do banheiro, "lugar oficial das punhetas", pois os quartos são coletivos. Quando ficam muito tempo no mar, às vezes forma-se fila na porta do banheiro.

Assim sendo, os únicos momentos em que se pode ter um pouco de privacidade no barco, são no banheiro ou na hora da vigília de madrugada, quando permanece apenas um tripulante no convés. Esta vigilância está organizada em turnos para cada homem, enquanto os outros dormem. Segundo Fulano 30 (22 anos), se tiver que acontecer atividades sexuais, só se tem essas duas oportunidades. E como já era de se esperar, pelo menos um companheiro para a punheta, às vezes, aparece.

Nas entrevistas com os pescadores, tive o hábito de perguntá-los sobre a porcentagem de cozinheiros "paneleiros". E as respostas giravam em torno de 30% a 40% deles. É comum também ter-se paneleiros como tripulantes de convés. Em uma conversa informal no salão do Fulano 20 com Siclano 28 (32 anos), quatorze anos embarcado, perguntei a ele se também tinha pescador que gostava de dar, e ele respondeu-me de forma indireta: "Sempre tem um ou outro que gosta de sentar na bu-neca, sempre tem...néh...mas não se deve falar disso. E não sou eu

que vou gaguetá ninguém".

Segundo o Siclano 27 (32 anos), "paneleiro" assumido da Armação que já trabalhou embarcado como cozinheiro por uns dez anos, muitos cozinheiros embarcados são viados. Todos acabam se conhecendo e passam até mesmo a saírem juntos para os bares e boates nas cidades portuárias. Já Fulano 37 (24 anos), também embarcado, concorda com a fama que tem os cozinheiros no mundo da pesca, mas ressalta que nos tempos atuais de crise, quando arrumar trabalho começa a ficar ainda mais difícil, são muitos os "homens de verdade" que começam a pegar essa função, além, é claro, de que o salário é melhor (geralmente 2 partes), do que o do pescador que trabalha no convés.

De acordo com as tentativas de relato do Siclano 27, deficiente auditivo, pôde-se entender que, quando trabalhava embarcado, era constantemente assediado pelos outros tripulantes, com excessão de uns poucos e do mestre que devia impor respeito. Segundo Siclano 27, o barco que trabalhava era muito bom e o mestre muito tolerante. Os pescadores podiam entrar o tempo todo na cozinha para buliná-lo e o mestre fazia de conta que nada via. Geralmente transava cada dia com um. Devido a falta de privacidade no barco, só era possível fazer algumas coisas mais simples do tipo, masturbação ou felação nos homens, sendo que a escolha partia sempre dele. Segundo um pescador embarcado, Siclano 28 (32 anos), que já trabalhou com o Siclano 27, ao me ver na companhia dele, não perdeu tempo para me apresentar verbalmente as qualidades do mesmo: "o siclano 27 é oh... (gesto com uma das mãos) é completo, é perfeito faz de tudo, vai firme". E continuou a brincar com o rapaz, fazendo obscenidades com os quadris e com os bra-

ços, como se estivesse comendo-o, o que deixou o rapaz muito irritado.

Segundo o Fulano 2 (29 anos), foi muito trabalhoso conseguir a carteira de pescador, pois, além de homossexual, confessou-me com muito pesar que é também analfabeto. "Quando eu fui buscar a minha carteira na capitania, o cara que trabalhava lá, me reconheceu (já tinha transado com ele). Eu nem lembrava dele e ele disse que não podia dá a carteira de pescador pra homossexual, era proibido pela capitania. Aí eu me ajoelhei nos pé dele e pedi pelo amor de Deus pra me dá a carteira e não falá nada".

Com tanto tempo de vida embarcada, o Fulano 2 é um profissional altamente reconhecido e famoso, todos os pescadores sabem que ele é o melhor na cozinha, tanto que, no atual barco, nunca põe a mão na pesca, como fazem os outros cozinheiros quando estão fora da cozinha. Tem dedicação exclusiva para cozinhar "coisas maravilhosas" como ele mesmo diz, para dezessete homens. São muitas as estórias também que esse tão querido cozinheiro tem para contar: "Volta e meia eu pego um batendo punhenta debaixo dos lençól, aí eles pedem pra eu dá uma madinha (felação). É uma tentação, eu já fiz muito, mas tento me controlar, porque tudo que se passa no mar, todos ficam sabendo e se eu vacilar muito e ficar falado, quando for embarcar de novo posso ter problemas. Os pescadores são muito bem informados pelo rádio e todos se conhecem, então você já viu né."

Segundo Fulano 14 (50 anos), que também trabalhou embarcado durante oito anos, sempre aconteciam "umas coisinhas" a bordo, mas de

forma geral, as transas eram fora do barco. Um dos seus relatos pode ilustrar a perseguição aos pescadores que transam com homens passivamente: "Uma vez quando era bem novinho, fiquei a bordo com o motorista do barco e todos saíram pra boate. Aí pintou um clima e nós transamos. Eu dei pra ele. Aí, ficou combinado, toda vez que o barco chegava no porto, a gente ficava no barco. Mas a tripulação começou a ficá desconfiada. Aí uma noite um deles, depois de deixá os otros no cais, voltou pro barco e pegou a gente no ato. Eu tava dando pro motorista. Comecei a chorar de vergonha. Eu tava começando ainda. O cara contou tudo pra tripulação e o mestre me mandou embora. Fiquei em Ilhabela na casa de uma senhora trabalhando pra ela, mas continuei transando com ele sempre que ele passava por lá. E ele continua casado e trabalhando no barco". Como salienta o Fulano 14: "é sempre assim, o que dá é castigado e o que come sai numa boa".

3.2.4.2. Na farra do boi:

Em todas as farras de boi que presenciei durante o ano de 1994 pude perceber que a farra consiste num ritual de masculinidade, onde apenas os homens, em pequenos grupos, se dispõem a enfrentar o animal diante da assistência eufórica de toda a comunidade. Pode-se dizer que o ritual, geralmente, tem três prosseguimentos: os velhos, as mulheres e as crianças que assistem de longe; os homens que se posicionam lado-a-lado ao redor do boi sempre em posições seguras, em cima dos muros e das árvores e; os farristas que se expõem e enfrentam o boi cara-a-cara.

Dentro das brincadeiras da farra existe um status conquistado,

por exemplo, quando um boi impaca num beco ou num canto qualquer, apenas alguns homens têm a coragem e a experiência suficiente para tirá-lo e dar continuidade à brincadeira.

Em entrevista, Fulano 16 (20 anos) relatou o outro lado da Farra do boi, o momento em que o boi se perde no mato e só os homens já muito tocados e fumados, resolvem resgatá-lo durante toda a noite. E ressalta: "É uma escuridão só, poucos tem lanterna e entre uma banguça e outra você vê cada coisa". Pergunto que tipo de coisas se vê: "de tudo, uma vez vi dois caras atrás daquelas bananeiras comendo um ao outro, um deles era um paneleiro daqui. Já vi também um chupando o pau do outro. Naquela altura do campeonato, todo mundo de cara cheia, vale tudo, é muito divertido".

Fulano 5 (27 anos), disse-me que quando toda a rapaziada vai atrás do boi no mato, ele também acompanha, mas fica sempre por cima das pedras, não se aventura a dar de cara com o boi. Mas bebe e fuma junto com todo mundo. Segundo Fulano 5, "toda farra o Seu Siclano 25 (60 anos), um velho casado com neto e tudo dos Ganchos, vem pra cá procurar o boi com a gente. Aí ele sai com um de nós pra chupar o pau e dar o cú. Mas se a gente vai atrás deles pra vê, ele fica brabo. Eu não sei porque. Ele gosta de dá, mas não gosta que os outros fiquem olhando. Quando a gente vai dinovo espiá, ele sai correndo atrás da gente, brabo. Vê se pode, vê!"

No ano passado, Fulano 2 (29 anos) que também se diverte muito com a farra do boi, comprou um boi e deu de presente para a rapaziada dos Ganchos de Fora brincar. Segundo ele, gosta de acompanhar a todas

as festas noturnas na busca do boi no mato, pois sempre acontecem também muitas transas com os homens do local: "naquele clima todo, com muita cachaça e maconha e todos no mato querendo se divertir, fica muito fácil sair pra transar com um ou mais homem. A gente procura um lugar um pouco mais afastado e já pode ficar mais a vontade. E aí é aquela delícia".

Muito comum também na farra sexual do boi, são as visitas de "estrangeiros" que estão a procura de aventuras sexuais. São muitas as histórias desse tipo: "Uma vez apareceu um viado muito rico aqui, na época da farra do boi. Pediu pra ir junto atrás do caminhão do boi. Convidou eu o Fulano pra ir com ele de carro. Isso já era noite. Na metade do caminho o cara insistiu pra ir pra Palmas. Aí eu senti o drama e saquei que o cara era viado. Lá na praia, ele tirou a roupa, tomou banho de mar e estendeu três toalhas uma ao lado da outra. Como já era tarde e estava cansado, deitei numa toalha virei de costas e dormi. O meu amigo foi dormir no carro. Quando eu acordei de manhã, tava o viado chupando o pau do meu amigo e eu fiz que continuava dormindo. Eu não queria nada com ele. O cara era um médico" - Fulano 1 (21 anos).

3.4. Considerações finais

Através dessa etnografia circunstanciada à sexualidade masculina, pode-se observar costumes e valores bastante distintos dos hábitos norte-americanos e da classe média brasileira urbanizada.

De acordo com os critérios norte-americanos e norte-europeus,

o primeiro, segundo e terceiro grupos da amostragem poderiam ser considerados homossexuais ou bissexuais, pois o critério para categorizar a homossexualidade lá, é o sexo do parceiro com quem se transa.

Já de acordo com os critérios latino-americanos, o primeiro grupo e talvez alguns elementos do segundo grupo poderiam ser considerados homossexuais, pois o critério para a homossexualidade nessas regiões é a posição na prática sexual, segundo FRY (1980). Nesse contexto, apenas transar com pessoas do mesmo sexo não é suficiente para classificar alguém de homossexual. A pessoa tem que assumir ainda a posição feminina de passividade diante do macho.

A taxionomia êmica das comunidades de Ganchos, parece se aproximar do modelo latino-americano e islâmico, a medida que só são identificados de "paneleiros" aqueles indivíduos que têm uma prática sexual com pessoas do mesmo sexo e assumem, preferencialmente, uma posição passiva diante dos seus parceiros sexuais.

Muitos questionamentos surgem a partir dessa constatação da diversidade de critérios para se referenciar a homossexualidade, considerando-se apenas o contexto regional do litoral catarinense, por exemplo. Se o critério, em Ganchos, para referenciar a homossexualidade é a posição da prática sexual, em camadas médias urbanizadas de Florianópolis, parece ser o sexo do parceiro com quem se transa, como nos Estados Unidos e norte da Europa. A existência dos guetos homossexuais no centro de Florianópolis, frequentados por pessoas da classe média, que transam e preferem as pessoas do mesmo sexo, ilustram melhor essa similaridade com os Estados Unidos.

É importante salientar que o contexto sexual das comunidades gancheiras foi um aspecto fundamental para essa pesquisa. Pois só a partir de um meio cultural mais permissivo com relação às práticas sexuais entre pessoas do mesmo sexo, que se pode identificar com mais facilidade e fidedignidade a orientação sexual da amostragem. Pois, uma cultura onde ter práticas homossexuais não significa necessariamente ser identificado como homossexual, oferece condições mais favoráveis para que as pessoas possam falar do que fazem no sexo e o que as excita mais.

Mas após constatar a diversidade, parece que tal situação acaba por não satisfazer aqueles que se dedicam a uma Antropologia da explicação e não se contentam em só descrever o diverso e o exótico. Assim sendo, uma pergunta logo vem a mente: por que será que Ganchos abriga essas atipicidades (em relação à última - pois é mais comum que o sistema norte-americano) em relação à sexualidade? Por que será que são mais permissíveis com as práticas sexuais entre os homens?

Nesse sentido, algumas possíveis explicações culturais podem ser suscitadas e talvez estejam relacionadas:

- Parker (1993) argumenta que o "machismo latino-americano" é bastante intolerante com a identidade homossexual. Isto obriga a todos os homens a se casarem. Assim sendo, muitos homens que talvez preferissem ficar solteiros e transar só com os homens, obrigam-se a casar, mas continuam mantendo relações sexuais com outros homens, e passam a ser classificados de bissexuais. Fica difícil saber se a

bissexualidade desses homens é uma forma de orientação sexual ou uma adaptação ao meio cultural da suas orientações homossexuais. Esta ideologia machista parece também mascarar uma orientação homossexual ativa, pois fica muito difícil diferenciar, numa cultura como esta, quem são os homens realmente que transam com os "paneleiros" e quais são os homens que não transam, já que, ser homem é ser trepador independentemente do sexo do parceiro.

- Outro argumento é a falta de mulheres (ver Werner, 1972) disponíveis na região, que pode conduzir os homens do lugar a três saídas básicas: contentar-se em se masturbar, recorrer aos homossexuais ou procurar mulheres em outras regiões, o que para o gancheiro seria dispendioso demais diante da sua situação sócio-econômica.

- Outra possibilidade é que o grande contato corporal e a necessidade de cooperação no trabalho braçal, possibilitam uma maior comunicação e interação corporal entre as pessoas do mesmo sexo. Isto tornaria as práticas sexuais entre esses mais uma prática corporal, descarregada dos significados de pecado ou anormalidade que acompanharam essas práticas em outras culturas.

- Finalmente, o isolamento espacial dessa comunidade, por quase 190 anos, do restante do continente brasileiro e o relativo isolamento em que viviam os seus ancestrais que emigraram de Açores e Madeira para o litoral catarinense, podem ter permitido a continuidade de uma tradição cultural antiga.

Estes argumentos podem ser melhor avaliados se examinarmos

mais detalhadamente a identidade dos "curtidores de paneleiros" nessa comunidade. Em comparação com os outros homens, esses curtidores possuem características de personalidade que os aproximam dos homossexuais assumidos como pressupõe o primeiro argumento? Ou tem menos acesso às mulheres da comunidade como pressupõe o segundo? Ou passam mais tempo nos barcos como quer o terceiro? Ou simplesmente são mais imbuídos da cultura "gancheira" como quer o quarto argumento?

A análise das características que distiguem diferentes categorias sexuais de homens é assunto do próximo capítulo.

CAPITULO IV

Análise e discussão dos dados:

4.1. Introdução:

A apresentação e discussão dos dados de uma pesquisa que se iniciou pela desconstrução e relativização de categorias e paradigmas analíticos relacionados à sexualidade humana, seria inviável sem uma organização lógica das matrizes categóricas, categorias, conceitos e dados quantitativos utilizados nesse intento.

Pode-se dizer que a sexualidade humana, nesse estudo, foi analisada e discutida a partir de duas matrizes categóricas distintas: as categorias éticas e as categorias êmicas.

4.2. Categorias sexuais éticas:

Ao terminar a primeira versão da revisão de literatura dessa pesquisa, senti que tinha condições de propor alguns critérios que melhor organizassem e explicassem a sexualidade humana. Assim, propus que os estudos de sexualidade humana deveriam levar em consideração três aspectos básicos: a prática, a orientação e a identidade sexual. Esse último critério pode ser ainda desmembrado em identidade pessoal (como as pessoas se auto-definem) e identidade social (como as pessoas são definidas pelas outras).

No trabalho de campo, antes de iniciar as entrevistas para es-

sa pesquisa, decidi intencionalmente selecionar três distintos grupos de entrevistados: os homens que só faziam sexo com outros homens, os homens que faziam sexo com homens e mulheres, os homens que faziam sexo apenas com mulheres. Pude com isso, assegurar que a minha amostragem contemplasse a diversidade sexual e mostraria a utilidade analítica dos critérios propostos por mim. Assim, pautado em categorias de prática e orientação sexual e não apenas a partir da identidade sexual, tornei possível a replicabilidade em outras culturas dessa pesquisa que examinou e avaliou uma cultura distinta.

Mediante esse contexto metodológico e epistemológico, poderei, no futuro, investigar e estudar outras culturas a partir desse mesmo paradigma. Também posso comparar os resultados dessa pesquisa com os de outras pesquisas, realizadas em outras culturas por diferentes pesquisadores que tenham se preocupado em investigar a partir dessas matrizes categóricas.

Mas, analisar uma cultura apenas mediante os parâmetros "éticos", seria etnocentricidade demais. Consciente deste pressuposto antropológico básico, iniciei meu trabalho de observação de campo sem um paradigma pré-estabelecido. Isto é, estava disposto a detectar e conhecer os costumes e valores nativos para a sexualidade masculina antes mesmo de elaborar qualquer parecer a respeito.

4.3. Categorias sexuais êmicas:

A partir das entrevistas e da pesquisa de opinião pública pude delinear quais as "categorias sexuais básicas" que possibilitaram uma

análise comparativa nesse estudo. As "categorias sexuais básicas" representam a percepção socialêmica, que distingue os "paneleiros" e os "homens".

4.3.1. "Os paneleiros":

Nas pesquisas de opinião pública acerca das práticas sexuais dos entrevistados, perguntei aos cinco informantes "especiais" por exemplo: quais homens fazem sexo com homens? E quais homens fazem sexo passivo anal com homens? Para ver até que ponto havia concordância, resolvi comparar o julgamento de cada informante "especial" com os outros quatro informantes restantes. As tabelas 4.1 e 4.2 mostram as correlações entre as avaliações recebidas por cada entrevistado dos cinco informantes "especiais" quanto aos questionamentos acima:

TABELA 4.1 - Nível de concordância entre os informantes especiais quanto a pergunta: transam com homens? (variável VIADO) (r de pearson) (n=41)

	InfA	InfB	InfC	InfD	InfE
InfA	1.000				
InfB	0.732a	1.000			
InfC	0.788a	0.756a	1.000		
InfD	0.660a	0.600a	0.577a	1.000	
InfE	0.668a	0.744a	0.663a	0.614a	1000

a p < 0.01

TABELA 4.2 - Nível de concordância entre os informantes especiais quanto a pergunta: dão para homens? (variável PANEL) (r de pearson) (n=41)

	InfA	InfB	InfC	InfD	InfE
InfA	1.000				
InfB	0.837a	1.000			
InfC	0.924a	0.816a	1.000		
InfD	0.792a	0.696a	0.799a	1.000	
InfE	0.883a	0.877a	0.922a	0.870a	1.000

a p < 0.01

Como ilustram as tabelas acima, o posto que os entrevistados receberam de um informante "especial" era muito parecido ao posto que receberam dos outros. Isso demonstra ser muito claro para todo o grupo social quem são os homens que preferem essas práticas sexuais.

Ao investigar a orientação sexual dos entrevistados, perguntei aos informantes "especiais": quais homens preferiam transar com os gurus mais novos? E quais se excitavam em fazer sexo passivo anal com homens?. As tabelas 4.3 e 4.4 mostram o nível de correlação entre as respostas dos cinco informantes "especiais" acerca dos entrevistados:

TABELA 4.3 - Nível de concordância entre os informantes especiais quanto a pergunta: transam com gurus novos? (variável TRANSGUR) (r de pearson) (n=41)

	InfA	InfB	InfC	InfD	InfE
InfA	1.000				
InfB	0.612a	1.000			
InfC	0.695a	0.502a	1.000		
InfD	0.549a	0.203a	0.487a	1.000	
InfE	0.880a	0.698a	0.661a	0.444a	1.000

a p < 0.01

TABELA 4.4 - Nível de concordância entre os informantes especiais quanto a pergunta: se excitam quando dão para homens? (variável EXCITDAR) (r de pearson) (n=41)

	InfA	InfB	InfC	InfD	InfE
InfA	1.000				
InfB	0.890a	1.000			
InfC	0.871a	0.883a	1.000		
InfD	0.751a	0.732a	0.757a	1.000	
InfE	0.837a	0.936a	0.823a	0.638a	1.000

a p < 0.01

Como se pode observar, os postos que os entrevistados receberam de cada um dos cinco informantes "especiais" acerca da orientação sexual, apresentam uma alta concordância. Assim sendo, pode-se dizer que o grupo social sabe quem são os homens que tem essas preferências

sexuais.

Ao se investigar a identidade sexual dos entrevistados, pedi aos informantes "especiais" que identificassem os homens mais femininos e os "paneleiros". E a concordância das indicações entre si são mostradas nas tabela 4.5 e 4.6:

TABELA 4.5 - O nível de concordância entre os informantes especiais quanto a pergunta: são mais femininos? (variável FEMIN) (r de pearson) (n=41)

	InfA	InfB	InfC	InfD	InfE
InfA	1.000				
InfB	0.726a	1.000			
InfC	0.890a	0.839a	1.000		
InfD	0.827a	0.782a	0.847a	1.000	
InfE	0.820a	0.855a	0.850a	0.863a	1.000

a p < 0.01

TABELA 4.6 - Nível de concordância entre os informantes especiais quanto a pergunta: são "paneleiros"? (variável ÉPANEL) (r de pearson) (n=41)

	InfA	InfB	InfC	InfD	InfE
InfA	1.000				
InfB	0.836a	1.000			
InfC	0.666a	0.808a	1.000		
InfD	0.666a	0.843a	0.767a	1.000	
InfE	0.918a	0.896a	0.706a	0.763a	1.000

a p < 0.01

Os postos que esses entrevistados receberam, de comum acordo entre os informantes especiais, mostram que o grupo social sabe discriminar, segundo o gênero e a reputação social, quem são esses homens.

Também pesquisei, junto aos informantes "especiais", a respeito da auto-imagem ou auto-identificação dos entrevistados. Perguntei-lhes: quais se assumiam "paneleiros"? E quais se achavam mais fe-

mininos?. Como mostram as tabelas 4.7 e 4.8:

TABELA 4.7 - Nível de concordância entre os informantes especiais quanto a pergunta: se assumem "panteleiros"? (variável ACHPANEL) (r de pearson) (n=41)

	InfA	InfB	InfC	InfD	InfE
InfA	1.000				
InfB	0.769a	1.000			
InfC	0.795a	0.979a	1.000		
InfD	0.946a	0.828a	0.840a	1.000	
InfE	0.922a	0.837a	0.844a	0.993a	1.000

a p < 0.01

TABELA 4.8 - Nível de concordância entre os informantes especiais quanto a pergunta: acham-se mais femininos? (variável ACHEFEM) (r de pearson) (n=41)

	InfA	InfB	InfC	InfD	InfE
InfA	1.000				
InfB	0.952a	1.000			
InfC	0.903a	0.947a	1.000		
InfD	0.968a	0.929a	0.881a	1.000	
InfE	0.949a	0.985a	0.958a	0.939a	1.000

a p < 0.01

O alto nível de concordância, entre os informantes "especiais", mostra que existe muita clareza quanto aos homens da comunidade que se assumem como "panteleiros" e como mais efeminados, respectivamente.

Nesse contexto de investigação da opinião pública, onde os nativos opinaram sobre determinados tipos de práticas, orientações, identidades e auto-identidades acerca dos entrevistados, pode-se dizer que está muito claro para a comunidade quem tem essas práticas sexuais, quem prefere essas práticas sexuais e quem são esses homens socialmente reconhecidos que se assumem como diferentes dos outros.

Na realidade, foram as mesmas pessoas identificadas em todas

essas perguntas diferentes. Para melhor ilustrar o grau de correlação entre as perguntas feitas aos entrevistados especiais nesse bloco, construí a tabela 4.9:

TABELA 4.9 - Nível de concordância entre as médias das respostas de cada pergunta feita aos entrevistados especiais até o momento (r de pearson) (n=41)

	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	8.
1.VIADO	1.000							
2.PANEL	0.952	1.000						
3.FEMIN	0.955a	0.973a	1.000					
4.TRANSUR	0.853a	0.870a	0.843a	1.000				
5.EPANEL	0.930a	0.945a	0.933a	0.835a	1.000			
6.ACHPANEL	0.930a	0.945a	0.933a	0.835a	1.000a	1.000		
7.ACHFEM	0.798a	0.860a	0.870a	0.662a	0.775a	0.775a	1.000	
8.EXCITHOM	0.912a	0.892a	0.893a	0.857a	0.935a	0.935a	0.729a	1.000
9.EXCITDAR	0.953a	0.975a	0.972a	0.858a	0.967a	0.967a	0.880a	0.924a

a p < 0.01

Os homens que tem essas práticas e preferências sexuais, como se pode ver, são os mesmos classificados por todos como pertencentes a uma mesma categoria socialêmica e se assumem como "pantelheiros".

4.3.2. Os "homens":

Nas pesquisas de opinião pública acerca das práticas sexuais dos entrevistados fiz outras duas perguntas: quais homens fazem sexo ativo anal com homens? E quais homens fazem sexo ativo com mulheres? Para ilustrar a concordância entre os informantes "especiais" acerca dos entrevistados, decidi comparar as respostas, que estão correlacionados na tabela 4.10 e 4.11:

TABELA 4.10 - Nível de concordância entre os informantes especiais quanto à pergunta: comem homens? (r de pearson) (n=41)

	InfA	InfB	InfC	InfD	InfE
InfA	1.000				
InfB	0.231	1.000			
InfC	0.173	0.414a	1.000		
InfD	0.074	0.166	0.150	1.000	
InfE	0.177	0.239	0.137	0.193	1.000

a p < 0.01

TABELA 4.11 - Nível de concordância entre os informantes especiais quanto à pergunta: comem mulheres? (r de pearson) (n=41)

	InfA	InfB	InfC	InfD	InfE
InfA	1.000				
InfB	0.142	1.000			
InfC	0.386b	0.287d	1.000		
InfD	0.180	0.005	0.621a	1.000	
InfE	0.293d	0.223	0.604a	0.619a	1.000

a p < 0.01 b p < 0.02 d p < 0.10

Como se pode ver, não houve muita concordância entre os informantes "especiais" quanto a pergunta "comem homens"? Isso reflete uma falta de clareza para o próprio grupo social sobre quem são esses homens. E o mais impressionante é que também não houve tanta concordância sobre quem seriam os que transam com mulheres, que a priori, parecia ser uma categoria explícita.

O nível de concordância foi um pouco melhor quando se perguntou aos informantes "especiais": quais são os homens que se excitam quando fazem sexo ativo anal com homens? E quais são os que se excitam quando fazem sexo ativo com mulheres? Como mostram as tabelas 4.12 e 4.13:

TABELA 4.12 - Nível de concordância entre os informantes especiais quanto à pergunta: se excitam quando comem homens? (r de pearson) (n=41)

	InfA	InfB	InfC	InfD	InfE
InfA	1.000				
InfB	0.553a	1.000			
InfC	0.605a	0.515a	1.000		
InfD	0.088	0.278d	0.288d	1.000	
InfE	0.277d	0.392b	0.355c	0.388b	1.000

a p < 0.01 b p < 0.02 c p < 0.05 d p < 0.10

TABELA 4.13 - Nível de concordância entre os informantes especiais quanto à pergunta: se excitam quando comem mulheres? (r de pearson) (n=41)

	InfA	InfB	InfC	InfD	InfE
InfA	1.000				
InfB	0.553a	1.000			
InfC	0.605a	0.515a	1.000		
InfD	0.088	0.278d	0.288c	1.000	
InfE	0.277d	0.392a	0.355b	0.388a	1.000

a p < 0.01 b p < 0.02 c p < 0.05 d p < 0.10

A maior concordância entre os informantes "especiais", no tocante à orientação sexual desses homens quando comparada com a concordância relativa às suas práticas sexuais, talvez possa ser explicada pela desconfiança típica do gancheiro. Isto é, muitos homens falam uns para os outros de suas preferências sexuais, mas se eles realmente as praticam é uma outra coisa. Assim, parece ter sido um pouco mais fácil para os informantes "especiais" identificar a preferência sexual do que aquilo que realmente se faz.

Ao se avaliar a identidade sexual a partir das seguintes perguntas: quais são os homens mais masculinos? E quais são os que são homem mesmo? Consegui as seguintes concordâncias entre os informantes "especiais", como ilustram as tabelas 4.14 e 4.15:

TABELA 4.14 - O nível de concordância entre os informantes especiais quanto a pergunta: são mais masculinos? (r de pearson) (n=41)

	InfA	InfB	InfC	InfD	InfE
InfA	1.000				
InfB	0.305c	1.000			
InfC	0.464a	0.272d	1.000		
InfD	0.433a	0.352b	0.355b	1.000	
InfE	0.303c	0.385a	0.220b	0.434a	1.000

a p < 0.01 b p < 0.02 c p < 0.05 d p < 0.10

TABELA 4.15 - O nível de concordância entre os informantes especiais quanto a pergunta: são homens mesmo? (r de pearson) (n=41)

	InfA	InfB	InfC	InfD	InfE
InfA	1.000				
InfB	0.613a	1.000			
InfC	0.392a	0.414a	1.000		
InfD	0.413a	0.447a	0.453a	1.000	
InfE	0.620a	0.832a	0.337c	0.471a	1.000

a p < 0.01 c p < 0.05

Para os informantes "especiais" foi mais fácil concordar com quem seriam os "homens mesmo" do que quem seriam os mais masculinos. Talvez os critérios êmicos para o gênero "homem" não sejam tão claros como os critérios para o gênero "paleiro", como se observou anteriormente. Assim, parece que se identifica melhor o que não se adequa ao gênero masculino. Mas, podem existir problemas em identificar quais são os reais atributos do mesmo.

Ao investigar a auto-identificação, fiz perguntas também do tipo: quais são os homens que se achavam mais masculinos? A tabela 4.16 mostra a concordância entre os informantes especiais:

TABELA 4.16 - Nível de concordância entre os informantes especiais quanto a pergunta: acham-se mais masculinos? (r de pearson) (n=41)

	InfA	InfB	InfC	InfD	InfE
InfA	1.000				
InfB	0.140	1.000			
InfC	0.427a	0.266d	1.000		
InfD	-0.007	0.030	0.155	1.000	
InfE	0.111	0.437a	0.086	0.185	1.000

a p < 0.01 d p < 0.10

Praticamente nenhuma concordância entre os cinco informantes "especiais" foi detectada, o que demonstra a dificuldade de se reconhecer quem se considera mais ou menos masculino na população masculina.

Em síntese pode-se dizer que existem duas categorias sexuaisêmicas para a população masculina nessa cultura, os "paneleiros", que seriam os homossexuais e os "homens", que englobaria os homens que transam com mulheres e homens. A primeira categoria parece ser muito clara e explícita, já a segunda, apesar de apresentar uma lógica (isto é, os homens são aqueles que sempre fazem sexo numa posição ativa seja com mulheres ou homens), acaba camuflando um grupo que pode ter um outro tipo de orientação sexual.

Embora não pareça haver distinção êmica entre os homens que curtem paneleiros e os homens que não os curtem sexualmente, é possível ainda discriminar empiricamente essas categorias a partir das auto-avaliações dos entrevistados e de seus depoimentos.

A entrevista incluía várias perguntas a respeito de práticas sexuais com os "paneleiros". Houve diferenças entre as respostas dos

"homens". A partir dessas diferenças, foi possível agrupar claramente três categorias sexuais: os paneleiros, os curtidores de paneleiros e os heterossexuais convictos.

Quando organizava os dados quantitativos no programa estatístico, resolvi fazer uma análise fatorial das respostas dos entrevistados, no limite de cinco fatores, acerca das suas práticas sexuais extraídas da primeira parte das entrevistas. Consegui resultados surpreendentes que deram um melhor suporte as minhas pretensas categorias analíticas. Os primeiros três fatores agruparam as respostas similares dos entrevistados de uma maneira que refletiam as três categorias suscitadas por mim. São elas:

Primeiro fator "os homens": os que, de forma geral, transaram pela primeira vez com uma mulher ($r=0,591$ com o fator) falaram ter transado com uma mulher estranha ($r=0,571$), tiveram parceiro fixo mais novo ($r=0,513$), foram mais vezes à zona ($r=0,809$), fizeram sexo ativo com mulheres na zona ($r=0,743$), iam a zona com os amigos ($r=0,795$), foram na casa dos "pateleiros" sempre acompanhados ($r=0,580$).

Segundo fator "os paneleiros": os que, de forma geral, se masturbavam em parceria com outros na adolescência ($r=0,538$ com o fator), transaram pela primeira vez com um homem ($r=0,636$), tiveram parceiro fixo mais velho ($r=0,586$), quando iam na zona apenas dançaram ($r=0,582$), transaram mais vezes com homens ($r=0,689$).

Terceiro fator "os curtidores de paneleiros": os que, de forma geral, foram mais vezes na casa dos paneleiros ($r=0,622$ com o fator),

tiveram sexo anal ativo com paneleiros ($r=0,764$), iam só na casa dos paneleiros ($r=0,616$), transaram mais vezes com os paneleiros ($r=0,751$).

Como descrevi no capítulo três, os depoimentos dos homens que curtem sexualmente os "paneleiros" nas perguntas abertas, apresentaram diferenças. As diferenças entre os curtidores parecem estar relacionadas à frequência e à intensidade das relações sexuais e afetivas dos mesmos com os "paneleiros".

Para melhor ilustrar a minha sugestão taxonômica de três categorias analíticas (paneleiros, curtidores de paneleiros e homens convictos) e a ampliação da categoria curtidores de paneleiros em outras duas categorias, achei importante trazer à baila alguns bons exemplos etnográficos que fizeram-me refletir sobre essa possibilidade:

Fulano 20 pode ser considerado como um legítimo exemplo de paneleiro nessa comunidade. Todos sabem o que ele faz no sexo e que só faz com homens. Assim, as suas preferências no sexo são de domínio do mundo masculino. A comunidade o reconhece como um paneleiro e Fulano 20 tem muito orgulho de sua auto-identidade, "nunca escondi de ninguém que eu nunca me senti um homem". É claro que nem todos os "paneleiros" da comunidade manifestam ou assumem publicamente esta identidade, que parece ter valor similar à identidade feminina e valor diminuto em relação à identidade masculina. Assim, alguns paneleiros preferem manter a identidade masculina e se auto-denominam de homens, mas todos sabem quais e como são as suas práticas sexuais,

como também as suas preferências no sexo.

Fulano 35 é um curtidor assíduo de paneleiro, mantém um relacionamento de quase três anos com um deles, apesar de ter uma namorada na comunidade a longo tempo. Transou com a namorada apenas umas duas ou três vezes. Em contrapartida, é assíduo na casa do paneleiro que corteja. Muitos na comunidade sabem de sua vida, mas é considerado por todos como homem, apesar dos comentários que acontecem em ambientes restritos acerca da sua vida sexual com outros homens tidos como não sendo paneleiros.

Fulano 36 ilustra bem um curtidor esporádico de paneleiro. Todos sabem na comunidade que "o que cai na rede dele é peixe". Fulano 36 é alcoolista e está constantemente cercado de paneleiros nas festas ou encontros informais. Alguns paneleiros sabem que o que ele mais gosta é que o masturbem ou façam sexo oral passivo com ele, sendo que também nunca rejeitou fazer sexo anal ativo. Fulano 36 se auto-denomina de homem e é reconhecido por todos como sendo muito homem.

Um exemplo de homem poderia ser o Fulano 37, conhecido por todos pelo assédio às mulheres e pelas suas participações nas zonas dos portos. Segundo o mesmo, já pegou todas as doenças sexualmente transmissíveis possíveis nas boates. Na época em que me concedeu entrevista, estava se tratando de uma espécie de sarna amarela na virilha. Todos o têm como um homem que adora a liberdade e as mulheres, mas não pensa em se casar, "casar pra que? Mulhé é tudo igual". Não existe na comunidade a menor dúvida acerca de sua identidade sexual e de

sua auto-identidade de homem.

O desafio que me coloco, a partir desse momento, é o de ampliar a diferenciação categórica sexual dos entrevistados a partir das categorias êmicas: "paneleiros" e "homens", já detectadas e justificadas através dos resultados das minhas análises qualitativas e quantitativas acerca da amostragem (categorias éticas).

4.4. As variáveis sexuais da pesquisa:

Para melhor utilizar o programa estatístico na análise dos dados, criei variáveis estatísticas a partir das respostas das pesquisas de opinião pública, informações das entrevistas, observação em campo e da minha análise qualitativa dos depoimentos coletados.

Inicialmente, criei a variável estatística que agrupou as respostas da pesquisa de opinião pública sobre quem seriam os mais "paneleiros" do local (PANEL n=41). Depois, dicotomizei a variável PANEL para criar uma outra variável chamada PANELEIR. Os entrevistados que receberam escores acima de 15 pontos na identificação, via a pesquisa de opinião pública foram denominados os "paneleiros" dessa pesquisa (havia somente 8, sendo o restante denominados homens).

Os "homens" estão divididos em uma outra variável estatística que foi criada a partir da exclusão dos oito "paneleiros" identificados emicamente. Essa variável recebeu a denominação de CATEG1 (n=33). Assim, essa variável estatística congrega todos os entrevistados que tem práticas sexuais apenas com mulheres (chamados de "homens convic-

tos" e os entrevistados que tem práticas sexuais com mulheres e "paneleiros", mas que são reconhecidos pela comunidade como sendo "homens" (chamados aqui de "curtidores de paneleiros").

Assim, a partir de um critério escolhido por mim: "número de vezes que transou com paneleiros", diferenciei, dentro da variável CATEG1 (n=33), aqueles entrevistados que tiveram duas ou mais práticas sexuais com paneleiros que foram denominados de "curtidores de paneleiros" (n=19) e os que nunca transaram ou transaram apenas uma vez com paneleiros foram denominados de "homens convictos" (n=14).

Por fim, achei conveniente distinguir estatisticamente os dois tipos de "curtidores de paneleiros" a partir da análise qualitativa dos depoimentos em entrevistas e conversas informais com demais informantes. Para isso, tive que abandonar as variáveis estatísticas até agora utilizadas (PANELEIR e CATEG1).

Desse momento em diante, passei a trabalhar com as minhas pretensas categorias sexuais, pautadas em um outro critério metodológico: as minhas impressões via a análise qualitativa das entrevistas e observação de campo. Para isso distigui quatro categorias sexuais, representadas por quatro variáveis estatísticas: IMPPANEL (impressões sobre quem são os homossexuais convictos n=6), IMPASSID (impressões sobre quem são os curtidores assíduos n=8), IMPESPOR (impressões sobre quem são os curtidores esporádicos n=16), IMPHOMENS (impressões sobre quem são os heterossexuais convictos n=11). Sendo que a minha variável IMPPANEL contém os mesmos seis entrevistados mais votados emicamente como "panelas". Isto é, apenas confirmou a identificação

nativa sobre os homossexuais convictos.

Assim sendo, as variáveis estatísticas nominais IMPASSID, IMPESPOR e IPHOMENS ampliam a categoria êmica "homens" e a categoria proposta por mim ("curtidores de paneleiros") nessa pesquisa.

A figura 01 abaixo esclarece melhor o processo dedutivo da percepção e criação das categorias sexuais dessa pesquisa:

FIGURA 01: Taxonomia das categorias sexuais da pesquisa a partir do resultado da pesquisa de opinião pública:

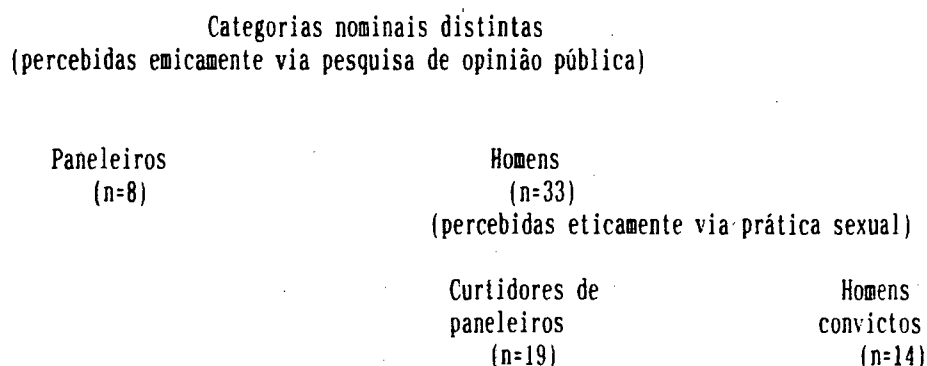
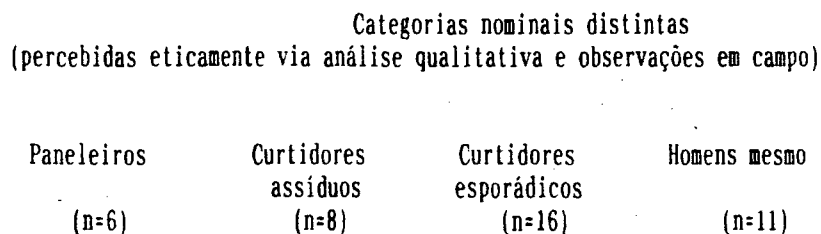


FIGURA 02: Taxonomia das categorias sexuais da pesquisa a partir da análise qualitativa e observações em campo:



4.5. Características das categorias sexuais "paneleiros", "curtidores de paneleiros" e "homens convictos":

4.5.1. "Paneleiros":

Iniciei o processo de reconhecimento e caracterização das categorias sexuais pelos "paneleiros", por se tratar de um grupo dentre os entrevistados, que teve uma identidade pessoal e social muito bem definida.

Mediante a exposição e interpretação de dados estatísticos tentei caracterizá-los e diferenciá-los do restante dos entrevistados.

4.5.1.1. A sexualidade:

De acordo com a percepção êmica, mostrei que os "paneleiros" constiuem uma categoria muito clara, com boa visibilidade apesar de alguns deles não se assumirem publicamente como tal. A partir da análise de algumas respostas das entrevistas sobre prática sexual, ficou claro que os "paneleiros" tiveram o maior número de experiências sexuais com homens (variável estatística número de vezes que transou com homens P96) ($r=0.727$).

Procurei correlações também entre o grupo dos "paneleiros" (PANEL) e as variáveis estatísticas primárias da segunda parte da entrevista sobre orientação sexual, como mostra a tabela 4.17:

TABELA 4.17 - Correlações entre a variável PANEL e as declarações feitas em entrevista acerca da orientação sexual:

VARIAVEIS DA ORIENTAÇÃO SEXUAL	PANEL (n=41)
Falou homem (09)	0.558a
Falou pau (07)	0.841a
Falou dar (011)	0.841a
Excita dar (032)	0.669a
Excita chupar um pau (037)	0.668a
Excita ser chupado no cú (039)	0.428a
Excita comer uma boca (044)	0.335c

a p < 0.01 c p < 0.05

Ao tomar as correlações ilustradas na tabela 4.17 como suporte para caracterizar o grupo, posso falar então, de uma orientação sexual paneleira. Assim, a orientação sexual dos "pateleiros" caracteriza-se por: ter falado em pessoas do sexo masculino, ter falado em pênis, ter falado em sexo passivo anal, ter falado que excita fazer sexo passivo anal, ter falado que excita fazer sexo passivo oral com homens, ter falado que excita receber sexo oral anal e ter falado que excita fazer sexo ativo oral.

Ao procurar por correlações entre a variável PANEL e as variáveis sobre práticas sexuais extraídas da pesquisa de opinião pública, encontrei também uma alta correlação com "transar com guris mais novos" (r=0.872).

4.5.1.2. A personalidade:

A partir da média do total de votos extraídos da pesquisa de opinião pública, posso dizer que os paneleiros (PANEL), em relação ao grupo dos homens, são: mais generosos (GENEROS), tem mais amigos (AMIGOS), são muito respeitados pela comunidade (RESPEIT), são pouco

agressivos (AGRESS), acham-se mais femininos (ACHFEM), gostam de atividades femininas (ATFEM) e são mais femininos (FEMIN), logo, menos masculinos, como ilustra a tabela 4.18:

TABELA 4.18 - Ilustra a média de escores obtidos pelas categorias sexuais "paneleiros" e "homens" acerca de algumas variáveis extraídas da pesquisa de opinião pública:

VARIAVEIS (IBOP)	PANELEIROS (média) (n=8)	HOMENS (média) (n=33)	P<* (T-test)
GENEROS	12.125	6.242	0.008
AMIGOS	15.000	7.000	0.002
AGRESS	0,750	2.545	N.S
RESPEIT	6.250	4.879	N.S
ACHFEM	16.000	0.121	0.001
ATFEM	21.375	1.576	0.001
FEMIN	22.375	1.636	0.001
MASCUL	3.625	14.636	0.001

* pooled variances

As variáveis estatísticas citadas acima, foram construídas a partir das respostas de algumas perguntas da pesquisa de opinião pública que foram elaboradas por mim. As perguntas são as seguintes: para a variável GENEROS "são generosos?", para a variável AMIGOS "tem amigos?", para a variável AGRESS "são agressivos?", para a variável RESPEIT "são respeitados?", para a variável ACHFEM "acham-se mais femininos?", para a variável ATFEM "gostam de atividades femininas?", para a variável FEMIN "são mais femininos?", para a variável MASCUL "são mais masculinos?". As respostas foram graduadas pelos informantes especiais numa escala de 1 a 6.

Ao procurar por correlações entre a variável PANEL e essas variáveis extraídas da pesquisa de opinião pública, encontrei correlações muito boas com gostar de atividades femininas ($r=0,967$) e serem mais femininos ($r=0,976$).

4.5.1.3. A infância:

Para saber se essa "orientação sexual paneleira" tinha alguma relação com a preferência declarada pelas brincadeiras femininas na infância pelos "paneleiros", resolvi cruzar essas variáveis. Para identificar as preferências dos entrevistados por brincadeiras infantis e o seu respectivo valor êmico de feminilidade, criei a variável BRINCFEM. Além dessa variável, eu pude também contar com a variável estatística de análise que fornece o grau de masculinidade das brincadeiras de infância declaradas em entrevista como prediletas (P24).

As médias do grau de feminilidade (BRINCFEM) e masculinidade (P24) das brincadeiras na infância entre os "paneleiros" e "homens" na tabela 4.19 ilustram essa situação de campo:

TABELA 4.19 - Média de feminilidade das brincadeiras de infância entre as categorias sexuais "paneleiros" e "homens":

CATEGORIAS SEXUAIS	PANELEIROS (n=8)	HOMENS (n=33)	P<*
Média de feminilidade das brincadeiras infantis via cartões (BRINCFEM)	3044	2678	0.001
Média de masculinidade das brincadeiras infantis via citação espontânea em entrevista (P24)	18	21	0.076

* T-test (pooled variances)

Como se pode observar existe uma significativa diferença entre os dois grupos na variável BRINCFEM que avalia o grau de feminilidade das brincadeiras infantis preferidas e apontadas pelos entrevistados via cartões. Mas, para variável P24, que codifica a masculinidade e a feminilidade das brincadeiras declaradas espontaneamente em entrevis-

ta, a diferença não foi significativa.

Encontrei também uma correlação de ($r=0,775$, $p < 0.01$) entre a variável PANEL e a variável BRINCFEM. Esta alta correlação apoia os resultados de outros estudos similares realizados em outras culturas - como os de Whitam (1983) e Green (1978) que encontraram correlações similares entre orientação sexual e preferência por determinadas brincadeiras na infância, quando estudaram travestis em vários países (Filipinas, Tailândia, Indonésia, Brasil) e meninos delicados nos EUA, respectivamente.

Realizei a mesma comparação para procurar correlações entre os "paineiros" e a preferência por tarefas femininas do cotidiano na infância. Para identificar as preferências da amostragem por tarefas femininas do cotidiano na infância, criei a variável TARFEM. Utilizei também a variável estatística direta P11, que identifica a média de masculinidade das tarefas do cotidiano citadas espontaneamente em entrevista. Para melhor ilustrar essa situação de campo construí a tabela 4.20:

TABELA 4.20 - Média de feminilidade das tarefas do cotidiano entre as categorias sexuais "paineiros" e "homens":

CATEGORIAS SEXUAIS	PANELEIROS(n=8)	HOMENS(n=33)	P<*
Média do grau de feminilidade das tarefas do cotidiano via variável (FEMTAR)	943	896	N.S
Média de masculinidade das tarefas do cotidiano via citação espontânea em entrevista (P11)	13	17	N.S

* T-test (pooled variances)

As médias do grau de feminilidade das tarefas do cotidiano na infância (via cartões na entrevista) apresentaram pouca diferença em favor dos "paneleiros", como se esperava. Entretanto, as médias do grau de masculinidade das tarefas do cotidiano na infância declaradas em forma de pergunta aberta na entrevista, mostram uma diferença maior em favor dos "paneleiros". Mas, tal variação não foi suficiente para maiores abstrações hipotéticas.

O resultado da comparação das variáveis FEMTAR e PANEL foi uma baixa correlação de ($r=0,255$) que não permite muitas conclusões.

A falta de variação da variável FEMTAR via cartões, isto é, médias de masculinidade muito semelhantes entre os dois grupos, poderia talvez ser explicada pela falta de opções em relação a execução ou não dessas na infância. Pois tarefas do cotidiano como cozinhar, lavar louça, varrer, etc, devem ser realizadas e na falta de irmãs, tinham os homens que fazê-las. Assim, a realização dessas tarefas pode não retratar uma preferência, mas sim, uma obrigação.

4.5.1.4. As preferências esportivas:

Ao procurar por correlações entre a suposta "orientação sexual panelreira" e preferência por atividades esportivas, pude confirmar as minhas impressões de campo. Os dados evidenciaram uma possível orientação esportiva relacionada à orientação sexual panelreira como ilustra a tabela 4.21:

TABELA 4.21 - Relação entre as categorias sexuais "paneleiros" e "homens" com algumas preferências esportivas:

CATEGORIAS SEXUAIS	PANELEIROS (n=8)	HOMENS (n=33)
ATIVIDADES ESPORTIVAS		
Dança	3	8
Teatro	3	0
Natação	0	7
Basquetebol	0	1
Futebol	2	17

Nota-se uma visível preferência para o futebol por parte dos homens em relação aos "paneleiros", assim como um significativo número de escolha do teatro por parte dos paneleiros. Ressalto que, durante as entrevistas, alguns "paneleiros" alegaram gostar ou preferir futebol, mas quando perguntei se os mesmos jogavam futebol, geralmente respondiam que só jogaram um pouco na infância mas depois largaram ou jogaram como goleiro. Quando pedi aos mesmos uma auto-avaliação motora acerca da prática do futebol, geralmente alegaram ter uma habilidade regular ou ruim. Assim sendo, os dados ilustrados acima, podem ainda estar mascarando uma correlação ainda maior entre orientação sexual e esportiva.

A preferência esportiva delineada aqui pode ser analisada pela capacidade de socialização individual. Isto é, se existe uma preferência dos "paneleiros" por práticas esportivas mais individuais, logo, poderia-se suscitar uma dificuldade por parte dos mesmos em cooperar com um grupo. Isto daria suporte para se pensar numa característica de personalidade para esta categoria, que poderia estar atrelada a sua orientação sexual.

Uma outra possibilidade explicativa para essas evidências de

campo, poderia ser a existência de uma potencialidade motora ligada à orientação sexual. É oportuno esclarecer que, por potencialidade motora entendo uma tendência natural para determinados tipos de ações motoras que, no decorrer do processo de socialização, podem vir a se transformar numa capacidade ou habilidade, se estimuladas.

Assim sendo, as atividades esportivas escolhidas preferencialmente por "paneleiros" poderiam refletir uma potencialidade por atividades físicas de maior organização e menor complexidade. Segundo PAGANI (1900), a atividade motora pode ser avaliada por duas qualidades estruturais, o nível de complexidade e o nível de organização. Uma atividade complexa seria aquela formada por fases bastantes distintas entre si, que teria por consequência uma baixa organização das suas partes constituintes, por exemplo, o futebol. Já uma atividade de alta organização caracterizar-se-ia por compor-se de fases muito semelhantes e cíclicas, logo menos complexas, como a natação por exemplo.

4.5.2. "Curtidores de paneleiros":

Como já demonstrei no início desse capítulo, essa categoria é uma suposição extraída da análise qualitativa das entrevistas, da análise estatística fatorial das respostas sobre prática sexual e da observação em campo. A estratégia de isolá-la mediante a construção de uma variável, viabilizou a visibilidade estatística da mesma e a obtenção de dados que pudessem inferir e caracterizar em parte, este grupo tão liminar emicamente.

4.5.2.1. A sexualidade:

A variável construída CATEG1, que distingue todos os entrevistados denominados por mim de "curtidores", e os contrasta com os "homens convictos", ganhou confiabilidade à medida que apresentou boas correlações com demais variáveis estatísticas similares da entrevista que caracterizavam essa prática sexual, como ilustra a tabela 4.22:

TABELA 4.22 - Correlações entre a variável CATEG1 e demais variáveis da primeira parte da entrevista:

VARIAVEIS DA PRATICA SEXUAL	CATEG1 (n=33)
Número de vezes que foi na casa de viado (P88)	0,570a
Comeu viado (P91)	0,710a
Foi só na casa do viado (P92)	0,441b
Número de vezes que transou com viado (P95)	0,954a

a $p < 0.01$ b $p < 0.02$

Assim, posso dizer que existe um grupo de entrevistados dentro da amostragem, com uma prática sexual muito similar, que permite supor e dar corpo a essa categoria sexual suscitada. Os "curtidores", segundo o grau de significância encontrado nas correlações acima, foram muitas vezes na casa dos "paneleiros", já tiveram sexo ativo anal com os "paneleiros", geralmente iam sós na casa dos "paneleiros" e tiveram o maior número de práticas sexuais com os mesmos.

Uma orientação sexual para os "curtidores" pode ser delineada a partir da busca de correlações entre a variável estatística nominal CATEG1 e as demais variáveis estatísticas da segunda parte da entrevista, como mostra a tabela 4.23:

Tabela 4.23 - Correlações entre a categoria CATEG1 e as demais variáveis acerca da orientação sexual:

VARIAVEIS ACERCA DA ORIENTAÇÃO SEXUAL	CATEG1 (n=33)
Falou mais da posição no sexo (03)	0.368c
Falou em homem (09)	0.250
Falou ser chupado (013)	0.521a
Excita comer cú (043)	0.295
Excita comer boca (044)	0.405c
Casa de viado é excitante (048)	0.613a
Comer viado é excitante (049)	0.694a
Excita ser forçado a fazer sexo (053)	0.243
Excita transar com pessoas mais velhas (055)	0.219

a p < 0.01 c p < 0.05

Como se pode observar na tabela 4.26, os "curtidores de paineleiros" falaram mais da posição do ato sexual, falaram mais em pessoas do sexo masculino, falaram em sexo oral ativo, falaram que se excitam com sexo anal ativo, falaram que se excitam em sexo oral ativo, falaram que casa de viado é excitante, falaram que fazer sexo anal ativo é excitante, e que os excita ser forçado a fazer sexo e os excita transar com pessoas mais velhas. Características que podem ser atribuídas à orientação sexual dos "curtidores de paineleiros".

Procurei por outras correlações que pudessem caracterizar a orientação sexual dos "curtidores de paineleiros". Cruzei a categoria estatística nominal CATEG1 com outras variáveis estatísticas extraídas das entrevistas e da pesquisa de opinião pública, como mostra a tabela 4.24:

TABELA 4.24 - Correlações entre a variável CATEG1 e demais variáveis da última parte da entrevista:

VARIAVEIS DIVERSAS	CATEG1 (n=33)
São agressivos no sexo (BAB006)	0,414b
Tem prazer em bater no sexo (BAB008)	0,370c
Tem prazer em ser batido (BAB009)	0,355c
Bate no sexo (BAB010)	0,294

b p < 0.02 c p < 0.05

Como se observa, a orientação sexual dos "curtidores", apesar do baixo nível de significância, tem correlação com uma maior agressividade no sexo. Isto é, os "curtidores", de forma geral, tem prazer em bater e ser batido no sexo e quando estão transando geralmente tem mais probabilidade de bater nos parceiros.

O assédio das mulheres aos curtidores de paneleiros demonstrado no coeficiente de correlação de 0.310 entre a variável CATEG1 e a variável "mulheres convidam para transar?" (BAB01) surpreendeu-me, pois tornou questionável a minha hipótese acerca da falta de mulheres disponíveis como uma possível causa das práticas homossexuais dos homens nessa comunidade. Mesmo assim, posso dizer ainda que o poder decisório das mulheres gancheiras existe, mas que não se baseia na prática sexual dos homens do local.

Para analisar o acesso às mulheres, ou melhor, o poder de decisão da mulher gancheira, criei a tabela 4.25 onde organizei a frequência do assédio das mulheres aos nativos do sexo masculino, a partir da variável estatística BAB001 (Você é convidado para transar pelas mulheres?):

TABELA 4.25 - Frequência das respostas dos entrevistados das categorias sexuais "paneleiros", "curtidores" e "homens convictos" contida na variável direta BABO01:

CATEGORIAS SEXUAIS	nunca	pouco	muito
PANELEIROS (n=8)	3	4	1
CURTIDORES DE PANELEIROS (n=19)	7	10	2
HOMENS CONVICTOS (n=14)	9	5	0

Como se pode notar, os "curtidores" são a categoria sexual mais convidada para transar pelas mulheres em relação aos "paneleiros" e aos "homens convictos".

A partir da variável BABO01, obtive algumas correlações que ilustram a preferência feminina êmica. Por exemplo, as mulheres do lugar procuram os homens mais ricos (variável estatística RICO) ($r=0,300$), os mais experientes (variável estatística BABO04) ($r=0,329$), os mais generosos (variável estatística GENEROS) ($r=0,390$) e os mais bonitos (variável estatística BONITO) ($r=0,402$). Seria lógico pensar então, que os mais feios, os mais pobres e os menos experientes teriam poucas chances de se aproximar das mulheres, logo se justificaria a procura por "paneleiros" em substituição as mesmas.

Mas a correlação positiva entre os "curtidores de paneleiros" e o assédio das mulheres aos mesmos ($r=0,310$), via variável "mulheres convidam para transar (BABO01)", levou-me a pensar em outros fatores que pudessem vir a influenciar tal situação, pois se os "curtidores", como mostram os dados, tem liberdade para escolher entre os "paneleiros" e as mulheres, por que então, procuram também os paneleiros?

O que mais impressionou foi o fato de que as mulheres, de forma geral, de acordo com a tabela 4.25, convidam mais os curtidores de paneleiros e os paneleiros para transar, mas quase não convidam os biscateiros (homens sem trabalho fixo).

Esse novo contexto não inviabiliza a teoria do poder feminino de decidir pelos seus pretendentes a partir dos seus interesses pessoais, mas inviabiliza a justificativa da falta de mulheres para a opção sexual dos curtidores.

A variável BAB001 que mensurou a popularidade dos entrevistados com as mulheres a partir da auto-avaliação, pode ser questionada quanto a sua fidedignidade, no sentido de que os entrevistados poderiam ter fornecido falsas informações, como forma de auto-defesa da identidade masculina. Por outro lado, o argumento da "defesa psicológica" não explicaria outras correlações também encontradas com essa mesma variável, como o perfil das preferências femininas mencionado acima.

4.5.2.2. A personalidade:

A partir da média do total de votos extraídos da pesquisa de opinião pública, posso dizer que os "curtidores" em relação aos "homens convictos", são os mais generosos, menos respeitados, que mais gostam de atividades femininas, que são mais femininos e menos masculinos, como ilustra a tabela 4.26:

TABELA 4.26 - Ilustra a média de escores obtidos pelas categorias sexuais "paneleiros", "curtidores" e "homens convictos" acerca de algumas variáveis extraídas da pesquisa de opinião pública:

VARIAVEIS SEXUAIS	PANELEIROS (n=8)	CURTIDORES (n=19)	HOMENSCONVICTOS (n=14)	P<*
GENEROS	12.125	7.053	5.143	N.S
AMIGOS	15.000	7.368	6.500	N.S
AGRESS	6.250	3.421	1.357	N.S
RESPEIT	0,750	4.121	5.786	N.S
ACHFEM	16.000	0.105	0,143	N.S
ATFEM	21.375	2.211	0.714	N.S
FEMIN	22.375	2.053	1.071	N.S
MASCUL	3.625	12.789	17.143	0.39

* T-test (polled variances) (entre "curtidores" e "homens convictos")

Apesar de um nível de significância pobre essas diferenças podem ainda ajudar a caracterizar essa categoria sexual.

Ao procurar por correlações que pudessem caracterizar melhor os "curtidores de paneleiros", cruzei a categoria nominal CATEG1 com outras variáveis estatísticas extraídas das entrevistas e das pesquisas de opinião pública, como mostra a tabela 4.27:

TABELA 4.27 - Correlações entre a categoria CATEG1 e demais variáveis da entrevista e da pesquisa de opinião pública:

VARIAVEIS DIVERSAS	CATEG1 (n=33)
Bebem ou fumam maconha? (IBOP)	0,327d
São generosos? (IBOP)	0,252d
São respeitados? (IBOP)	-0,245d
Gostam de atividades femininas (IBOP)	0,239
São masculinos? (IBOP)	-0,360c
Você se acha divertido? (I58)	0.295
São biscateiros (P7)	0.271
São convidados pelas mulheres (BABO01)	0,310d

c p < 0.05 d p < 0.10

Assim, posso dizer que em contraste com os "homens convictos", os "curtidores de paneleiros" tem uma personalidade mais relacionada ao consumo excessivo de álcool ou maconha, são considerados mais generosos, tem menos respeito ou valor social, são mais conhecidos por

gostar de atividades femininas, são percebidos como menos masculinos, se consideram mais divertidos, possuem trabalho menos fixo e são mais bem vindos pelas mulheres do local.

4.5.2.3. A infância:

Para saber se essa orientação sexual dos "curtidores de paineleiros" tinha alguma relação com a preferência declarada pelas brincadeiras femininas na infância em entrevista, resolvi comparar variáveis. Para identificar as preferências dos entrevistados por brincadeiras infantis e o seu respectivo valor êmico de feminilidade, usei a variável BRINCFEM. Além dessa variável, eu pude contar com a variável estatística que fornece o grau de masculinidade das brincadeiras de infância declaradas prediletas (P24).

As médias do grau de feminilidade (BRINCFEM) e masculinidade (P24) das brincadeiras na infância entre as três categorias sexuais na tabela 4.28 ilustram essa situação de campo:

TABELA 4.28 - Grau de feminilidade das brincadeiras de infância entre as categorias sexuais "paineiros", "curtidores" e "homens convictos":

CATEGORIAS SEXUAIS	PANELEIROS (n=8)	CURTIDORES (n=19)	HOMENSCONVICTOS (n=14)	P<*
Média de feminilidade das brincadeiras infantis via cartões BRINCFEM	3044	2682	2678	N.S.
Média de masculinidade das brincadeiras infantis via citação espontânea em entrevista (P24)	18	21	22	N.S.

* T-test (pooled variances) ("curtidores" versus "homens convictos")

Como se pode observar, não existe uma significativa diferença entre os "curtidores" e os "homens convictos" diante dessas duas variáveis estatísticas que analisam a masculinidade e feminilidade das brincadeiras abordadas em entrevista. Mas, posso dizer que os "curtidores", apesar de terem distintas práticas sexuais em relação aos "homens convictos", tiveram interesses mais próximos pelas brincadeiras de infância.

Realizei a mesma comparação para procurar correlações entre os "curtidores" e a preferência por tarefas femininas do cotidiano na infância. Para identificar as preferências da amostragem por tarefas femininas do cotidiano na infância usei a variável TARFEM. Utilizei também a variável estatística direta P11, que identifica a média de masculinidade das tarefas do cotidiano citadas em entrevista. Para melhor ilustrar essa situação de campo construí a tabela 4.29:

TABELA 4.29 - Média de feminilidade das tarefas do cotidiano entre as categorias sexuais "paneleiros", "curtidores" e "homens convictos":

CATEGORIAS SEXUAIS	PANELEIROS (n=8)	CURTIDORES (n=19)	HOMENSCONVICTOS (n=14)	P<*
Média do grau de feminilidade das tarefas do cotidiano via variável TARFEM	943	899	896	N.S.
Média de masculinidade das tarefas do cotidiano via citação em entrevista (P11)	13	17	17	N.S.

* T-test (pooled variances) ("curtidores" versus "homens convictos")

A falta de variação da variável TARFEM, isto é, médias de masculinidade muito semelhantes entre os "curtidores" e os "homens", mostrou-me definitivamente que o interesse e a preferência por atividades do cotidiano não teve nenhuma relação com as distintas orienta-

ções sexuais que tentei estruturar para esses entrevistados.

4.5.2.4. As preferências esportivas:

Ao procurar por uma orientação esportiva dos "curtidores", utilizei a variável estatística que identifica a preferência dos entrevistados por algumas atividades esportivas (I60), ilustrada na tabela 4.30:

TABELA 4.30 - Relações entre as categorias sexuais "paneleiros", "curtidores" e "homens convictos" com algumas preferências esportivas:

CATEGORIAS SEXUAIS	PANELEIROS (n=8)	CURTIDORES (n=19)	HOMENSCONVICTOS (n=14)
ATIVIDADES ESPORTIVAS			
Dança	3	5	3
Teatro	3	0	0
Natação	0	6	1
Basquetebol	0	1	0
Futebol	2	7	10

Ficou fácil perceber uma visível preferência da dança e da natação para os "curtidores" em relação aos outros dois grupos, assim como, um maior número de escolhas do futebol para os "curtidores" em relação aos "paneleiros". Os "curtidores" teriam, em princípio, uma orientação esportiva que se aproxima da orientação esportiva paneleira, pois a preferência também recai sobre as atividades individuais, mas se afasta da mesma quando se observa um maior interesse pelo futebol, atividade de maior complexidade motora que não faz parte das preferências paneleiras.

Logo, imaginei que os "curtidores", apesar de terem preferências por atividades que exijam pouca cooperação, como os "panelei-

ros", teriam um melhor desempenho em relação aos mesmos no tocante às atividades motoras mais complexas.

Ao procurar correlações entre a variável estatística CATEG1 e a variável estatística I60, que agrupa os escores da preferência de atividades esportivas pelos entrevistados, encontrei algum suporte para diferenciar a orientação esportiva dos curtidores em relação aos "homens mesmo", que está ilustrado na tabela 4.31:

TABELA 4.31 - Nível de correlação entre a variável CATEG1 e as atividades esportivas da variável I60:

VARIAVEL P60	CATEG1 (n=33)
Futebol	-0,342d
Basquetebol	0,152
Natação	0,295e
Dança	0,056

d p < 0.10 (2-tails) e p < 0.10 (1-tails)

Em relação à orientação esportiva dos "curtidores", apesar da pequena concordância entre as correlações encontradas, posso dizer que os mesmos têm um maior interesse pela natação, que apesar de pequena, confronta-se com uma correlação negativa para o futebol.

O trabalho cooperativo típico da pesca, seja ela artesanal ou profissional, foi também levantado como hipótese para explicar as práticas sexuais entre os homens. Para isso, criei duas variáveis estatísticas, uma onde agrupei os entrevistados que trabalham na pesca (PESCAT) e a outra onde agrupei os que já trabalharam na pesca (PESC-PAS), com uma correlação de (r=0,639) entre ambas. Depois comparei-as com a categoria estatística CATEG1 e os resultados estão ilustrados na tabela 4.32:

TABELA 4.32 - Correlações entre a categoria CATEG1 e as variáveis PESCAT e PESCPAS:

VARIAVEIS	CATEG1 (n=33)
Trabalham atualmente na pesca embarcada?	-0,256e
Já trabalharam na pesca embarcada?	-0,394c

c p < 0.05 (2-tails) e p < 0.10 (1-tails)

Devido as correlações negativas encontradas, ficou nítido que os entrevistados pertencentes a categoria dos "curtidores", tiveram menos contato com a atividade pesqueira. Logo, tive que descartar mais uma das minhas hipóteses dessa pesquisa.

O isolamento e a herança cultural gancheira descrita na etnografia, também foram suscitados como um possível fator causal das práticas sexuais entre os "gancheiros". Para testar essa hipótese comparei a variável que indica se o entrevistado nasceu fora ou não da comunidade (P1) e a variável que indica o tempo que o entrevistado reside no local (P2), com a variável estatística CATEG1, como mostra a tabela 4.33:

TABELA 4.33: Correlação entre as variáveis P1, P2 e a variável CATEG1:

VARIAVEIS P1 E P2	CATEG1 (N=33)
Nasceu fora?	-0.072
Tempo de residência?	0,339d

d p < 0.10

Como os dados mostram, parece que ter nascido no local não tem relação nenhuma com ter práticas sexuais com outros homens, mas com o tempo de residência no local há uma relação direta que, apesar de pequena, pode ser significativa. Esta situação estatística poderia apoiar o argumento construtivista do aprendizado cultural a nível da

sexualidade. Desde muito cedo esses homens aprendem os valores da masculinidade, os limites da moral, como também os contornos da transgressão.

4.5.3. "Homens convictos":

A categoria sexual "homens convictos" está contida na variável CATEG, que engloba homens que têm práticas sexuais com mulheres e homens que têm práticas sexuais com mulheres e "paneleiros". Essa variável foi utilizada durante todo esse capítulo como uma forte referência para se tentar caracterizar as demais categorias sexuais. Assim sendo, muitos dados referentes a essa categoria foram colocados no decorrer do capítulo. O que torna desnecessário mais comentários sobre essa categoria sexual.

4.6. Características das categorias sexuais "curtidores assíduos" e "curtidores esporádicos":

Como já mencionei anteriormente, a ampliação da categoria "curtidor de panelheiro" se fez a partir de outros critérios: análise qualitativa das entrevistas e da observação em campo. Independentes do resultado da pesquisa de opinião pública.

A categoria sexual dos "curtidores" foi subdividida em outras duas: os "curtidores assíduos" e os "curtidores esporádicos".

Assim sendo, de agora em diante utilizarei as categorias sexuais: IMPPANEL, IMPASSID, IMPPEPOR e IMPHOMENS para representar as

minhas impressões sobre a diversidade sexual analisada por mim.

Os "curtidores assíduos" foram esboçados ou vislumbrados via forma de desconfiança por parte de alguns nativos, que são extremamente temerosos em manifestá-la, sob pena de denegrir o "status" de masculinidade de alguém e, por consequência, arrumar muita confusão.

Já os "curtidores esporádicos" só puderam ser percebidos pelas suas declarações em entrevista, pois são muito similares aos "homens convictos".

4.6.1. A sexualidade:

A sexualidade desses "curtidores" pode ser melhor diferenciada a partir das correlações encontradas entre as variáveis nominais IMPASSID e IMPESPOR com as demais variáveis estatísticas acerca da prática sexual. A tabela número 4.34 ilustra essas diferenças:

TABELA 4.34 - Correlações entre as variáveis IMPASSID e IMPESPOR e demais variáveis da primeira parte da entrevista:

VARIAVEIS DA PRATICA SEXUAL	IMPPANEL (n=6)	IMPASSID (n=8)	IMPESPOR (n=16)	IMPHOMEM (n=11)
Número de vezes que foi na casa de viado (P88)	2.667	3.625e	2.750	1.727e
Comeu viado (P91)	0.000	1.000	0.625	0.000
Foi só na casa do viado (P92)	0.667b	0.875	0.313	0.182b
Número de vezes que transou com viado (P95)	2.000ac	3.875ad g	2.938hd	0.091cg h

Os valores contidos na mesma linha horizontal acrescidos da mesma letra (marcador), são valores que possuem uma diferença estatisticamente significativa (T-test) ($p < 0.05$).

Os "curtidores assíduos" segundo a tabela acima, foram os que

tiveram mais vezes na casa dos viados e foram mais vezes sós na casa dos "paleiros" em relação aos "homens convictos", como também, esses "curtidores" transaram mais com "paleiros" do que os próprios "paleiros". Os "curtidores esporádicos" tiveram menos práticas sexuais com os "paleiros" em relação aos "curtidores assíduos" mas, tiveram muito mais do que os "homens convictos".

Na expectativa de encontrar maiores diferenças na orientação sexual das duas categorias de "curtidores", procurei por correlações que pudessem melhor distingui-los. Assim, correlacionei as diversas variáveis da segunda parte da entrevista sobre orientação sexual com as variáveis nominais IMPASSID e IMPESPOR, como mostra a tabela 4.35:

Tabela 4.35 - Correlações significativas entre as variáveis sexuais IMPASSID e IMPESPOR e as demais variáveis acerca da orientação sexual:

VARIAVEIS ACERCA DA ORIENTAÇÃO SEXUAL	IMPASSID (n=8)	IMPESPOR (n=16)
Falou mais do sexo da pessoa (02)	-0.319c	
Falou em mulher (08)		0.424a
Falou em homem (09)	0.363b	
Falou ser chupado (013)	0.554a	
Excita comer (033)	-0.309c	0.405a
Excita comer uma buceta (042)	-0.480a	
Excita comer boca (044)	0.334c	
Casa de viado é excitante (048)	0.615a	
Comer viado é excitante (049)	0.414a	0.470a
Já beijou um viado (050)	0.379b	-0.394a

a p < 0.01 b p < 0.02 c p < 0.05

Pode-se dizer que de acordo com a tabela 4.35 os "curtidores assíduos" pouco falaram do sexo das pessoas com quem transaram, deram prioridade em descrever as práticas em si, mas, mencionaram homens nas suas práticas sexuais e a preferência por felação ativa durante o sexo. Já os "curtidores esporádicos" enfatizaram a sua preferência

pela posição ativa no sexo em relação aos "assíduos" que tiveram uma correlação negativa com essa preferência, assim como, uma correlação negativa com a preferência por sexo oral vaginal. Para os "assíduos" ir à casa dos "paneleiros" é muito excitante, além de já terem beijado os mesmos. Entretanto, para ambos "curtidores", fazer sexo ativo anal com os "paneleiros" é muito excitante.

Procurei por mais diferenças quanto a orientação sexual dos "curtidores". Para isso, comparei as correlações entre as variáveis nominais IMPASSID e IMPESPOR com quatro variáveis estatísticas da última parte da entrevista, como mostra a tabela 4.36:

TABELA 4.36 - Correlações entre as categorias sexuais IMPASSID e IMPESPOR e demais variáveis da última parte da entrevista:

VARIAVEIS DIVERSAS	IMPPANEL (n=6)	IMPASSID (n=8)	IMPESPOR (n=16)	IMPHOMEM (n=11)
Bate no sexo (BABO10)	0.333	0.625	0.533	0.625
São agressivos no sexo (BABO06)	0.333	0.875	0.867	0.625
Tem prazer em bater no sexo (BABO08)	0.500	1.250	1.000	1.000
Tem prazer em ser batido (BABO09)	0.167ab	1.125a	0.600	0.875b

Os valores contidos na mesma linha horizontal acrescidos da mesma letra (marcador), são valores que possuem uma diferença estatisticamente significatitiva (T-test).

Poucas diferenças significativas foram encontradas, sendo que os "curtidores assíduos" e os "homens convictos" teriam mais prazer em serem batidos no sexo do que os "paneleiros".

4.6.2. A personalidade:

Segundo a tabela 4.37 a personalidade dos "curtidores assíduos" mostrou-se mais próxima da personalidade dos "paneleiros", ape-

sar dos "curtidores assíduos" mostrarem-se um pouco mais masculinos, um pouco mais agressivos, um pouco menos generosos e um pouco menos respeitados e femininos. Além disso, os "curtidores assíduos" acham-se menos femininos, são menos integrados socialmente e gostam menos de atividades femininas em relação aos "pateleiros". Os "curtidores esporádicos" mostraram-se mais próximos dos "homens convictos", apesar de serem um pouco menos agressivos que os "homens convictos" e um pouco menos respeitados, como também, acham-se menos masculinos.

TABELA 4.37 - Ilustra a média de escores obtidos pelas categorias sexuais "pateleiros", "curtidores assíduos", "curtidores esporádicos" e "homens convictos" acerca de algumas variáveis extraídas da pesquisa de opinião pública:

VARIAVEIS	IMPPANEL (n=6)	IMPASSID (n=8)	IMPESPOR (n=16)	IMPHOMEM (n=11)
GENEROS	14.000ab	8.750	5.625b	5.364a
AMIGOS	16.333ab	9.875d	6.188bd	6.818a
AGRESS	00.000abc	5.125c	2.125b	1.364a
RESPEIT	7.167	3.750	4.313	6.273
ACHFEM	20.833abc	0.625c	0.000b	0.182a
ATFEM	25.000abc	6.250cde	0.813bd	0.909ae
FEMIN	25.167abc	6.125cde	1.125bd	1.364ae
MASCUL	2.500abc	11.625ce	13.125b	17.636ae

Os valores contidos na mesma linha horizontal acrescidos da mesma letra (marcador), possuem uma diferença estatisticamente significativa entre elas (T-test).

Assim, pode-se dizer que não há diferença nenhuma entre os "homens convictos" e os "curtidores esporádicos", como também, que os "curtidores assíduos" estão mais próximos da personalidade dos "pateleiros".

4.6.3. A infância:

Ao procurar por diferenças que caracterizassem os dois tipos de "curtidores", comparei as preferências por brincadeiras de infân-

cia das quatro categorias sexuais. Para isso, calculei as médias de feminilidade das brincadeiras de infância organizadas via cartões nas entrevistas (variável BRINCFEM) e as médias de masculinidade das brincadeiras de infância citadas em entrevistas nas perguntas abertas (P24). A tabela 4.38 organiza melhor essa comparação:

TABELA 4.38 - Média de feminilidade das brincadeiras de infância entre as categorias sexuais "paineiros", "curtidores assíduos", "curtidores esporádicos" e "homens convictos":

CATEGORIAS	INPPANEL (n=6)	INPASSID (n=8)	IMPESPOR (n=16)	INPHOMEM (n=11)
Média de feminilidade das brincadeiras infantis via cartões BRINCFEM	3104abc	2754c	2655b	2690a
Média de masculinidade das brincadeiras infantis via citação em entrevista (P24)	16ab	20	22b	22a

Os valores contidos na mesma linha horizontal acrescidos da mesma letra (marcador), são valores que possuem uma diferença estatisticamente significatitiva (T-test).

As preferências dos "curtidores assíduos" são ligeiramente parecidas com as preferências dos "paineiros" na variável BRINCFEM. Já na variável (P24) nenhuma diferença significativa se detectou entre as quatro categorias, isto é, essa variável tem quase os mesmos valores para todos com uma pequena diferença significativa entre "curtidores esporádicos" e "paineiros".

As mesmas diferenças foram procuradas em relação as preferências por atividades do cotidiano na infância dentre as quatro categorias sexuais, como ilustra a tabela 4.39:

TABELA 4.39 - Média de feminilidade das tarefas do cotidiano na infância entre as categorias sexuais "paineiros", "curtidores assíduos", "curtidores esporádicos" e "homens convictos":

CATEGORIAS	INPPANEL (n=6)	INPASSID (n=8)	IMPESPOR (n=16)	INPHOMEM (n=11)
Média de feminilidade das tarefas do cotidiano na infância via cartões TARFEM	972	908	871	914
Média de masculinidade das tarefas do cotidiano na infância via citação em entrevista (P11)	11b	16	18b	17

Os valores contidos na mesma linha horizontal acrescidos da mesma letra (marcador), são valores que possuem uma diferença estatisticamente significatitiva (T-test).

Como se pode observar, apenas uma pequena diferença significativa encontrou-se entre os "paineiros" e os "curtidores esporádicos" na variável P (11), o que inviabiliza maiores conclusões.

4.6.4. As preferências esportivas:

Procurei também por diferenças nas preferências por atividades sociais, como o esporte, dentre as quatro categorias sexuais. Encontrei então, uma supremacia na preferência pela natação por parte dos "curtidores" de forma geral e uma maior concordância na preferência pelo futebol entre os "curtidores esporádicos" e os "homens convictos", como mostra a tabela 4.40:

TABELA 4.40 - Correlações entre as categorias sexuais "paneleiros", "curtidores assíduos", "curtidores esporádicos" e "homens convictos" com algumas atividades esportivas:

CATEGORIAS	IMPPANEL (n=6)	IMPASSID (n=8)	IMPESPOR (n=16)	IMPHOMEM (n=11)
ATIVIDADES ESPORTIVAS				
Dança	3	2	4	2
Teatro	2	1	0	0
Natação	0	3	3	1
Basquetebol	0	0	1	0
Futebol	1	2	8	8

Assim pode-se presumir que os "curtidores", de forma geral, têm uma preferência por atividades esportivas cíclicas e de menor complexidade, mas que, os "curtidores esporádicos" demonstraram também grande preferência pelo futebol. As questões que se colocam a partir de agora, são as seguintes: 1) Será que essa similaridade na preferência por atividades mais cíclicas e menos complexas pelos "curtidores" trata-se de uma potencialidade motora atrelada a sua orientação sexual?

2) Ou, será que a habilidade social de cooperar com o grupo (visualizada na preferência pelo futebol por parte dos "curtidores esporádicos") seja mais decisiva nessas preferências, apesar da existência de uma potencialidade motora atrelada à orientação sexual paneleira?

3) Ou, será que se trata de valores culturais associados à masculinidade e à feminilidade de cada atividade esportiva?

O trabalho cooperativo típico da pesca, que é a principal ocupação profissional para os homens da comunidade, foi também levantado como hipótese para explicar as práticas sexuais entre os homens. Uti-

lizei para diferenciar as duas categorias de "curtidores" as médias de duas variáveis estatísticas "Trabalham na pesca? (PESCAT)" e "Já trabalharam na pesca? (PESCPAS)", como mostra a tabela 4.41:

TABELA 4.41 - Ilustra a média de escores obtidos pelas categorias sexuais "paneleiros", "curtidores assíduos", "curtidores esporádicos" e "homens convictos" acerca das variáveis "Trabalha atualmente na pesca embarcada?" (PESCAT) e "Já trabalhou na pesca embarcada?" (PESCPAS):

VARIAVEIS	IMPPANEL (n=6)	IMPASSID (n=8)	IMPESPOR (n=16)	IMPHOMEM (n=11)
Trabalha atualmente na pesca embarcada?	0.333	0.125jh	0.500h	0.545j
Já trabalhou na pesca embarcada?	0.667	0.250	0.500	0.636

Os valores contidos na mesma linha horizontal acrescidos da mesma letra (marcador), são valores que possuem uma diferença estatisticamente significatitiva (T-test).

Apenas diferenças muito pouco significativas foram encontradas entre os "curtidores assíduos" e os "curtidores esporádicos" nessa comparação, no sentido de que os "curtidores esporádicos" devem embarcar um pouco mais em relação aos "assíduos". Uma outra diferença pouco significativa foi também encontrada entre os "curtidores assíduos" e os "homens convictos", que devem embarcar um pouco mais que os "curtidores assíduos".

As médias das variáveis "Nasceu fora?" (P1) e "Tempo de residência no local?" (P2) foram também usadas para ajudar a discussão acerca da herança cultural "gancheira" e melhor diferenciar os dois grupos de "curtidores", como ilustra a tabela 4.42:

TABELA 4.42 - Ilustra a média de escores obtidos pelas categorias sexuais "paneleiros", "curtidores assíduos", "curtidores esporádicos" e "homens convictos" acerca das variáveis "nasceu fora?" (P1) e "quanto tempo reside no local?" (P2):

VARIAVEIS	IMPPANEL (n=6)	IMPASSID (n=8)	IMPESPOR (n=16)	IMPHOMEM (n=11)
Nasceu fora?	0.500	0.000	0.188	0.273
Quanto tempo reside no local?	27.833eg	23.875d	20.500e	18.273dg

Os valores contidos na mesma linha horizontal acrescidos da mesma letra (marcador), são valores que possuem uma diferença estatística marginalmente significativa (T-test).

Como se pode observar, nenhuma diferença significativa encontrou-se na variável "Nasceu fora?" entre as duas categorias de "curtidores". Mas diferenças, apesar de pouco significativas ou até mesmo marginalmente significativas, foram encontradas entre "paneleiros" e "curtidores esporádicos", e entre "curtidores assíduos" e "homens convictos" na variável "Tempo de residência no local?". Assim, pode-se dizer que o tempo de convivência nessa cultura versus a maior permissividade sexual em relação a práticas homossexuais tem alguma concordância, no sentido de que, quanto maior o tempo de contato com a cultura local mais práticas homossexuais têm.

4.7. Considerações finais:

Após a caracterização e análise das diversas categorias sexuais arroladas no decorrer desse capítulo, algumas questões parecem um pouco mais claras quanto às hipóteses anteriormente levantadas (no final do capítulo III):

- A falta de mulheres disponíveis, apontado por Werner (1990) (o argumento da segunda hipótese dessa pesquisa), foi descartada à

medida que os dados nos revelaram que os entrevistados que tinham práticas homossexuais exclusivas, assíduas ou esporádicas tinham livre acesso às mulheres do local. Logo, essas práticas homossexuais não podem mais ser discutidas ou analisadas perante essa situação social de falta de opção;

- O trabalho cooperativo típico da atividade pesqueira, seja ela artesanal ou profissional (o argumento da terceira hipótese dessa pesquisa), também foi descartado. Os dados nos mostraram que os "curtidores de paineleiros" (os entrevistados que tinham mais contatos homossexuais), geralmente não trabalham ou nunca trabalharam nessa atividade econômica. Logo, as práticas homossexuais, apesar de encontrar um terreno fértil nos espaços masculinos dessa cultura, não podem ser explicadas pelo tipo de atividade profissional predominante do lugar;

- A herança cultural trazida pelos primeiros imigrantes que vieram das ilhas de Açores e Madeira por volta de 1750 e de seus descendentes que vieram do continente europeu para Açores por volta de 1500 (o argumento da quarta hipótese dessa pesquisa), teve algum apoio. Detectou-se uma correlação entre práticas homossexuais e o tempo de convivência com a cultura "gancheira". Assim sendo, é possível falar de um aprendizado cultural no tocante as práticas homossexuais nessa situação. Resta ainda saber, por quê a cultura "gancheira" tem essa maior permissividade quanto a práticas sexuais com "homossexuais". Isto é, o que nessa cultura faz com que os homens sejam mais dispostos a transarem com os "homossexuais"?

- O machismo latino-americano, apontado por Parker (1993), co-

mo principal fator de repressão de uma orientação bissexual (o argumento da primeira hipótese dessa pesquisa), também procede, à medida que se pode identificar uma categoria sexual ("curtidores assíduos") que se caracteriza por uma maior frequência de práticas sexuais com homens e que possuem outras características (mais femininos, preferências por esportes menos masculinos, etc) associados aos homossexuais do local. Assim, pode-se falar que a preferência por práticas homossexuais (desde que sejam sempre numa posição ativa) satisfaz sexualmente a muitos desses homens e não inviabiliza aos mesmos uma identidade reconhecidamente masculina de marido, provedor e pai.

Aqui precisa-se fazer uma ressalva quanto a noção de "machismo" utilizada por Parker que não está mensurando ou comparando o nível desse machismo. A noção de "machismo" utilizada aqui não serve como um valor de mais ou menos em relação a outras culturas. Pois se assim fosse, a cultura norte-americana seria muito mais machista no sentido de ter mais tabus em relação à práticas entre pessoas do mesmo sexo. O referido machismo latino-americano deve ser traduzido nessa pesquisa como um conjunto de valores que asseguram a posição do homem na estrutura social. Assim, em uma cultura machista como a cultura "gancheira", o masculino tem mais valor, mais status e mais liberdade sexual. Liberdade sexual inclusive para ter práticas homossexuais, desde que seja na posição ativa.

Na cultura norte-americana, provavelmente os "curtidores assíduos" dessa pesquisa seriam os "entendidos" (denominação comum entre os homossexuais pertencentes a classe média alta urbanizada, que geralmente vivem em guetos) e os "curtidores esporádicos" talvez tidos

como os "heterossexuais" exclusivos. Não se trata então, de mais ou menos "machismo", mas sim, de mais alternativas sexuais para as culturas mediterrâneas, enquanto que os norte-americanos e os norte-europeus restringem-se a opção apenas pelo sexo do parceiro.

Assim sendo, parece que as implicações da aceitação da cultura "gancheira" para a prática de atos homossexuais influencia pouco os que estão nos extremos. Isto é, os homossexuais e os heterossexuais convictos têm práticas sexuais de acordo com a suas orientações sexuais, independentemente das pressões culturais. Já os que estão situados entre os dois extremos seriam mais influenciados pelos valores sexuais e morais vigentes em sua cultura. Por exemplo, as práticas sexuais de um homem com uma orientação entre os extremos podem obedecer o tabu de se fazer sexo anal passivo com outros homens. Mas direcionar-se para outras práticas mais permissivas que satisfaçam a sua libido, como a masturbação dois a dois ou sexo oral ativo e passivo com os mesmos.

Estes resultados talvez expliquem a correlação encontrada por Werner (1979) entre "aceitação social" da homossexualidade numa cultura e suas práticas. Mas falta entender ainda, o porquê de uma maior ou menor aceitação cultural.

CONCLUSÃO

Esta pesquisa demonstrou que existem claramente duas categorias sexuais extremadas, extremos sexuais também comuns na grande maioria das culturas já estudadas na Antropologia, os "paneleiros" e os "homens convictos". Segundo a análise taxonômica de KINSEY (1948) que estudou e avaliou a sexualidade humana a partir da cultura norte-americana, os "paneleiros" dessa pesquisa corresponderiam aos homossexuais nível seis na "escala Kinsey", enquanto os "homens convictos" corresponderiam aos heterossexuais nível zero na mesma escala.

Mas, nessa pesquisa também identificou-se um considerável número de homens que não se encaixavam nem num extremo e nem num outro. Isto é, homens que não poderiam ser considerados como sendo homossexuais e nem como heterossexuais convictos, que foram denominados empiricamente por mim de "curtidores de paneleiros". Esses "curtidores", que foram também diferenciados em "curtidores assíduos" e "curtidores esporádicos", se encaixariam nos escalonamentos intermediários da escala proposta por "Kinsey". Assim os "curtidores", de forma geral, flutuariam entre o número um e o número cinco dessa mesma escala.

Com isso, tornei possível um diálogo entre as duas matrizes analíticas que se negam a dialogar: a interpretativista, que enfatiza a diferença e a diversidade cultural, e a explicativista, que enfatiza a semelhança apesar da diversidade cultural.

De acordo com os quatro critérios que analisaram a diversidade sexual do campo, pode-se dizer que a pesquisa deixou muito claro que os "paneleiros" (homossexuais convictos) tinham práticas sexuais exclusivamente com homens, preferiam ter práticas sexuais com homens do que com mulheres, se percebiam como diferentes dos outros homens (mais femininos, menos agressivos, etc) e eram reconhecidos socialmente como desviantes sexuais, mas não marginais sexuais. A pesquisa também deixou claro que os "homens convictos" (heterossexuais convictos) tinham práticas sexuais exclusivamente com mulheres, preferiam ter práticas sexuais com as mulheres, se percebiam como homens típicos e eram reconhecidos socialmente como tendo o status de "macho", de "homem mesmo".

Entre essas duas categorias se situam os "curtidores de paneleiros" (bissexuais) que tinham práticas sexuais com homens ("paneleiros") e mulheres, preferiam determinados tipos de práticas sexuais (geralmente sexo anal e oral ativo) com homens e mulheres, se reconheciam como menos masculinos em relação aos "homens convictos" mas mais masculinos que os "paneleiros" e são reconhecidos socialmente como homens típicos, sendo que alguns despertavam desconfianças quanto a sua masculinidade por parte de alguns poucos nativos.

A categoria sexual "curtidores de paneleiros" demonstrou as maiores incompatibilidades entre os quatro critérios sexuais dessa pesquisa: prática, orientação, identidade e auto-identidade sexual. Por exemplo, alguns "curtidores" que tinham práticas sexuais quase que exclusivas com outros homens ("paneleiros"), que preferiam tran-

sar ativamente com outros homens ("paneleiros") e que se reconheciam como muito machos, eram percebidos socialmente como homens típicos. Como também, alguns "curtidores" que tinham práticas sexuais quase que exclusivamente com mulheres, que preferiam transar com mulheres e que eram reconhecidos socialmente como muito "machos", não se reconheciam como tal por não terem ainda se casado.

Nessa pesquisa, encontrou-se maior concordância ou correspondência entre a prática e a orientação sexual dos entrevistados do que em relação à identidade social e à auto-identidade. A identidade era mais relativa.

Pode-se concluir com isso, que os critérios "identidade" e "auto-identidade" avaliam predominantemente construções culturais acerca de uma prática sexual que pode estar atrelada a uma orientação sexual ou não. Assim sendo, encontraremos uma grande diversidade de identidades sexuais para práticas sexuais similares, principalmente para os que não estão nos extremos de uma orientação homossexual ou heterossexual. Já, para os extremos, parece que as construções culturais não conseguem sufocar a manifestação dessas orientações e identidades.

Tal situação demonstra a importância de se distinguir esses quatro critérios para as próximas pesquisas sobre sexualidade humana, como também, a maior dificuldade de se usar os dados referentes aos dois últimos critérios (identidade e auto-identidade) nas comparações transculturais - o que não inviabiliza tais comparações.

As maiores implicações dessa pesquisa para a discussão "cultura versus natureza", são as evidências até agora colocadas e discutidas que demonstraram a improbabilidade da arbitrariedade do comportamento sexual humano, apesar da extrema relatividade cultural. No que se refere às identidades, deve-se dispensar maior atenção a pesquisas que procurem também por similaridades, além das diferenças quanto a conceitos de "identidade" que ressaltam a diversidade sexual e cultural. Como exemplo, pode-se repensar o caso citado por Dickmann (1993), que argumenta o poder da cultura em decidir a identidade homossexual imposta ao filho mais jovem das famílias medievais. Apesar do relato da autora sobre esse costume medieval, com certeza os indivíduos que foram colocados nessa situação, devem ter reagido de formas bastante distintas. Os que tivessem uma orientação entre os extremos ou mais próxima do extremo homossexual provavelmente se adaptariam melhor a essa imposição cultural.

O que se pode concluir a partir dessa pesquisa e a partir de muitas outras aqui revisadas é que as influências biológicas existem e que os determinantes culturais são inquestionáveis quanto à sexualidade humana. O que se sugere para discussão futura, no campo da sexualidade humana, são respostas do tipo:

1) Onde estão as fronteiras entre o biológico e o cultural? (por exemplo, as orientações podem ser mais biológicas, enquanto as identidades e as práticas mais culturais)

2) De onde surgiram as diferenças biológicas quanto a sexualidade humana ? (influências de gens, hormônios, etc)

3) O porquê de haverem diferenças biológicas? (Haveria um valor adaptativo?)

4) O porquê de existirem diferenças culturais? (Por que uma cultura constrói a sua sexualidade de acordo com os padrões "mediterrâneos", por exemplo?)

Discordando assim de Lévi-Strauss, que sugere a impossibilidade de se separar natureza e cultura numa discussão causal devido à invisibilidade de fatores, sejam eles biológicos ou culturais, proponho que se amplie o universo explicativo das distintas metodologias pensando em termos mais diversificados. Os temas "periféricos" as vezes rendem melhores resultados do que as tentativas de se abordar diretamente o que interessa.

As pesquisas sobre sexualidade humana tem aumentado nas últimas décadas, em resposta a questões sérias e polêmicas que as atuais relações sociais tem nos colocado. Não se trata apenas de estudar a AIDS, mas também de fornecer mais subsídios para se discutir a diferença: homem X mulher, homossexuais X heterossexuais, monogamia X poligamia e muitas outras. Diferenças que devem co-existir, pois constituem a riqueza cultural da nossa espécie.

BIBLIOGRAFIA

- A prosa e o verso do pescador. Florianópolis, Editora da UFSC e ACARPESC, 1985.
- ALLEN, Laura & GORSKI, Roger. Sexual orientation and the size of the anterior commissure in the human brain. Proceedings of the National Academy of Sciences, vol. 89: 7199-7202, 1992.
- AQUINO, Luis. Meu nome é legião porque somos muitos... . Belo Horizonte, XVIII Reunião da ABA, 1992.
- BADINTER, Elisabeth. O Mito do Amor Materno. Rio de Janeiro, Novas Fronteiras, 1985.
- BAILEY, Michael & PILLARD, Richard. A genetic study of male sexual orientation. Arch Gen Psychiatry, vol. 48: 1089-1096, 1991.
- BAILEY, Michael et alli. Heritable factors influence orientation in women. Arch Gen Psychiatry, vol. 50: 217-223, 1993.
- BOZMAN, Alan & BECK Gayle. Covariation of sexual desire and sexual arousal: the effects of anger and anxiety. Archives of Sexual Behavior, vol. 20 (1): 47-60, 1991.
- CENSO DEMOGRAFICO 1991. FIBGE. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1992. p. 85.
- CREED, Gerald. Sexual subordination: institutionalized homosexuality and social control in Melanesia. Ethnology, vol. 23 (3): 157-176 , 1989.
- DALY, Christopher. . Study of twins suggests lesbianism has a genetic component. The Washington Post, monday, march 15th, 1993, pg. A3.
- DICKMANN, Mildred. Reproductive strategies and gender construction: an evolutionary view of homosexualities In: If you seduce a straight person can you make them gay?: biological essentialism versus constructionism in gay and lesbian identities. New York, Haworth Press, p. 55-71.
- ESTIMATIVA POPULACIONAL DE 1992. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Ministério da Economia, Fazenda e Planejamento.
- EVANS-PRITCHARD, E. Sexual inversion among the Azande. American Anthropologist, vol. 72: 1428-1434 , 1970.
- FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade I: a Vontade de Saber. Rio de Janeiro, Graal, 1990.

- História da Sexualidade II: o Uso dos Prazeres. Rio de Janeiro, Graal, 1990.
- História da Sexualidade III: o Cuidado de Si. Rio de Janeiro, Graal, 1990.
- FREUD, Sigmund. Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade. Rio de Janeiro, Imago, 1973.
- FRY, Peter. Para Inglês Ver. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.
- GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- GERBER, Rose Mary. Uma introdução à memória histórica de Ganchos através do relato oral dos idosos. Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Gerontologia. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 1993.
- GOTESTAM, Olof. Handedness, dyslexia and twinning in homosexual men. International Journal Neuroscience, vol.63: 179-186, 1992.
- GRADY, Denise. The brains of gay mem. Discover. January, 1992, pg. 29.
- GREEN R.. Sexual identity of 37 children raised by homosexual or transexual parents. American Journal of Psychiatry, vol. 135: 692-697, 1978.
- GROSSI, Miriam & MIGUEL, Sonia. A trajetória do conceito de gênero nos estudos sobre a mulher na Brasil. Florianópolis, XVII Reunião da ABA, 1990.
- HARRIS, Marvin. A Natureza das Coisas. Rio de Janeiro, Civilização brasileira, 1968.
- HERDT, Gilbert. Mistaken gender: 5-Alpha reductase hermaphroditism and biological reductionism in sexual identity re-considered. American Anthropologist, vol.92:433-446, 1990.
- HOCKENBERRY, L. & BILLINGHAM, E. Sexual orientation and boyhood gender conformity: development of the boyhood gender conformity scale (BGCS). Archives of sexual behavior, vol. 16 (6): 475-487, 1987.
- HOROWITZ, Alexander & FOUIGNER, Elaine. São Paulo, Isto é, número: 1226: 61, 31/03/93.
- KEEN, Lisa. Twin sister study yields more evidence of a genetic origin. Washington Blade, october, 23 th, 1992.
- KIMURA, Doreen. Sex difference in the brain. Scientific American (special issue), September, vol. 267 (3): 80-87, 1993.

- KING, Michael & McDONALD, Elizabeth. Homosexuals who are twins: a study of 46 probands. British Journal of psychiatry, vol. 160: 407-409, 1992.
- KINSEY, Alfred. Sexual Behavior in the Human Male. Philadelphia/London, W. B. Saunders Company, 1948.
- KNAUFT, Bruce. Text and social practice: narrative "longing" and bisexuality among the Gebusi of New Guinea. Ethos, vol. 14 (3): 252-281, 1986.
- LACERDA, Eugênio. Farra do boi: a História e a polêmica In: Dionísio em Santa Catarina: Ensaio sobre a Farra do Boi (org. BASTOS, Rafael Menezes). Florianópolis, EdUFSC/FCC, 1992 (no prelo).
- LANCASTER, Roger. Subject honor and object shame: the construction of male homosexuality and stigma in Nicaragua. Ethnology, vol. 27 (2): 111-125, 1988.
- LEITE, Octávio. Homossexualismo masculino, lateralidade cerebral, imunologia e Aids. Associação Brasileira Psicologia, vol. 40 (1): 17-31, 1988.
- LE VAY, Simon. A difference in hypothalamic structure between heterosexual and homosexual men. Science, vol. 253 (30): 1034-1037, 1991.
- LIMA, Delcio. Comportamento Sexual do Brasileiro. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1976.
- MALINOWSKI, Bronislaw. A Vida Sexual dos Selvagens. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1983.
- MEAD, Margaret. Sexo e Temperamento. São Paulo, Perspectiva, 1988.
- MOTT, Luiz. Pagode português: a subcultura gay em Portugal nos tempos inquisitoriais. Ciência e Cultura, vol. 40 (2): 120-139, 1988.
- NANDA, Serena. The Hijras of India: cultural and individual dimensions of an institutionalized third gender role In: The Many Faces of Homosexuality: Anthropological Approach to Homosexual Behavior, (org. Evelyn Blackwood). New York, Harrington press, 1986.
- OPITZ, John. Comments on some genetics abnormalities of sex determination and sex differentiation in "homo sapiens". European Journal of Pediatrics, vol. 133: 77-91, 1980.
- PARKER, Richard. Latin America: bisexuality fuels the AIDS plague. Newsweek, September 27, 1993, p.21
- PEREIRA, Eliana. Estudo molecular e revisão de conceitos na reversão sexual XX e XY e na disgenesia gonadal mista.

Tese de doutorado, Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1992.

POLANI, Paul. Some experiments of nature with sex. British Journal Psychiatry, vol. 125: 559-567, 1974.

QUAGLIA, Dorina. O Paciente e a Intersexualidade: Aspectos Clínicos, Endócrinos, Anátmo-patológicos e Genéticos. São Paulo, Sarvier, 1980.

SALDANHA, P. O Método dos Gêmeos. São Paulo, Edart, 1967.

----- Entrevista concedida à matéria "Como nasce um gay". São Paulo, Isto É, número: 1226: 62 de 31/03/1993.

SANTOS, Sílvio C.. A zona rural da Ilha de Santa Catarina In: Ensaio sobre sociologia e desenvolvimento em Santa Catarina, SANTOS Sílvio (org.). Florianópolis, Edeme, 1971.

SCHMITT, Arno & SOFER Jehoeda. Sexuality and eroticism among males in moslem societies. New York, Harrington Park Press, 1992.

SILVA FILHO, A. Carlos. Perversões Sexuais: um Estudo Psicanalítico. São Paulo, EPU, 1987.

SINOPSE DO CENSO DEMOGRAFICO DE 1991. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Ministério da Economia, Fazenda e Planejamento.

STOLLER, ROBERT. Masculinidade e Feminilidade: Apresentação do Gênero. Porto Alegre, Artes Médicas, 1993.

The economist. December 5th, 1992, pg. 87/88.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Araweté: os Deuses Canibais. Rio de Janeiro, Zahar, 1986.

WERNER, Dennis. Culturas Humanas: Comida, Sexo e Magia. Petrópolis, Vozes, 1990.

----- Variação cultural na sexualidade humana. Sexus, 1990.

WHITAM, Frederick. Culturally invariable properties of male homosexuality: tentative conclusions from cross-cultural research. Archives of sexual behavior, vol. 12 (3): 207-226, 1983.

----- Childhood cross-gender behavior of homosexual females in Brazil, Peru, the Philippines, and the United States. Archives of sexual behavior, vol. 20 (2): 151-170, 1991.

WIKAN, Unni. Man becomes woman: transexualism in Oman as a key to gender roles. Man, vol. 12: 304-319, 1977.

WILSON, G. Segredos da fantasia sexual. São Paulo, Raiz, s/d.

XAVIER, Telmo Paganl. Métodos de ensino em Educação Física.
São Paulo, Monole, 1986.

A N E X O I

Homossexualidade: distintos parâmetros, distintos olhares:

Parâmetros construtivistas:

TABELA III - CRITÉRIOS CONSTRUTIVISTAS.

-----I	-----I	-----I
I	I	I
autores	critérios	I
-----I	-----I	-----I
I Mead (1988)	I papéis sexuais	I
I	I bases naturais hipotéticas	I
-----I	-----I	-----I
I Evans-Pritchard (1970)	I papel social	I
I	I sexo morfológico	I
I	I gênero	I
I	I identidade transitória	I
I	I prática sexual	I
-----I	-----I	-----I
I Malinowski (1982)	I prática sexual	I
I	I função	I
-----I	-----I	-----I
I Freud (1973)	I tipo de objeto de desejo	I
I	I pulsão sexual	I
-----I	-----I	-----I
I Lima (1976)	I normalidade	I
I	I gênero	I
I	I orientação sexual	I
I	I prática sexual	I
I	I sexo morfológico	I
-----I	-----I	-----I
I Fry (1982)	I sexo morfológico	I
I	I papel de gênero	I
I	I comportamento sexual	I
I	I orientação sexual	I
-----I	-----I	-----I
I Mott (1988)	I papéis sexuais	I
I	I estigma	I
I	I gênero	I
I	I comportamento sexual	I
-----I	-----I	-----I
I Lancaster (1988)	I papel sexual	I
I	I hierarquia sexual	I
I	I gênero	I
I	I estigma	I
-----I	-----I	-----I
I Creed (1989)	I papel social	I
I	I prática sexual	I
-----I	-----I	-----I
I Knauff (1986)	I prática sexual	I
I	I fantasia sexual	I
I	I orientação sexual	I
-----I	-----I	-----I
I Aquino (1992)	I sexo morfológico	I

I	I	gênero	I
I	I	prática sexual	I
I	I	comportamento sexual	I
I	I	-----	I
I	I	Wikan (1977)	I
I	I	gênero	I
I	I	prática sexual	I
I	I	papel social	I
I	I	pureza	I
I	I	-----	I
I	I	Nanda (1986)	I
I	I	gênero	I
I	I	sexo morfológico	I
I	I	pureza	I
I	I	prática sexual	I
I	I	sagrado	I
I	I	papel social	I
I	I	-----	I
I	I	Viveiros de Castro	I
I	I	(1986)	I
I	I	conjugalidade	I
I	I	mutualidade conjugal	I
I	I	matiz homossexual	I
I	I	-----	I
I	I	Ford & Beach apud	I
I	I	Werner (1990)	I
I	I	iniciação sexual	I
I	I	-----	I
I	I	Stoller (1993)	I
I	I	sexo morfológico	I
I	I	gênero	I
I	I	papel social	I
I	I	orientação sexual	I
I	I	-----	I
I	I	Herdt (1990)	I
I	I	sexo genético (dois)	I
I	I	sexo morfológico (dois)	I
I	I	gênero (três)	I
I	I	orientação sexual	I
I	I	-----	I
I	I	Badinter (1985)	I
I	I	identidade de papéis	I
I	I	constructos sociais	I
I	I	-----	I
I	I	Grossi (1990)	I
I	I	gênero	I
I	I	-----	I
I	I	Foucault (1990)	I
I	I	práticas sexuais com rapazes	I
I	I	práticas sexuais com mulheres	I
I	I	posição na prática sexual	I
I	I	-----	I
I	I	-----	I
I	I	-----	I

A N E X O II

Parâmetros essencialistas:

TABELA IV - CRITÉRIOS ESSENCIALISTAS.

autores	critérios
Money & Ehrhardt apud Werner (1990)	código ou sexo genético
Allen & Gorski (1992)	tamanho da comissura anterior do feixe de neurônios que une os dois hemisférios cerebrais
Le Vay (1991)	tamanho do hipotálamo
Ehrhardt & Bahlleurg apud Werner (1990)	sexo morfológico identidade de gênero orientação sexual
Kinsey (1948)	sexo morfológico frequência de práticas sexuais orientação sexual fantasia sexual
Saldanha (1967)	normal e patológico prática sexual - orientação fator genético meio social
Bailey (1991)	orientação sexual fator genético
Horowitz & Fougner (1993)	orientação sexual fator genético - não identificado
Hockenberry & Billingham (1987)	gênero orientação sexual preferência por determinadas atividades
Leite (1988)	nível de interssexualidade incongruências entre as taxionomias de sexo biológico
Quaglia (1980)	sexo genético sexo gonadal sexo corpóreo características sexuais secundárias
Filho (1987)	hermafroditismo decisão por um sexo orientação sexual

I Konner apud Werner I (1990)	I efeitos hormonais I papéis sexuais	I I
I White et alli apud I (1990)	I divisão do trabalho I papéis sexuais	I I
I Starka et alli e Bro- I die apud Werner (1990)	I níveis de testosterona	I I
I Whitam (1983)	I ato homossexual I orientação homossexual	I I
I Werner (1990)	I identidade social I papel na prática sexual I transitoriedade	I I I
I Kimura (1993)	I especialização do cérebro I habilidades comportamentais I dimórficas	I I I
I Wilson (19--)	I orientação sexual I fantasia sexual I sexo morfológico I identidade sexual I posição na prática sexual I ação hormonal I libido	I I I I I I I
I Gotestam (1992)	I identidade sexual I sexo morfológico I lateralidade	I I I
I Bozman & Beck (1991)	I desejo sexual I excitação sexual	I I
I Pereira (1992)	I determinação primária do sexo I diferenciação gonadal I hermafrodita verdadeiro I disgenesia gonadal mista e pura I sequências de DNA no cromossomo Y I gene SRY	I I I I I I

A N E X O III

Roteiro de entrevista:

Como parte do meu trabalho na Universidade Federal de Santa Catarina estou realizando uma pesquisa aqui em Governador Celso Ramos a respeito da vida em geral das pessoas, e especialmente a respeito da sexualidade dos homens. Gostaria de lhe fazer algumas perguntas sobre a sua vida. As suas respostas serão mantidas em sigilo. Em nenhum momento serão divulgadas informações que possam identificá-lo. Agradeceria a sua cooperação.

Dados pessoais:

Lugar de nascimento: _____

Ano de nascimento: _____

Quem morava em sua casa quando era criança?

ano lugar nomes

ano	lugar	nomes
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____

	EGO	MAE	PAI							
PARENTE.	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____
IDADE	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____
SEXO	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____
ESCOLAR.	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____
PROFISS.	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____	_____

I - Prática sexual:

Infância:

1) Que tarefas fazia no dia-a-dia para ajudar os pais? (primeira pergunta aberta)

Com quem fazia?

Onde?

Eu gostaria que você relacionasse essas atividades do dia-a-dia (cartões) em ordem de preferência. Você poderia organizá-las de forma a mostrar o que mais gostava de fazer em casa?

A _____ B _____ C _____ D _____ E _____ F _____ G _____ H _____ I _____ J _____.

2) Além das tarefas domésticas, do que gostava de brincar? (primeira pergunta aberta)

Quem brincava junto?

Você brincava de se vestir com roupa, sapato, jóias, bolsa ou maquiagem da mãe ou irmãs?

() sim () não

Eu gostaria que você relacionasse essas brincadeiras (cartões) em ordem de preferência. Você poderia organizá-las de acordo com a sua preferência? O que gostava mais de fazer? O que gostava menos de fazer?

A__ B__ C__ D__ E__ F__ G__ H__ I__ J__ L__ M__ N__ O__ P__ Q__ R__.

Nessas brincadeiras de criança brincava de pegar no pau (ou na bunda ou nos peitinhos) dos outros? Como era?

Quem era o mais assanhado?

Vocês se divertiam? Explique:

Vocês chegavam a ficar excitados? Explique:

Faziam brincadeiras pra ver quem tinha o pau maior, por exemplo?

Que outras?

Quem participava?

Que idades tinham?

Quando brincavam dessas coisas o que você mais gostava de fazer? Dê exemplos.

Qual amigo de infância gostava mais dessas brincadeiras sexuais? Como ele era?

3) Quando criança você alguma vez viu os seus pais transando? Como foi?

Viu outras pessoas? Como foi?

Você gostava mais das conversas sobre sexo das mulheres ou dos homens?

O que mais gostava de ouvir?

Adolescência:

4) Quais os divertimentos que mais gostava? (primeiro pergunta aberta)

Com quem andava nas festas?

Quando aconteciam essas festas (dias e horários)?

Como acabavam essas festas?

Eu gostaria que você enumerasse, em ordem de preferência, as coisas que mais gostava de fazer numa festa (cartões). Você poderia indica-las em ordem de preferência?

A ___ B ___ C ___ D ___ E ___ F ___ G ___ H ___ I ___ J ___.

5) Você gostava de se masturbar, bater punheta?

Como fazia?

Com que frequência?

Onde fazia?

Fazia só ou acompanhado?

Você costumava ver revistinhas de sacanagem?

Só ou acompanhado?

Com que idade você transou pela primeira vez?

Foi com um homem, uma mulher ou um viado?

Onde?

Você já transou alguma vez com um estranho?

Como foi?

Era um rapaz ou uma guria?

Você tinha alguém, um parceiro ou parceira fixo?

Era mais velho ou mais novo que você?

Você já foi alguma vez na zona?

O que fez por lá?

Estava sozinho?

Você já foi alguma vez na casa de um viado?

O que fez por lá?

Estava sozinho?

Quantas vezes já transou com mulheres () , com viados () , com homens () .

Maturidade:

6) E depois que casou, como ficou a vida nessas coisas de sexo? Explique.

Depois de casado continuou a transar com outras pessoas?

Mais com homens, mulheres ou viados?

Onde aconteceram estas transas?

Você ainda gosta de se masturbar, ou bater punheta?

7) Na sua opinião os guris novos que gostam de transar com os homens preferem os casados ou solteiros? Por quê?

Na sua opinião quem é melhor de cama um viado ou uma mulher?

Na sua opinião quem entende mais sobre as coisas que um homem gosta de fazer na cama um viado ou uma mulher?

II - Orientação sexual (as coisas que mais excitam sexualmente):

1) Quando você ficava olhando as revistinhas de sacanagem, ou pensando sobre sexo, o que lhe dava mais tesão? (primeiro aberta)

Agora eu vou lhe mostrar algumas fotos picantes (cartões). Você poderia organizá-las de forma a mostrar qual delas te dá mais tesão?

A ___ B ___ C ___ D ___ E ___ F ___ G ___ H ___ I ___ J ___ L ___ M ___ N ___ O ___ P ___ Q ___.

2) Quando você se masturba em que pensa? O que gosta de imaginar?

Em que posições sexuais se imagina?

O que mais te excita: chupar (), ser chupado (), dar () ou comer () ?

O que mais te excita: chupar uma buceta (), um cú (), os peitos () ou um pau () ?

O que mais te excita: ser chupado no pau (), no cú () ou nos peitos () ou em outro lugar (), qual?

O que mais te excita: comer uma buceta (), um cú () ou uma boca () ?

O que mais te excita: dar para uma mulher () ou comer uma mulher () ?

3) Quais foram as experiências sexuais mais excitantes que você já teve?

Você acha excitante ir na zona?

Você acha excitante ir na casa de um viado?

Você acha excitante comer um viado?

Você já beijou um viado?

4) Você acha excitante transar com um estranho?

() sim () não

O que imaginou?

Você já se imaginou transando com várias pessoas ao mesmo tempo?

Te excita a idéia de ser forçado a fazer sexo com alguém?

Te excita a idéia de forçar alguém a fazer sexo com você?

5) Você tem vontade de fazer sexo com alguém muito mais velho que você? () sim () não

Você tem vontade de fazer sexo com alguém muito mais novo que você? () sim () não

III - Identidade sexual:

1) Dados sociais:

Estado civil: _____.

Número de filhos: _____.

2) Quando criança preferia brincar com os meninos (), com as meninas () ou com os dois ()?

Preferia os jogos das meninas () ou dos meninos ()?

Quando você era criança, você queria ser um campeão esportivo? () sim () não

De que modalidade?

Gostava de ler ou ver histórias de aventuras ou histórias esportivas?

Já foi considerado um viado pelos colegas de infância? () sim () não

Prestava atenção na moda feminina, na forma como as mulheres se vestiam? () sim () não

3) O que é ser homem para você?

Como se sabe se alguém é homem mesmo?

Que atividade do dia-a-dia te faz sentir mais homem?

Se você não fosseo que gostaria de ser profissionalmente?

Você gosta de fazer decoração?

Quando um homem deixa de ser macho?

Todo homem tem que casar?

4) O que você faz quando as pessoas ficam sabendo das suas transas?

Como você sabe que alguém é viado?

Na sua opinião o que gosta de fazer um viado?

O que é que um viado faz que um homem não faria?

Todo homem delicado é viado?

5) Você conhece alguém que todo mundo sempre o identificou desde criança como viado?

Como era?

E hoje ele é realmente viado ou não? Como você sabe?

6) Você se acha:

- | | | | |
|----------------|-----------|-----------|----------|
| a) bonito | muito () | pouco () | nada () |
| b) caseiro | muito () | pouco () | nada () |
| c) romântico | muito () | pouco () | nada () |
| d) sensível | muito () | pouco () | nada () |
| e) trabalhador | muito () | pouco () | nada () |
| f) divertido | muito () | pouco () | nada () |
| g) tímido | muito () | pouco () | nada () |

7) Se você fosse escolher uma das atividades abaixo qual você escolheria? Escolha somente uma?

(auto-avaliação motora: MB/B/R)

- | | |
|-----------------|-----|
| () futebol | () |
| () basquetebol | () |
| () natação | () |
| () teatro | () |
| () dança | () |

8) Você se acha: () muito homem
() mais ou menos homem
() pouco homem

9) E os seus parceiros acham que você é: () muito homem
() mais ou menos
() pouco homem

IV - BATE-BOLA:

1) Você é convidado por mulheres para transar?
pouco () muito () nunca ()

2) Você é convidado por viados para transar?

pouco () muito () nunca ()

cú? 3) Quando está transando gosta que mexam na sua bunda, no seu
pouco () muito () nunca ()

4) Quando está transando: você espera pelo parceiro ou par-
ceira para gozar junto?
às vezes () sempre () nunca ()

às vezes () sempre () você gosta de ficar por cima?
nunca ()

pouco () muito () você é agressivo?
nunca ()

5) Você precisa beber para transar?
pouco () muito () nunca ()

6) Sente prazer em bater na parceira ou parceiro durante o
ato sexual?
pouco () muito () nunca () E faz?

7) Sente prazer em ser batido pela parceira ou parceiro du-
rante o ato sexual?
pouco () muito () nunca () E deixa?

8) Quanto às fotos que você olhou agora pouco, você lembra:
a) a cor dos pentelhos?
b) se tinha os peitos caídos?
c) se tinha pêlos?

A N E X O IV

Pesquisa de opinião pública (amostragem):

Prática sexual (como são e o que fazem)

- 1) Transam com homens: (sexo do parceiro)
- 2) Dão para homens: (posição no ato)
- 3) Comem homens: (posição no ato)
- 4) Comem mulheres: (posição no ato)
- 5) São mais femininos: (gênero)
- 6) São mais masculinos: (gênero)
- 7) Tem relacionamentos duradouros: (papel social)
- 8) Transam com guris novos: (faixa etária)

Orientação sexual (o que preferem)

- 9) Se excitam quando transam com homens: (sexo do parceiro)
- 10) Se excitam quando dão para homens: (posição no ato)
- 11) Se excitam quando comem homens: (posição no ato)
- 12) Se excitam quando comem mulheres: (posição no ato)
- 13) Gostam de atividades femininas: (gênero)
- 14) Preferem ficar solteiros: (papel social)

Identidade (como se vêem)

- 15) Tem dinheiro (casa, móveis, carro, moto):
- 16) São paneleiros:
- 17) Se assumem paneleiros:
- 18) São homens mesmo:
- 19) Acham-se mais femininos:
- 20) Acham-se mais masculinos:
- 21) Tem amigos:
- 22) São respeitados:
- 23) São agressivos:
- 24) São bonitos:
- 25) São generosos:
- 26) Bebem ou fumam maconha:

AMOSTRAGEM	NADA		POUCO		MUITO	
	1	2	3	4	5	6
FULANO 1 (21 ANOS)	1	2	3	4	5	6
FULANO 2 (20 ANOS)	1	2	3	4	5	6
FULANO 3 (27 ANOS)	1	2	3	4	5	6
FULANO 4 (18 ANOS)	1	2	3	4	5	6
FULANO 5 (29 ANOS)	1	2	3	4	5	6
FULANO 6 (24 ANOS)	1	2	3	4	5	6
FULANO 7 (17 ANOS)	1	2	3	4	5	6
FULANO 8 (17 ANOS)	1	2	3	4	5	6
FULANO 9 (18 ANOS)	1	2	3	4	5	6
FULANO 10 (16 ANOS)	1	2	3	4	5	6
FULANO 11 (20 ANOS)	1	2	3	4	5	6
FULANO 12 (18 ANOS)	1	2	3	4	5	6
FULANO 13 (16 ANOS)	1	2	3	4	5	6
FULANO 14 (19 ANOS)	1	2	3	4	5	6
FULANO 15 (24 ANOS)	1	2	3	4	5	6
FULANO 16 (19 ANOS)	1	2	3	4	5	6
FULANO 17 (20 ANOS)	1	2	3	4	5	6
FULANO 18 (27 ANOS)	1	2	3	4	5	6
FULANO 19 (20 ANOS)	1	2	3	4	5	6
FULANO 20 (20 ANOS)	1	2	3	4	5	6
FULANO 21 (28 ANOS)	1	2	3	4	5	6
FULANO 22 (28 ANOS)	1	2	3	4	5	6
FULANO 23 (23 ANOS)	1	2	3	4	5	6
FULANO 24 (30 ANOS)	1	2	3	4	5	6
FULANO 25 (17 ANOS)	1	2	3	4	5	6

FULANO 26 (19 ANOS)	1	2	3	4	5	6
FULANO 27 (17 ANOS)	1	2	3	4	5	6
FULANO 28 (22 ANOS)	1	2	3	4	5	6
FULANO 29 (22 ANOS)	1	2	3	4	5	6
FULANO 30 (21 ANOS)	1	2	3	4	5	6
FULANO 31 (23 ANOS)	1	2	3	4	5	6
FULANO 32 (32 ANOS)	1	2	3	4	5	6
FULANO 33 (24 ANOS)	1	2	3	4	5	6
FULANO 34 (22 ANOS)	1	2	3	4	5	6
FULANO 35 (28 ANOS)	1	2	3	4	5	6
FULANO 36 (38 ANOS)	1	2	3	4	5	6
FULANO 37 (50 ANOS)	1	2	3	4	5	6
FULANO 38 (33 ANOS)	1	2	3	4	5	6
FULANO 39 (29 ANOS)	1	2	3	4	5	6
FULANO 40 (35 ANOS)	1	2	3	4	5	6
FULANO 41 (41 ANOS)	1	2	3	4	5	6

A N E X O V

Pesquisa de opinião pública (valores culturais):

	Feminino					mais ou menos		Masculino
1) Tarefas do dia-a-dia:								
Cuidar de passarinho	0	1	2	3	4	5	6	
Buscar lenha	0	1	2	3	4	5	6	
Fazer rede	0	1	2	3	4	5	6	
Levar os irmãos p/a escola	0	1	2	3	4	5	6	
Capinar	0	1	2	3	4	5	6	
Fazer compras	0	1	2	3	4	5	6	
Limpar peixe	0	1	2	3	4	5	6	
Preparar comida	0	1	2	3	4	5	6	
Varrer casa	0	1	2	3	4	5	6	
Lavar louça	0	1	2	3	4	5	6	
Ajudar na pesca	0	1	2	3	4	5	6	
Cuidar dos animais	0	1	2	3	4	5	6	
Molhar as plantas	0	1	2	3	4	5	6	
Lavar e passar roupa	0	1	2	3	4	5	6	
Fazer caixinha	0	1	2	3	4	5	6	
Vender picolé	0	1	2	3	4	5	6	
Cortar grama	0	1	2	3	4	5	6	
Descascar camarão	0	1	2	3	4	5	6	
Plantar/Roça	0	1	2	3	4	5	6	
Limpar carro	0	1	2	3	4	5	6	
2) Brincadeiras de criança:								
Luta	0	1	2	3	4	5	6	

Farra de boi	0	1	2	3	4	5	6
Jujú	0	1	2	3	4	5	6
Caçar passarinho	0	1	2	3	4	5	6
Pipa	0	1	2	3	4	5	6
Pião	0	1	2	3	4	5	6
Bolinha de gude	0	1	2	3	4	5	6
Pau no ombro	0	1	2	3	4	5	6
Brincar de filme	0	1	2	3	4	5	6
Perna de lata	0	1	2	3	4	5	6
Roda	0	1	2	3	4	5	6
Pular corda	0	1	2	3	4	5	6
Matar	0	1	2	3	4	5	6
Burra	0	1	2	3	4	5	6
Boneca	0	1	2	3	4	5	6
Correr calha	0	1	2	3	4	5	6
Carretão	0	1	2	3	4	5	6
Casinha	0	1	2	3	4	5	6
Carrinho	0	1	2	3	4	5	6
Banho de rio	0	1	2	3	4	5	6
Carambota	0	1	2	3	4	5	6
Cozinhadinho	0	1	2	3	4	5	6
Selva	0	1	2	3	4	5	6
Bicicleta	0	1	2	3	4	5	6
Boi de campo	0	1	2	3	4	5	6
Mascarado	0	1	2	3	4	5	6
Barquinho	0	1	2	3	4	5	6
Brincar na areia	0	1	2	3	4	5	6
Banho de mangueira	0	1	2	3	4	5	6

Bate lata	0	1	2	3	4	5	6
Fazer cabaninha	0	1	2	3	4	5	6
3) Divertimentos na adolescência:							
Paquerar	0	1	2	3	4	5	6
Dançar	0	1	2	3	4	5	6
Punheta	0	1	2	3	4	5	6
Pescar	0	1	2	3	4	5	6
Mergulhar	0	1	2	3	4	5	6
Acampar	0	1	2	3	4	5	6
Passear de barco	0	1	2	3	4	5	6
Bar	0	1	2	3	4	5	6
Praia	0	1	2	3	4	5	6
Tarrafear	0	1	2	3	4	5	6
Grupo jovem	0	1	2	3	4	5	6
Transar	0	1	2	3	4	5	6
Estudar	0	1	2	3	4	5	6
Fumar maconha	0	1	2	3	4	5	6
Igreja	0	1	2	3	4	5	6
Beber	0	1	2	3	4	5	6
Cinema	0	1	2	3	4	5	6
4) Esportes:							
Futebol	0	1	2	3	4	5	6
Basquetebol	0	1	2	3	4	5	6
Voleibol	0	1	2	3	4	5	6
Natação	0	1	2	3	4	5	6
Teatro	0	1	2	3	4	5	6
Dança	0	1	2	3	4	5	6
Surfe	0	1	2	3	4	5	6

5) Papéis sociais em festas:

Mostrar uma roupa nova	0	1	2	3	4	5	6
Dançar separado	0	1	2	3	4	5	6
Falar de futebol	0	1	2	3	4	5	6
Fazer churrasco	0	1	2	3	4	5	6
Cuidar do som	0	1	2	3	4	5	6
Servir comida	0	1	2	3	4	5	6
Conversar com os homens	0	1	2	3	4	5	6
Conversar com as mulheres	0	1	2	3	4	5	6
Fazer comida	0	1	2	3	4	5	6
Dançar junto	0	1	2	3	4	5	6

A N E X O VI

Lista de Variaveis

SIM= 1 NAO= 0

A. PRATICA

- P1. Nasceu fora?
- P2. Quanto tempo reside no local:
- P3. Ano de nascimento:
- P4. Número de irmãos:
- P5. Número de irmãs:
- P6. Ranque na família (1,2,3,4,5,6,7,8):
- P7. É biscateiro?
- P8. Caiqueiro ou melhor?
- P9. Completou o primeiro grau?
- P10. Completou o segundo grau?
- P11. Média masculinidade X tarefa:
- P12. Tarefas com o pai?
- P13. Local das tarefas (0= só em casa, 1= em casa e fo-
ra, 2=fora de casa):
- P14. Tarefa A:
- P15. Tarefa B:
- P16. Tarefa C:
- P17. Tarefa D:
- P18. Tarefa E:
- P19. Tarefa F:
- P20. Tarefa G:
- P21. Tarefa H:
- P22. Tarefa I:
- P23. Tarefa J:
- P24. Média brincadeiras X Masculinidade:
- P25. Brincava com: (0= só meninos, 1= ambos, 2= só meni-
nas):
- P26. Se vestia de mulher?
- P27. Brincadeira A:
- P28. Brincadeira B:
- P29. Brincadeira C:
- P30. Brincadeira D:
- P31. Brincadeira E:
- P32. Brincadeira F:
- P33. Brincadeira G:
- P34. Brincadeira H:
- P35. Brincadeira I:
- P36. Brincadeira J:
- P37. Brincadeira L:
- P38. Brincadeira M:
- P39. Brincadeira N:
- P40. Brincadeira O:
- P41. Brincadeira P:
- P42. Brincadeira Q:
- P43. Brincadeira R:
- P44. Teve brincadeiras sexuais com (0= só meninos, 1=am-

- bos, 2= só meninas):
- P45. Brincava de dar?
 - P46. Brincava de comer?
 - P47. Brincava de mexer?
 - P48. Gostava de brincar com viados?
 - P49. Viu os pais transando?
 - P50. Viu outras pessoas transando?
 - P51. Lembra das conversas de sexo dos homens?
 - P52. Lembra das conversas de sexo das mulheres?
 - P53. Média masculina de lazer:
 - P54. Ia pra festas em grupo?
 - P55. Ia pra festas só ou com apenas um amigo ou amiga?
 - P56. Atividade A:
 - P57. Atividade B:
 - P58. Atividade C:
 - P59. Atividade D:
 - P60. Atividade E:
 - P61. Atividade F:
 - P62. Atividade G:
 - P63. Atividade H:
 - P64. Atividade I:
 - P65. Atividade J:
 - P66. Gostava de se masturbar?
 - P67. Com que frequência: (0= não se masturbava, 1= menos de uma vez por dia, 2= uma vez por dia, 3= mais vezes por dia):
 - P68. Masturbava-se (0= fora de casa, 1= em casa, 2= ambos):
 - P69. Masturbava-se só?
 - P70. Masturbava-se com outros?
 - P71. Via revista só?
 - P72. Via revista em grupo?
 - P73. Idade da primeira transa?
 - P74. Transou primeiro com homem?
 - P75. Transou primeiro com mulher?
 - P76. Transou primeiro com viado?
 - P77. Transou com estranho homem?
 - P78. Transou com estranho mulher?
 - P79. Teve parceiro fixo mais velho?
 - P80. Teve parceiro fixo mais novo?
 - P81. Número de vezes que foi na zona: (0,1,2,3,4 ou mais):
 - P82. Bebeu na zona?
 - P83. Fumou na zona?
 - P84. Dançou na zona?
 - P85. Quantas vezes comeu mulher na zona? (0,1,2,3,4 ou mais):
 - P86. Ia só pra zona?
 - P87. Ia com amigos pra zona?
 - P88. Número de vezes que foi na casa de viado: (0,1,2,3,4 ou mais)
 - P89. Bebeu na casa de viado?
 - P90. Fumou na casa de viado?
 - P91. Comeu o viado?
 - P92. Foi só na casa de viado?
 - P93. Foi com outros na casa de viado?

- P94. Número de vezes que transou com mulheres:
(0,1,2,3,4 ou mais):
- P95. Número de vezes que transou com viados: (0,1,2,3,4
ou mais):
- P96. Número de vezes que transou com homens: (0,1,2,3,4
ou mais):
- P97. Viados preferem os homens solteiros?
- P98. Viados preferem os homens casados?
- P99. Viados entendem mais de sexo?

B. ORIENTAÇÃO

01. Falou mais de partes do corpo?
02. Falou mais do sexo da pessoa?
03. Falou mais da atividade/posição no sexo?
04. Falou em bunda ou cú?
05. Falou em buceta?
06. Falou em pentelho?
07. Falou em pau?
08. Falou mulher?
09. Falou homem?
010. Falou comer?
011. Falou dar?
012. Falou chupar?
013. Falou ser chupado?
014. Gravura A:
015. Gravura B:
016. Gravura C:
017. Gravura D:
018. Gravura E:
019. Gravura F:
020. Gravura G:
021. Gravura H:
022. Gravura I:
023. Gravura J:
024. Gravura L:
025. Gravura M:
026. Gravura N:
027. Gravura O:
028. Gravura P:
029. Gravura Q:
030. Excita chupar?
031. Excita ser chupado?
032. Excita dar?
033. Excita comer?
034. Excita chupar uma buceta?
035. Excita chupar um cú?
036. Excita chupar peitos?
037. Excita chupar um pau?
038. Excita ser chupado no pau?
039. Excita ser chupado no cú?
040. Excita ser chupado nos peitos?
041. Excita ser chupado em outro lugar?
042. Excita comer uma buceta?
043. Excita comer um cú?

- 044. Excita comer uma boca?
- 045. Excita dar pra uma mulher?
- 046. Excita comer uma mulher?
- 047. Zona é excitante?
- 048. Casa de viado é excitante?
- 049. Comer viado é excitante?
- 050. Já beijou um viado?
- 051. Excita transar com estranhos?
- 052. Se imaginou transando com varias pessoas?
- 053. Excita ser forçado no sexo?
- 054. Excita forçar no sexo?
- 055. Excita a idéia de transar com pessoas mais velhas?
- 056. Excita a idéia de transar com pessoas mais novas?

C. IDENTIDADE

- I1. Sentia-se melhor quando brincava com: (0= só meninos, 1= ambos, 2= só meninas):
- I2. Sentia-se melhor quando brincava com os jogos de meninas?
- I3. Queria ser um campeão esportivo?
- I4. Queria ser um campeão de futebol?
- I5. Queria ser um campeão de voleibol?
- I6. Queria ser um campeão de luta?
- I7. Gostava de estórias de aventuras?
- I8. Foi considerado viado quando criança?
- I9. Gostava de moda feminina?
- I10. Ser homem é ser masculino?
- I11. Ser homem é ser ativo no sexo?
- I12. Ser homem é ter respeito, ser honesto, ser trabalhador, ser responsável e ser casado?
- I13. Ser homem é ter liberdade?
- I14. Ser homem é beber?
- I15. Ser homem é ter coragem?
- I16. Ser homem é transar muito?
- I17. Ser homem é gostar de mulher?
- I18. Reconhece homens via trabalho?
- I19. Reconhece homens via prática sexual?
- I20. Reconhece homens via casamento?
- I21. Reconhecem homens via jeito (gênero)?
- I22. Nunca se sentiram homens?
- I23. Se sente mais homem jogando bola?
- I24. Se sente mais homem trabalhando?
- I25. Se sente mais homem transando (ativamente) ou batendo punheta?
- I26. Se sente mais homem ganhando mulher ou no jogo?
- I27. Se sente mais homem mergulhando?
- I28. Se sente mais homem fazendo atividades domésticas?
- I29. Que profissão desejaria ter: (média de masculinidade):
- I30. Gosta de decoração?
- I31. Homem que dá o rabo deixa de ser macho?
- I32. Homem que chupa pau deixa de ser macho?
- I33. Homem que usa roupa de mulher deixa de ser macho?
- I34. Homem com muita idade deixa de ser macho?

- I35. Homem que bebe muito deixa de ser macho?
 I36. Homem que brocha deixa de ser macho?
 I37. Homem que larga a mulher deixa de ser macho?
 I38. Homem irresponsável e que mente deixa de ser macho?
 I39. Homem que não arruma mulher deixa de ser macho?
 I40. Homem que beija e fica agarrando outros homens deixa de macho?
 I41. Homem com jeito muito feminino deixa de ser macho?
 I42. Homem que corta o pau deixa de ser macho?
 I43. Homem tem que casar?
 I44. Que atitude toma quando particularidades da vida ficam públicas: (0= não se importa, 1= se incomoda, 2=tira satisfações, 3= gosta, 4= disfarça ou desmente, 5=tem vergonha, 6=se afasta):
 I45. Reconhece viados via gênero?
 I46. Reconhece viados via prática sexual?
 I47. Reconhece viados via cantadas e forma de olhar?
 I48. Reconhece viados pela boca dos outros?
 I49. O que um viado mais gosta de fazer: (0= dar, 1=chupar, 2= dar e chupar):
 I50. Todo homem delicado é viado?
 I51. Você conheceu alguém que todos sempre identificaram como sendo viado desde criança?
 I52. E hoje ele é?
 I53. Você se acha bonito (0= nada, 1= pouco, 2= muito):
 I54. Você se acha caseiro (0= nada, 1= pouco, 2= muito):
 I55. Você se acha romântico (0= nada, 1= pouco, 2= muito):
 I56. Você se acha sensível (0= nada, 1= pouco, 2= muito):
 I57. Você se acha trabalhador (0= nada, 1= pouco, 2=muito):
 I58. Você se acha divertido (0= nada, 1= pouco, 2= muito):
 I59. Você se acha tímido (0= nada, 1= pouco, 2= muito):
 I60. Atividade preferida (0= dança, 1= teatro, 2= nataçãõ, 3= basquetebol, 4= futebol):
 I61. Na atividade preferida considera-se (0= regular, 1= bom, 2= muito bom):
 I62. Você se acha homem (0= nada, 1= pouco, 2= mais ou menos, 3 = muito):
 I63. E os seus parceiros te acham homem (0= nada, 1=pouco, 2 = mais ou menos, 3 = muito):

D. BATE-BOLA

- BABO1. Você é convidado por mulheres para transar? (0= nunca, 1= pouco, 2= muito).
 BABO2. Você é convidado por viados para transar? (0=nunca, 1= pouco, 2= muito).
 BABO3. No sexo gosta que mexam na bunda? (0= nunca, 1= pouco, 2= muito).
 BABO4. Espera pelo parceiro ou parceira para gozar? (0= nunca, 1= às vezes, 2= sempre).
 BABO5. Gosta de ficar por cima? (0= nunca, 1= às vezes,

2=sempre).

BAB06. É agressivo no sexo? (0= nunca, 1= às vezes, 2= sempre).

BAB07. Bebe para transar? (0= nunca, 1= pouco, 2= muito).

BAB08. No sexo sente prazer em bater? (0= nunca, 1=pouco, 2=muito).

BAB09. No sexo sente prazer em ser batido? (0= nunca, 1=pouco, 2= muito).

BAB010. No sexo bate no parceiro ou parceira?

BAB011. No sexo é batido pelo parceiro ou parceira?